Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

DOMINGO, 12 DE MARÇO DE 1972 - Nº. 17679 - ANO 51º - PREÇO 1$50

EDIÇÃO DE DOMINGO

Quase 200 milhões de impressões digitais

F.B.I. em carne e osso

DL dominical

HOWARD HUGHES "lover boy"

Um repórter penetrou na fortaleza do FBI em Washington e viu de perto, em carne e osso, os homens de J. Edgar Hoover. Primeira descoberta: dos arquivos daquela instituição de segurança constam quase 200 milhões de impressões digitais, para uma população de pouco mais de 203 milhões. Outra descoberta: os famosos «incorruptíveis», em caso de emergência, atiram para matar. «Outra atitude seria falta de cuidado» — explicam. **(Pág. 24)**

Páginas centrais

QUADRATIM

Aos colaboradores do «DL» junta-se hoje, e connosco regularmente continuará, a escritora Isabel da Nóbrega, que, desde há alguns anos, tem vindo a desenvolver, a par do seu trabalho de criação literária, uma permanente actividade jornalística de aspectos invulgares no nosso meio, pois as suas crónicas vieram criar um tipo de comunicação viva, de diálogo constante com os leitores. O nome de Isabel da Nóbrega e o título da sua secção, que para o «DL» se transfere — «Quadratim» — são notícia bastante. Ambos estarão aqui aos domingos, com pontualidade e verdade

LUMIAR E TAPADINHA JÁ ESTÃO A ARDER

DL desportos

Um campeonato que de ponta a ponta pertence ao Benfica volta a empolgar hoje as grandes «torcidas»: no Lumiar, um Sporting em busca de reabilitação enfrenta o Belenenses, e na Tapadinha o Atlético recebe o Vitória de Setúbal, segundo classificado. Jogadores dos quatro clubes falaram ao «DL»/Desporto, que hoje apresenta oito páginas recheadas de assuntos da mais viva actualidade

HOJE 32 PÁGINAS
VISADO PELA CENSURA

Diniz, Lino e Chico: o Sporting não pode voltar a perder

LINDA CRIOULA QUER CORRER MUNDO

Ela veio de Cabo Verde, chama-se Conceição e concorre à coroa de «Miss» Portugal. Filha de gente pobre, busca no certame um meio de promoção pessoal: quer ser manequim e correr o mundo. O repórter Eugénio Alves diz que ela, além de linda, é inteligente. **(pág 2)**

A Mosca PICA HOJE

NA RODA DAS MISSES

CRIOULA CONCEIÇÃO QUER SAIR PELO MUNDO

Texto de EUGÉNIO ALVES
Fotos de JOSÉ TAVARES

__Nasci há 19 anos em Assomada, aldeia de Santa Catarina, em Cabo Verde. Foi no mês de Julho. Meu pai que é enfermeiro, tem uma drogaria, onde minha mãe, de vez em quando, vai dar uma ajuda. Eu comecei, logo de pequena também, a levar remédios e até a vendê-los quando meu pai não podia. Nos momentos livres ia brincar com os meus amigos, andar à roda, fazer corridas__gosto muito de correr e nadar na praia.

FAMÍLIA

__Meus pais tiveram 8 filhos e hoje não têm nenhum junto deles. Um trabalha numa fazenda em Angola, outro é administrador no Norte de Moçambique, dois estão casados e trabalham na Holanda, um outro estuda línguas na Bélgica. Das raparigas, uma vive também na Holanda onde tem um restaurante e as restantes duas (eu e outra) estão em Cabo Verde mas fora de casa. Só nas férias é que os posso ir visitar, pois não é muito fácil deslocar-me da Praia, onde estou a estudar, a Assomada. Há 4 anos que lávivo, em casa duns parentes, perto do liceu.

A bela crioula

Quando vou vê-los ficam muito contentes. Eu sou a única filha que podem ver mais vezes. A outra é casada.

O PRIMEIRO VESTIDO

__Também tinha muito jeito para a costura, e o meu primeiro vestido tive de o fazer eu mesma. Foi por raiva.
Tinha-o pedido à minha irmã mas ela não me ligou, e não tive outro remédio senão despachá-lo de qualauer maneira. Sou muito persistente e sempre tenho conseguido aquilo que quero. Quando acabar o curso do Liceu, ou venho para Lisboa ou então para a Bélgica. Tenho lá um irmão e amigos, como aqui, aliás.

Logo se verá. Eu espero ser advogada e entretanto se fosse possível gostava (ao mesmo tempo que estudava) de ser manequim ou hospedeira de bordo. Gosto muito de viajar e, como hospedeira, sempre tinha essa possibilidade. E não seria nada de estranho. A minha família é de viajantes e emigrantes. O meu avô, que nasceu no Porto vive há muito no Brasil. Dizem que é rico, mas nunca se lembrou de nós. E parece que um dos bisavós era um francês, que correu o mundo. Eu concorro sobretudo pela possibilidade de viajar, conhecer outras terras e conseguir melhores oportunidades.

O CONCURSO

__Há sempre muita rivalidade nestas coisas.
Talvez porque nós somos mais assediadas pelos fotógrafos e jornalistas do que elas. Eu não sei como explicar isso. Talvez porque nós somos mais reservadas do que elas. Isso será um pouco verdade mas deve ser por estarmos num ambiente diferente do que nos é habitual. Chegamos aqui e de repente acontece-nos uma série de coisas novas, diferentes e sentimos isso sempre. Mas já tenho nalgumas candidatas boas amigas, e apesar de tudo o qeu dizem acerca destes concursos, este representa para mim uma nova experiência, que me pode enriquecer um pouco mais.

FILME DE FELLINI EM CANNES

O filme «Roma», de Frederico Fellini, vai ser apresentado extra-certame no próximo Festival Internacional de Cannes que se realizará de 4 a 20 de Maio próximo. Vai ser igualmente apresentado extra-certame o filme «Macbeth», de Roman Polanski.

UM SÓSIA DE JAMES CAGNEY

James Cagney tem um sósia. Aconteceu que há dias, na Flórida, o misterioso sósia foi eleito cidadão. honorário de Hollywood, para o que se apresentou não como «o actor James Cagney», mas apenas como «James Cagney». O verdadeiro Cagney estava, nessa altura, retido em sua casa com uma gripe.

Em CORUCHE o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se no Café-Restaurante Lusitano.

SETE DIAS NO MUNDO

COMEÇOU A CORRIDA

A corrida presidencial nos Estados Unidos teve o seu primeiro acto eleitoral com a primária do New Hampshire. As primárias destinam-se a avaliar da popularidade dos candidatos de cada partido, tentando-se estabelecer através delas um certo equilíbrio nas convenções que hão-de escolher os homens que se defrontarão em Novembro deste ano. Como era de esperar, o presidente Nixon não encontrou quaisquer dificuldades em obter uma maioria esmagadora entre os eleitores republicanos. Contudo, a votação, ligeiramente superior a 20 por cento, obtida pelo seu concorrente Paul McClosey foi muito superior ao que se esperava. Mas nem mesmo assim o quixotesco representante pôde continuar a corrida, tão grandes eram já as suas dívidas. Entre os democráticos, a luta, também como era de esperar, foi muito mais renhida. O favorito Edmund Muskie, do vizinho Estado do Maine, sofreu o que se pode representar uma derrota moral, pois não conseguiu obter mais de 48 por cento da votação democrática. McGovern, talvez o mais à esquerda dos candidatos democráticos, logrou obter uma votação que, sendo inferior, foi considerada como uma vitória moral: 36 por cento.

Se nos lembrarmos que o New Hampshire é tido como um feudo de Muskie, e que Hubert Humphrey caça muito no mesmo terreno de Muskie, poderemos ficar com uma ideia das dificuldades que o senador do Maine vai encontrar nas outras primárias que se aproximam. No entanto, a nomeação pela convenção deve estar quase garantida para o antigo candidato à vice-presidência. Ele conseguiu congregar à sua volta grande parte da máquina do Partido Democrático s isso será decisivo em Miami. Há quatro anos, o então senador McCarthy obteve excelentes votações nas primárias, e, na tumultuosa convenção de Chicago, o sr. H.H.H. foi nomeado na primeira volta. A menos que algo de extraordinário suceda, Nixon e Muskie serão os adversários de Novembro. Quanto às perspectivas finais de cada um deles, a verdade é que não são nada risonhas para o candidato democrático. Nixon tem hàbilmente jogado a sua política externa na balança da popularidade. A própria economia tem desaparecido das primeiras páginas dos jornais, embora não se possa afirmar que não irá ter importância nos resultados eleitorais. Mas, se as coisas continuarem como até aqui e como os estrategas de Nixon previram, o próximo presidente dos EUA será o que já ocupa a Casa Branca. A guerra no Vietnam pode, contudo, virar o eleitorado, mas não é de esperar que Hanói e a Frente de Libertação sacrifiquem uma táctica militar e diplomática que lhes pode dar grandes frutos, tendo Nixon como adversário, ao natural desejo de ver outro homem a conduzir os destinos da América.

SEGUNDA-FEIRA

Segundo a revista alemã «Der Spiegel», a China Popular teria oferecido ao governo da Roménia armas nucleares «para a defesa da soberania romena». A ser verdade, a notícia constituiria apenas mais um sinal de que, para Pequim, o inimigo principal é, de facto, o «revisionismo» soviético. É bom ter presente que Bucareste e Belgrado foram as únicas capitais da Europa Oriental que elogiaram a visita de Nixon a Pequim. Foram também essas duas capitais socialistas as únicas que Nixon visitou antes de ir a Pequim. Em Tirana, significativamente, a visita de Nixon foi discretamente noticiada em poucos parágrafos nas páginas interiores dos jornais. Em Hanói nem isso.

O governo inglês decidiu voltar a fornecer armamento a Israel. A medida inscreve-se provàvelmente numa necessidade britânica de vender os seus excedentes de material militar, mais do que uma decisão política. Londres há muito que deixou de se preocupar com a manutenção de uma imagem agradável entre os países africanos e árabes. O fornecimento de armas à África do Sul, os acordos com Ian Smith, as conversações com o governo português e até a disputa com Malta, são já indícios seguros de que a África Negra e árabe já não interessam muito a Londres, que, como se sabe, escolheu a Europa, em cujo futuro quer participar activamente.

TERÇA-FEIRA

Uma declaração conjunta de Norodom Sihanuk e Ton Duc Thang, o presidente do Vietnam do Norte, reafirmou a determinação indochinesa de obter uma vitória total no conflito que tem devastado aquela península desde a Segunda Guerra Mundial. Diz a declaração que a retirada americana não porá um ponto final na guerra. Depois da retirada ela continuará, disseram aqueles dirigentes, até à instauração de regimes livres nos três países da Indochina. A declaração não pode surpreender ninguém, pois é a consequência lógica do que se tem passado naquela zona do mundo. A intervenção americana destinou-se a evitar a queda do governo de Ngo Dinh Diem. Uma vez que foi possível obrigar os americanos a retirar, não parece razoável esperar-se que os sucessores de Diem permaneçam no poder, gozando a calma da paz. A retirada americana significará apenas o fim de um episódio, violentíssimo é certo, mas apenas um episódio, na longa luta dos indochineses.

O secretário-geral da ONU, Kurt Waldheim, chegou à Namíbia para observar **in loco** o território que, segundo a ONU e o Tribunal da Haia, a África do Sul administra desde o mandato da defunta Sociedade das Nações. Desta viagem não se pode esperar nada de espectacular, embora seja admissível que se começa a abrir um caminho.

QUARTA-FEIRA

No Chile, fontes ligadas ao governo dão notícia da preparação de uma conjura destinada a derrubar o presidente Salvador Allende. Essa conspiração ter-se-ia denunciado com uma reunião de conhecidos elementos da extrema direita nos arredores de Santiago. Os participantes nessa reunião, após a publicação da notícia num jornal, declararam que ela não tinha qualquer carácter conspirativo e se destinava apenas a uma troca de impressões sobre a política do país. A notícia veio colocar de novo a questão da viabilidade de se fazer uma revolução socialista pela via eleitoral. O governo de Allende continua confiante nessa possibilidade. Para isso, deve organizar-se em breve um plebiscito sobre a reforma constitucional que o governo propôs e a oposição alterou substancialmente no Parlamento.

QUINTA-FEIRA

Um grupo de militantes maoístas franceses__a Nova Resistência Popular__raptou um funcionário da Renault, Robert Nogrette, na sequência dos incidentes que levaram à morte, às mãos da segurança da fábrica, de um jovem maoista. Como condição para a libertação de Nogrette, os raptores puseram a realização de uma reunião dos operários da Renault para discutir o assunto. Eles fariam o que fosse decidido nessa reunião. Contudo, perante a oposição dos operários em relação àquele tipo de acções, Nogrette acabou por ser libertado sem que se realizasse qualquer reunião. Todas as centrais sindicais condenaram o rapto, incluindo a CFDT que tem participado em algumas manifestações relacionadas com a morte de Overnay. Os incidentes inscrevem-se também numa azeda disputa entre os «esquerdistas» e o PCF. Os primeiros acusam o segundo de ser reformista e aliado da Polícia. O PCF tem replicado que o carácter repressivo do regime se tem acentuado e que as acções violentas, quando inconsequentes, só podem dar pretextos para o reforço da repressão.

SEXTA-FEIRA

O governo anti-comunista dinamarquês decidiu auxiliar com perto de 25 mil contos, durante este ano, os movimentos nacionalistas africanos. O ministro dos Negócios Estrangeiros de Copenhague afirmou em Dar-Es-Salaam que o apoio do seu país à NATO não o impedia de se manifestar fortemente contra aquilo a que chamou «o colonialismo português». Este é o segundo país da Aliança Atlântica a tomar uma atitude semelhante.

O outro foi a também escandinava Noruega.

Lon Nol, o homem que foi inventado para depor Sihanuk no Camboja, deu um golpe de estado, fazendo-se presidente e anulando a Constituição. Depois disto, afirmou que vai continuar a guerra «até conseguir a paz pela vitória.» O marechal é um homem cheio de ilusões. Até se esquece que o inimigo entra na sua capital como se estivesse__não estará?__em casa sua.

SÁBADO

Numa manifestação em Espanha, mais precisamente em El Ferrol, chamada de del Candilho por aí ter nascido Franco, foram mortos dois operários e houve numerosos feridos. A manifestação relacionava-se com as condições de trabalho num estaleiro da cidade.

Em Washington, foi anunciado que representantes americanos e da China Popular passariam a encontrar-se com alguma regularidade na capital francesa. Durante esses encontros, presume-se, serão discutidos os pormenores relativos àquilo que, em Pequim, Chu e Nixon concordaram.

ISABEL DA NÓBREGA

QUADRATIM

Entre essas mil frases que vamos repetindo sem nos darmos ao trabalho elementar de saber o que valem, há uma que assenta como luva no caso que hoje tenho para contar. Que assenta como luva forrada de espinhos, imagem que parece literária mas que o leitor há-de sentir fisicamente, a seu tempo.

Diz essa frase: «Perguntar não ofende». Com ela se justifica a curiosidade bem intencionada, o espírito científico, se quiserem. Mas nesta minha história de hoje, perguntar ofende, perguntar é a máxima ofensa. Perguntar é aqui, no seu sentido próprio e no seu sentido figurado, a ofensa mortal.

«Pares ou nunes?» Não, não é o caso que vai decidir. Um ser humano faz a pergunta (não esta, outra...), outro ser humano vai responder, e a resposta pode ter mil motivações diferentes __ mas a resposta é sempre mortal para alguém.

Imagine-se uma maternidade. Um parto difícil. Tão difícil que só um dos dois seres nele totalmente empenhados se pode salvar. Então o médico parteiro interrompe o acto de salvação para ir perguntar, ou para mandar perguntar, ao marido e pai expectante, qual desses dois deve... matar. Que é este o verdadeiro sentido da interrogação: «A mãe, ou o filho» O resto são eufemismos.

E o marido-pai tem de decidir naquele instante quem há-de deixar morrer.

Quando o homem mo contou há dias («Tinha eu 23 anos, mocinho, ali no corredor do hospital, e eles: «A mãe ou o filho? __ E tu, Manuel, que respondeste? Quem quiseste para a vida? __ A mãe, pois. Naturalmente!...») quando o homem mo contou, assim de passagem numa das suas conversas-caudal, a voz sonora e funda e cada palavra é um paralelepípedo bem talhado, transportei-me de súbito a grande distância de tempo porque a outra vez que tal ram-me que uma colega do ouvira teria 16 anos e fora no Instituto de Serviço Social. Aproximei-me do grupo emocionado e explicaano anterior acabava de morrer de parto. O marido, coitado, tivera de escolher, e escolhera o filho. Sentiam todas grande compaixão __ e admiração, por ele.

Os meus arrancos indignados foram tidos à conta da minha pouca idade __ elas eram todas mais velhas. Discutimos, discutimos, mas ninguém se convenceu. Ficaram elas de um lado, do outro, eu.

E porque hoje o processo se mantém, deixam-me repetir os argumentos balbuciados então:

__ Em situação-limite, situação extrema, porque não salva o médico sempre a mãe? Quem legitimou essa fuga à responsabilidade de uma decisão? Porque se descarta o médico e se obriga o marido-pai? A criança ia começar a ser, a mãe já era, era já uma pessoa. Especioso respeito esse, pela vida humana...

__ E que história é esta de «propriedade privada», para que um homem tenha direito de vida e de morte sobre a mulher?

__ Não vos perturba a aberração de serem as próprias mulheres a acatar que assim seja?

__ Ninguém me tira da cabeça que essa «lei» __ deve tratar-se de um artigo de lei __ nasceu por razões particularíssimas relacionadas com herança de nomes... ou com outra material herança.

__ Razões muito mais respeitáveis do que a vida humana, já que não sei de mulher ou de homem que a combatido tenha.

Sim, nunca ouvi nem li de espírito masculino assaz evoluído e justo para ter tentado anulá-la, e, curiosamente, nunca descobri entre as mais veementes denuncias de sociólogas, ou suas mais ardentes reivindicações __ que vão desde a conquista do voto à liberdade do aborto, liberdade de disporem do próprio corpo __ essa outra tão simples e natural de sairem definitivamente do estado de objecto em que implícitamente se (as) mantêm, estado que todas as outras conquistas servem para ocultar enquanto semelhante sentença não for modificada.

Imagine-se, sem voto na matéria... que são elas próprias! Outro o toma por elas. Como, também até hoje, noutros planos: nos da compra e venda de bens, na sua administração, na deslocação além-fronteiras, na deslocação de filhos menores.

É realmente preciso que a condição da mulher se tenha mantido ao longo dos tempos em «estado de abjecção» para que fosse possível perder-se de tal modo a noção e a dimensão da dignidade.

Assim, reclamo que comecemos a pensar nós, aqui, em termos de «humanidade em geral... incluíndo as mulheres.»

SEM VOTO NA MATÉRIA

Quanto à história do Manuel que desencadeou evocações e monólogo, essa não termina mal. O menino acabou por se salvar. Cresceu. E mãe e filho encontram-se bem.

A COMPANHIA DE SEGUROS IMPÉRIO ENTREGOU O DISTINTIVO DO MÉRITO AOS MELHORES VENDEDORES DA REDE DE LISBOA

Os Serviços Comerciais da Companhia de Seguros Império reuniram num restaurante da capital os componentes da sua Rede de Lisboa, que ao longo dos últimos anos atingiram os objectivos mais elevados.

Nesta generalizada troca de impressões usou da palavra o responsável por aquela Rede de Vendas, sr. Boanerges Borges, que referiu o esforço inovador da Império concretizado no lançamento de novas modalidades de seguro e na aplicação e novas técnicas ao serviço do consumidor.

A terminar, elogiou a actividade desenvolvida pelos colaboradores da Rede e o nível de tecnicidade demonstrada.

Aos brindes, o dr. Norberto Pilar referiu o papel que a Império tem exercido na expansão da actividade seguradora no país, e na difusão das técnicas de Marketing, sublinhando a importância que uma rede de vendas representa no actual contexto de desenvolvimento económico nacional, assinalando a relevância que, segundo uma perspectiva de Marketing, pode adquirir a acção do vendedor junto do público que espera encontrar no seguro a solução para os seus problemas de protecção.

Numa última saudação envolveu os novos elementos integrados na Rede e felicitou os mais credenciados, apontando o seu trabalho como exemplo a seguir.

O jantar terminou com a distribuição de distinções especiais aos promotores que tinham alcançado no ano transacto melhores níveis de actuação.

IV CENTENÁRIO DA 1. EDIÇAO DE "OS LUSÍADAS"

CONVITE

A gerência da **Livraria Portugal** convida todos os seus clientes, os seus amigos e o público a visitarem a **EXPOSIÇÃO CAMONEANA** onde estão representadas obras raras, outras de há muito esgotadas, numerosas espécies bibliográficas, como manuscritos e revistas, e ainda medalhas, bustos e outras representações iconográficas. Patente todos os dias úteis, das 9 às 12.30 e das 14.30 às 19 horas, até ao dia 3 de Abril.

Aos Domingos apenas poderão ser apreciadas as espécies expostas numa das principais montras da,

LIVRARIA PORTUGAL

Rua do Carmo, 70-74 LISBOA - 2

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta

Como em Paris, um triunfo em Lisboa!

ANNIE GIRARDOT

BRUNO PRADAL

no filme de

ANDRÉ CAYATTE

morrer de amar

(Mourir d'aimer)

GRUPO D
18 anos

A 7.ª SEMANA

LONDRES

CRÓNICA DE DOMINGO

TORQUATO DA LUZ

A TRISTEZA DO SR. PRESIDENTE

A agremiação X fez anos, não sei quantos. Um longo passado cheio de (respeitáveis) tradições, com uma obra de «incontestável mérito» nos domínios da cultura, da benemerência, etc. A efeméride mereceu, como é natural, a elaboração de vasto programa festivo, com números que iam da «matinée» dançante à sessão solene.

Houve, além disso, descerramento dos retratos de vários dos fundadores no salão nobre da colectividade, a juntar a muitos outros que já lá estavam - o que prova à evidência que o clube nasceu não da iniciativa isolada de algum «carola» mas como fruto, isso sim, de irreprimível desejo de associação de largo número de indivíduos.

Claro que a agremiação tem contado, ao longo da sua existência (creio que quase centenária), com a dedicação de muita gente. **«Uns mais, outros menos, mas todos irmanados no ideal associativo»**, como diria o presidente da assembleia geral, ao falar, na sessão solene, após a entrega de medalhas aos sócios mais antigos.

É, incontestàvelmente, e sem ironia, uma colectividade exemplar, modelo para muitas outras. **«Só é lamentável que os jovens estejam a preferir as «boites» e os clubes nocturnos, em vez de se acolherem a esta casa, que é também sua»** - afirmaria, ainda, em tom lamentoso, o orador. Realmente, a assistência à sessão era significativa: além de umas três ou quatro crianças, o mais novo dos sócios presentes não teria menos de quarenta anos.

No programa das festas, incluiu-se, ainda, como não podia deixar de ser, um «bodo aos pobres». Fui lá. Sobre uma mesa estendiam-se os mais diversos géneros alimentícios. Presente, a direcção em peso. «Pobres», porém, não aparecia nenhum. O que levou o presidente a dizer-me, com incontida mágoa:

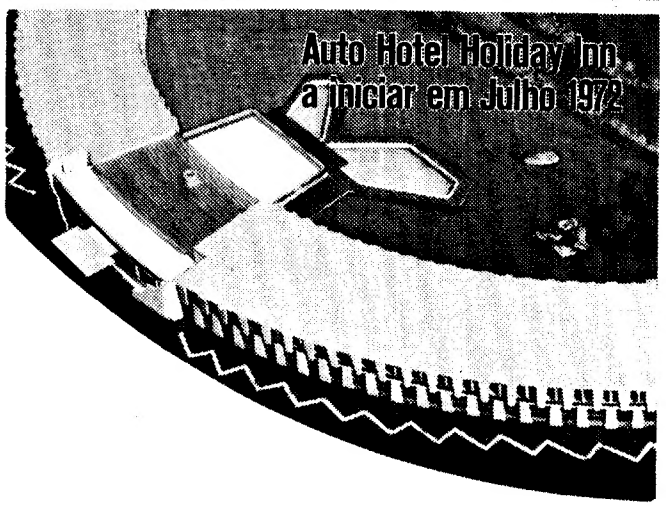
— **Está você a ver? É uma tristeza - já não há pobres! Está tudo rico!**

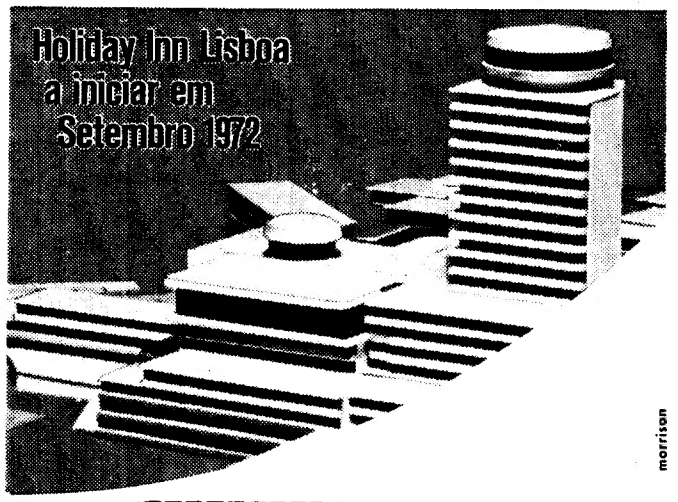
"CINCO FILHAS PARA ...CHUMBAR" NO MARIA AMALIA

As alunas finalistas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, que nas próximas férias da Páscoa realizam uma excursão à Madeira, partindo para aquela ilha, por via aérea, no dia 22, tiveram ontem, à tarde, nas instalações do estabelecimento de ensino que frequentam, a sua festa de fim de curso, a que assistiram, além da reitora, vice-reitora e professoras, muitos familiares das alunas que este ano completam o ensino liceal. A festa, que contou com a colaboração de algumas professoras e decorreu em ambiente de franca camaradagem, constou da apresentação do pequeno grupo coral do liceu; interpretação de solos de piano, acorddeão e viola; danças regionais; ginástica musicada e a apresentação da peça «Cinco filhas para... chumbar», de autoria de um grupo de alunas e por elas interpretada. Colaborou, também, a professora Margarida de Abreu, que ensaiou o bailado «Sonho de Amor», de Liszt, dançado por alunas finalistas do Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho.

UM INVESTIMENTO SEMPRE CRESCENTE

A Interhotel oferece-lhe a oportunidade de realizar os seus investimentos com segurança e tirando deles um bom rendimento sempre com a garantia de o ver multiplicado no futuro.
Os investimentos imobiliários que a Interhotel lhe propõe situam-se nas zonas de mais alto rendimento turístico.
A Interhotel, ligada à Holiday Inns com os seus mais de 1.400 hotéis espalhados pelo mundo, está a oferecer-lhe a mais rentável forma de investimento.
Estas são algumas das imagens de que ele se reveste:





morrison

Holiday Inn
INTERHOTEL

Departamentos de promoção:
LISBOA: Rua dos Duques de Bragança, 4 - Telefs. 333 40 / 32 49 60
PORTO: Av. da Boavista, 740 - Telefs. 67 011 / 2
COIMBRA: Av. Fernando Magalhães, 171, 3.º - Dto.

Pedido de Informações:
R. Vítor Cordon, 37, 5.º - Lisboa
Telex - 1549 Imobil

Nome _____

Morada _____

Telefone _____ D. L.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes

Teatro Nacional de São Carlos

AVISO

Por motivo de força maior, os espectáculos anteriormente marcados para **17 de Março** («NORMA») e **27 de Abril** («A VALQUIRIA») são transferidos para as seguintes datas:

«**NORMA**» — QUINTA-FEIRA, 23 DE MARÇO, às 21.15 horas.

«**A VALQUIRIA**» — SEXTA-FEIRA, 28 de ABRIL, às 21.45 horas.

As datas dos outros espectáculos da presente temporada de ópera mantêm-se sem alteração.

Câmara Municipal de Lisboa

EDITAL N.º 45/72

Faz-se saber que durante o prazo de 30 dias a contar do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no «Diário do Governo», são aceites na 1.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico Especiais, Avenida 24 de Julho, n.º 171, propostas para o concurso público referente à «EMPREITADA N.º 362/72/GTH — CONSTRUÇÃO DE CASAS NA CÉLULA «F» DE OLIVAIS-SUL — BLOCOS 14 (AMPLIAÇÃO) 21, 22 E 23 — 74 FOGOS DA CATEGORIA H. R. PARA A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA», com a base de licitação de 8.754.100$00. (Processo n.º 22/72/CP/DSTE).

O depósito provisório é de 218.900$00 e o definitivo de 5 % da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo a que se refere a alínea *a)* do artigo 6.º do programa do concurso acima referido.

O processo do concurso encontra-se patente, todos os dias úteis, na referida repartição, nas horas de expediente e o seu programa e caderno de encargos foram publicados no «Diário Municipal» n.º 11.119, de 8/3/972.

Para ser admitido a este concurso é necessário que os proponentes estejam inscritos e classificados como empreiteiros de obras públicas na I Categoria ou 1.ª Subcategoria da I Categoria e da classe correspondente ou superior ao valor da proposta.

A abertura das propostas realiza-se às 16 horas no primeiro dia útil que se seguir ao termo do prazo fixado neste anúncio.

Paços do Concelho de Lisboa, em 8 de Março de 1972.

O Presidente,
Fernando Augusto Santos e Castro

ATRIVM
PARA VOS SERVIR

O RESTAURANTE
Mais cosmopolita de Lisboa
Rua de S. Julião

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

AVISO

Beneficiários que deixaram de contribuir obrigatòriamente para as caixas de previdência

De harmonia com a Portaria n.º 522/71, de 27 de Setembro, poderá ser requerida até 30 de Junho de 1972, a continuação voluntária do pagamento de contribuições para o conjunto das modalidades de invalidez, velhice e morte, incluindo pensões de sobrevivência, com a faculdade de extensão às de doença e maternidade no caso de haverem sido abrangidos pelo seguro de doença na situação de contribuição obrigatória, pelos beneficiários que contem, pelo menos, um ano de inscrição e seis meses de contribuição e tenham deixado de ser abrangidos obrigatòriamente pelas instituições de previdência, independentemente da data em que aquele facto ocorreu.

Os beneficiários interessados poderão dirigir-se à Caixa Nacional de Pensões, sita na Avenida da República, n.º 98-r/c. esquerdo - Lisboa, a fim de lhes serem prestados os necessários esclarecimentos.

A DIRECÇÃO

"OTELO" NO SÃO CARLOS

Toda a obra de Verdi participa activamente na movimentação política da Itália do seu tempo: é a propaganda patriótica, libertária, revolucionária, jacobina. Mas não é só isso. É também a realidade viva dos grandes conflitos humanos, a equação de problemas que estão no centro das preocupações do homem. Enquanto Wagner se inclinou para a efabulação mitológica, servida embora por uma música riquíssima que contradiz ou transcende quase sempre o conteúdo dos libretos, Verdi criou um teatro vigoroso, directo, capaz de agir sobre as multidões e de suscitar uma tomada de consciência colectiva. A linguagem musical de Verdi, inserida na tradição italiana, é exactamente aquela que convém ao seu teatro. Verdi é o teatro na orquestra, é o teatro no tratamento vocal do texto, é o teatro para ser representado num palco. Em Wagner, pelo contrário, o teatro está todo na música: o libreto limita, fecha, restringe, os vastos horizontes que o seu discurso musical nos quer desvendar.

Estas alusões a Wagner não deverão ser interpretadas como juízos de valor tendentes a estabelecer uma relação hierárquica entre os dois compositores, quer do ponto de vista estético, quer do ponto de vista da sua importância histórica na evolução da dramaturgia musical. Não se trata de afirmar que um é melhor que o outro, mas apenas que um é diferente do outro, como diferentes são os meios sociais, as ideologias e as tradições culturais de que cada um deles proveio. Insurgimo-nos contra a corrente de opinião - ainda hoje com valorosos defensores - que faz tábua rasa de Verdi para endeusar Wagner (ou talvez para o transformar num mito, tão digno do Walhalla como os seus heróis da Tetralogia). Mas evitamos cair no exagero oposto.

Tudo isto vem especialmente a propósito do **Otelo**, ópera em que Verdi mais se teria aproximado de Wagner. A própria conjugação dos dados cronológicos favorece a aproximação: Wagner, nascido no mesmo ano de Verdi (1813), faleceu em 1883, logo a seguir ao **Parsifal**; a primeira representação do **Otelo** data de 1887; entre esta e a imediatamente anterior, na produção verdiana, medeia um espaço vazio de dezasseis anos (a **Aida** subiu à cena em 1871) durante o qual o compositor afirmou repetidas vezes não ter intenção de voltar ao teatro. Daqui à teoria segundo a qual Verdi, nos últimos anos da vida, abandonou a sua tradicional atitude polémica de auto-suficiência músico-teatral e se abriu ao estudo e assimilação, longamente meditada, de experiências alheias, mormente da do autor de **Tristão e Isolda**, vai apenas um passo. E efectivamente o wagnerismo do **Otelo** é bem patente, se por wagnerismo entendermos a utilização de alguns processos de construção musical, que Verdi recria e aplica magistralmente à sua maneira. Mas nem sequer há, por exemplo, a exploração sistemática de motivos condutores (Leitmotiven), e não faltam no libreto bons pretextos para isso (o motivo do lenço, o motivo do ciúme, etc.). O único caso em que pode falar-se verdadeiramente de Leitmotiv, no Otelo, é o do beijo (dir-se-ia o beijo mais eloquente e mais apaixonado de toda a história do teatro): surge, pela primeira vez, no final do primeiro acto (Otelo a Desdémona: «un bacio... ancora un bacio»); reaparece no 4.º acto, sendo formulado então, primeiro só pela orquestra, quando Otelo beija Desdémona, adormecida, antes de se consumar a tragédia, e depois na morte de Otelo, que exclama ao desfalecer sobre o cadáver de Desdémona: «un bacio... ancora un bacio... un altro bacio...». Reservado a três momentos fulcrais da acção, este motivo adquire uma carga dramática poderosíssima, assim isolado no contexto da ópera, sem a companhia de outros motivos condutores. É que ele contém dentro de si a própria razão de ser da tragédia.

Guiseppe Verdi

Mas o certo é que, fazendo ou não uso de certos processos wagnerianos, Verdi criou uma obra-prima de dramaturgia musical que está perfeitamente dentro da linha lógica da sua trajectória criadora.

Quanto à realização agora levada à cena no S. Carlos é cedo talvez para juízos definitivos (aguardemos a récita do Coliseu). Podemos adiantar desde já que Dan Iordachesco (Iago) teve como cantor, isto é, na expressão vocal, a melhor presença teatral mas faltou-lhe uma boa direcção de actores. Charles Craig (Otelo) e Celestina Casapietra (Desdémona) pareceram mais irregulares do que doentes. Hesitações do coro e dos cantores devidas talvez a um estado de insegurança criado pela batuta de Alvaro Cassuto, que provàvelmente estudou a fundo a partitura, mas que não tem a experiência necessária para inspirar confiança aos intervenientes num espectáculo desta envergadura. Uma encenação convencional, vazada em cenários de há cinquenta anos. Mas que o público do Coliseu ajuíze por si. Pela nossa parte, voltaremos ao assunto.

TEATRO • tel 538586
"VILLARET"

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE MOLIERE
Encenação de
ADOLFO MARSILLACH
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)

O TARTUFO

MODERNO E DIVERTIDISSIMO

com

Raul Solnado

E UMA GRANDE COMPANHIA: FERNANDO CURADO RIBEIRO, FERNANDA MONTEMOR, MÁRIO PEREIRA, MANUELA MARIA, JOÃO GUEDES, MARIA ALVIM, HENRIQUE VIANA, NORBERTO DE SOUSA, BEATRIZ VAZ, DAVID SILVA e MARIA DO CÉU GUERRA no papel de «DORINA»

3.as, 4.as, 5.as e 6.as Feiras, duas sessões, às 21 e 23 horas. Domingos e Feriados, «matinée» às 16 horas, e à noite às 21.45 horas. 2.as Feiras, descanso da Companhia

TEATRO • tel 326037
"VARIEDADES"

VASCO MORGADO
APRESENTA
DE RAY COONEY
E JOHN CHAPMAN
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
7.º MÊS

Empresta-me o Teu Apartamento

Com HENRIQUE SANTANA, MARIA DULCE, MARIA HELENA MATOS, CARLOS JOSÉ TEIXEIRA, HENRIQUE SANTOS, ALINA VAZ, MARIA LAURENT, HELENA ISABEL e a colaboração especial de PAULO RENATO
Encenação de VARELA SILVA

2.as, 4.as e 5.as Feiras, 21.45 h.; 6.as e sábados, 2 sessões: 20.45 e 23 h.
DOMINGO: à tarde, às 16 h.

3.ª Feira descanso da companhia

TEATRO
"LAURA ALVES"
TEL 864756

VASCO MORGADO
APRESENTA
à noite, 21.45 h.
Domingos à tarde, 16 h.
UMA EXTRAORDINÁRIA PEÇA
DE EDWARD ALBEE
GRUPO D
(Maiores de 18 anos)
4.º MÊS

Quem tem medo de Virginia Woolf?

Com JACINTO RAMOS, GLÓRIA DE MATOS, ELISA LISBOA e LUÍS MATA
Encenação de JOÃO VIEIRA
Cenário de PAULO GUILHERME
Espectáculo subsidiado pelo Fundo de Teatro

3.ª Feira descanso da companhia

50 % de desconto aos estudantes benefício da Fundação Gulbenkian

TEATRO
"CAPITÓLIO"
TEL 327493

GIUSEPPE BASTOS
e VASCO MORGADO
apresentam
em 2 sessões, às 20.45 e 23 h.
A ORIGINALÍSSIMA REVISTA
POPULAR

ORA BOLAS P'RÓ PAGODE!

com
JOSÉ VIANA — LÍGIA TELES
BARROSO LOPES — DORA LEAL
a atracção nacional
CIDÁLIA MOREIRA
CARLOS MIGUEL — MARIANO
FRANCO — DINA MARIA —
EDUARDO VILAVERDE
e pela primeira vez no «compère»
CARLOS GONÇALVES

GRUPO D — M/ 18 ANOS

AOS DOMINGOS À TARDE
Às 16 HORAS

3.as Feiras, descanso da companhia

6. NAUTICAMPO

EXPOSIÇÃO DOS MAIS RECENTES EQUIPAMENTOS PARA A PRÁTICA DE DESPORTOS NÁUTICOS, NAVEGAÇÃO DE RECREIO, CAMPISMO, CARAVANISMO, CAÇA, PESCA, AEROMODELISMO E AERONÁUTICA.

FECHA HOJE
HORÁRIO
DAS 15 ÀS 24 HORAS
FEIRA INTERNACIONAL DE LISBOA

NOVO CASINO ESTORIL

SLOT MACHINES
ACESSO LIVRE
MAIORES DE
21 ANOS

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS
DAS 15
AS 3 HORAS

ANA ROSMANINHO
com RAUL SILVA NOBRE COSTA

HIGH SOCIETY BALLET

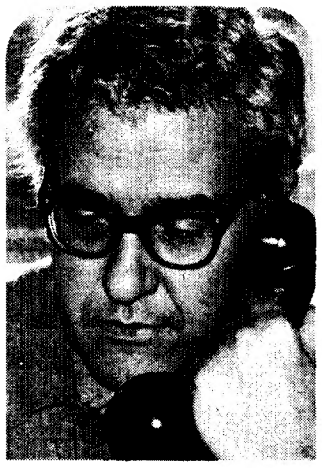
"NUEVOS AMIGOS" "OS MOZAMBEAT'S"
FERRER TRINDADE E SUA ORQUESTRA

FATIMA ZOHRA
SO NO WONDER BAR

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE ÀS 23,30 H.
Grupo C/ Maiores de 14 anos
NO WONDER BAR À 1,0 H. Maiores de 21 anos

PASSAPORTES
UM TELEFONEMA...
UMA ASSINATURA...
Agência de Viagens
CATUR
LARGO DA BIBLIOTECA PÚBLICA 17
LISBOA

JORNAL DOS ESPECTÁCULOS



ARMINDO BLANCO

Ao telefone

ANTÓNIO VILAR

— Houve tiroteio aí no Estoril, dizem-me que você esteve envolvido. Pode explicar?

— Pois posso. Trata-se do «Sinal Vermelho», o filme que estou a rodar a todo o vapor, em associação com os espanhóis. Essa cena é uma das mais movimentadas do filme: basta dizer que participaram nada menos de 60 polícias.

— Vai ser filmado tudo no Estoril?

— Não. No domingo a equipa vai para Madrid, onde rodaremos alguns exteriores. Aqui só o mau tempo adiou filmagens previstas para o Castelo de S. Jorge.

— O lançamento está previsto para...

— ... possìvelmente Maio, em Portugal e em vários países europeus.

— A fita pretende dizer alguma coisa?

— Bom: ela pretende oferecer um espectáculo à James Bond, com muita acção do primeiro ao último minuto. E é só.

— Além de você, quem está no «Sinal Vermelho?

— Um elenco internacional: a americana Rebecca Roy, a inglesa Sharon Tudi, a espanhola Mara Cruz, o brasileiro Luís Tito, o português Carlos José Teixeira. Você devia ver como estamos a trabalhar, quase ao ritmo de 24 horas por dia. Quando se pensa em termos de indústria, não se pode levar três anos para fazer uma fita. Olhe, apareça por aqui, para avaliar como se trabalha à margem do mecenato.

— Um abraço

— Outro.

SOBRE O DIREITO DE TER UMA OPINIÃO

A «Seara» tem responsabilidades. É um facto e parece inútil dizê-lo. Pois é, mas também parece ser necessário repeti-lo muitas vezes para que não se facilite». Quem escreve isto, no último número da «Seara Nova» é Sérgio Ribeiro, apresentado como «colaborador e amigo». E vem a propósito porque, mesmo sem esta dupla e honrosa condição, me cabe também o direito de lembrar à revista as suas «responsabilidades».

Refere a «Seara», no citado número, ter a minha **defesa da peça de Dercy Gonçalves** dado muito que falar. Trata-se de uma impropriedade, como outras que constam da mesma nota e que não me cabe a mim contestar. Interessa-me apenas, pelo respeito que me merecem a revista e os seus leitores, esclarecer, baseando-me nos factos que a colecção do «DL» documenta, que não defendi a PEÇA de Dercy Gonçalves. A peça era mero pretexto para a comediante exercitar os seus dotes peculiares de comunicabilidade. E foi sobre esses dotes e sobre o contexto político-cultural em que se desenvolveram e afirmaram durante 40 anos que procurei exprimir alguns pontos de vista pessoais.

Portanto: defender uma PEÇA que no consenso mais ou menos unânime não passava de reles estendal de pornografia, é uma coisa; tentar situar uma actriz como fenómeno típico de uma cultura tropicalista cada vez mais inacessível ao nosso modo de ver europeu, é outra. Ou não será?

Supus, desactualizado que estou relativamente aos novos dogmas em circulação nesta comarca, que as informações que tinha a dar, por as haver recolhido na fonte, mereciam a atenção dos críticos de quem discordei democràticamente. Não mereceram. O debate foi logo desviado, como já aqui disse, para o perigoso terreno da galhofa. Houve quem chegasse ao ponto de organizar um «dossier», publicado em página inteira por um vespertino, em que me eram atribuídas notícias divulgadas numa coluna deste jornal que é coordenada por uma equipa de quatro redactores e vários informantes. A malícia da montagem era evidente: qualquer leitor imparcial avistava a milhas o rabo do gato.

Se eu fosse responder a tudo, inclusive aos insultos de alguns escribas à cata de promoção ideológica, correria o risco de cansar os leitores e de ceder a provocação cujo objectivo conheço e cujo nível moral me parece pelo menos duvidoso.

Relembrarei apenas, para encerrar de vez a questiúncula, duas ou três coisas que escrevi e que, presumo, claramente atestam o espírito lavado de faccionismo com que me envolvi na polémica:

1) **Sobre a peça:** «O espectáculo só vale pelos 20 minutos em que Dercy conta a sua infância e adolescência em Madalena, a humilde cidade fluminense onde nasceu»:

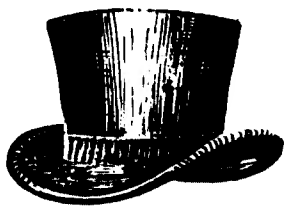
2) **Sobre o programa que Dercy manteve na TV GLOBO e que foi retirado do ar no apogeu da popularidade:** «... uma espécie de pátio dos milagres, em que Dercy explorava cruelmente todas as misérias, sortilégios e bruxarias de um país de contrastes e de cultura popular ainda dominada pelo sincretismo religioso que inspirou a Jorge Andrade uma das suas obras-primas teatrais » (Vereda da Salvação);

3) **Sobre a reacção da crítica:** «Lamento que uma actriz brasileira e sexagenária tenha sido recebida aqui como uma **velha debochada»**.

Não creio que valha a pena ir mais longe. Este assunto, aliás, valeu sobretudo para demonstrar que as pessoas se desabituaram do debate e que, no momento, qualquer tentativa de polémica degenera imediatamente numa luta de «catch» em que predominam os golpes abaixo da linha de cintura.

Que cada qual fique com as suas razões e desrazões. O que espero da »Seara», até pelo muito que lhe deve a minha modesta formação intelectual, é que não ratifique, com a sua autoridade esse tipo de agressões a quem se limitou a expor uma opinião.

TIREMOS o chapéu



... a Maria do Céu Guerra, que aceitou o maior desafio da sua carreira: substituir Margarida Mauperrin no papel de Dorina em «O Tartufo», de Moliére/Marsillach, e se saiu com tanto brilho, fulgor e graciosodade como a sua talentosa antecessora.

BADALO

Será motivo grave de escândalo que eu aborde aqui um assunto tão alienado e alienante como as pataniscas de bacalhau? Pois é, tenho de correr o risco. Quero falar das pataniscas. E logo me explico: a Deolinda Rodrigues, amiga de longa data, convidou-me para ir ouvi-la na «Fragata Real», recanto de Alfama onde se respira um suave odor a decadência regada a Cartaxo maduro.

Lá fui, portanto, ouvir a Deolinda, que me dedicou especialmente um «Cantar d'Amigo» de D. Dinis e outras amenidades mais recentes. Aliás, este «Cantar» está gravado em disco e mostra que a Deolinda, se quisesse, podia ser muito mais do que uma intérprete do fado de consumo.

E por falar em consumo, vamos às pataniscas. Servem-nas, lá na «Fragata», preparadas por uma verdadeira mestra da culinária: Celeste Machado. Comi e pedi bis como na ópera. E ainda estou, dias volvidos, a lamber os beiços e já planeando nova excursão às alfamas.

Devo acrescentar que, nestes festins destinados ao turista abonado que demanda o nosso sol e outros folclores, nem só as pataniscas ocupam um lugar de honra: há as enguias, há a fava com todos, há as febras de porco também dignas da maior veneração. Nos intervalos, o fado corre solto, tão alheio às realidades do presente como a inquietante heroína do filme de Manuel de Oliveira, que só amava os saudosos extintos.

Ah, sim, eu sei. Propõe-se por aí uma revolução nestes gostos musicais requentados, que já só parecem sobreviver em função do turismo. Eu sei. E nada tenho contra tão estimulantes novidades. Mas, uma vez por outra, o velho fado com pataniscas não calha nada mal.

Milko Sparemblek dirigindo um ensaio

OS "SALMOS" DE SPAREMBLEK

O Grupo Gulbenkian de Bailado vai apresentar no Grande Auditório da Fundação, nos próximos dias 18, 19, 20 e 21 do corrente, o sexto programa da sua temporada. Serão estreadas nesta oportunidade duas novas coreografias, respectivamente de Milko Sparemblek e de Carlos Trincheiras.

Assim, Sparembek, director artístico do Grupo Gulbenkian de Bailado, dar-nos-á a conhecer a sua mais recente criação, intitulada **Sinfonia dos Salmos**, que se baseia na partitura musical homónima de Stravinsky. Como é natural, aguarda-se com grande expectativa esta apresentação, na medida em que ela não deixará de estar marcada pela forte personalidade deste grande coreógrafo a quem ficam a dever-se algumas das obras de maior êxito do repertório do Grupo Gulbenkian, tais como **O Mandarim Maravilhoso**, **Passacaglia** e **Gravitação**.

Por sua vez, Carlos Trincheiras, coreógrafo assistente do Grupo Gulbenkian de Bailado, estreará **Arquipélago III**, sobre música do compositor búlgaro André Boucourechliev, que é actualmente, em França, uma das figuras mais relevantes no domínio da nova música nascida das experiências electroacústicas. O cenário e os figurinos foram desenhados por Artur Casais. Deste modo, Carlos Trincheiras prossegue a sua notável carreira de coreógrafo, na qual se inscrevem já obras significativas como **O Trono** e **Dulcineia**, que lhe mereceram a atribuição de um Prémio da Casa da Imprensa.

A completar o programa destes próximos espectáculos, será feita a reposição de um dos bailados de maior sucesso do Grupo Gulbenkian: **algumas reacções de algumas pessoas algures no tempo ao ouvirem a notícia da vinda do Messias**, coreografia do norte-americano Lar Lubovitch, inspirada em trechos da oratória «O Messias» de Haendel.

"A SENHORA PERFUMADA"

Catherine Deneuve aceitou o papel principal da película de R.R. Shaw denominada «A Senhora Perfumada». Anteriormente o mesmo papel tinha sido oferecido a Dewi Sukarno, ex-esposa do ex-presidente da Indonésia que o recusou por motivos pessoais e por estar a escrever as suas memórias.

PERGUNTA QUE TODA A GENTE FAZ:

— Aonde se come bem?
No **ABIDIS** em SANTARÉM

ATRIUM
PARA VOS SERVIR
MINI-SNACK
Rua da Prata, 45-47

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

9.º CONCERTO

16 DE MARÇO
ÀS 21.45 H.
Grupo B — M/ 10 anos

18 DE MARÇO
ÀS 16 H.
Grupo A — M/ 6 anos

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE LISBOA
MAESTRO
JOLY BRAGA SANTOS
SOLISTA
HELENA CLÁUDIO
PROGRAMA
L'APRÈS MIDI D'UN FAUNE
DEBUSSY
6 PEÇAS OP. 6
A. WEBERN
CANÇÕES DUM VIANDANTE
G. MAHLER (M. C.)
3 SONETOS DE CAMÕES
(1.ª audição mundial)
J. BRAGA SANTOS (M. C.)
4.ª SINFONIA
L. FREITAS BRANCO

BILHETES DESDE 12$50

A MOSCA PICA

NOTA DE ABERTURA

No dia oito o Benfica jogou fora de casa e perdeu. Bem vistas as coisas perder por uma bola no estrangeiro não pode considerar-se uma derrota e é bem possível que o popular clube Lisboeta acabe por expulsar o seu primeiro rival da contenta.

O Benfica perdeu como podia ter ganho — o caso pouca importância tem neste momento em que, felizmente, começa a reinar um certo bom senso neste campo.

Apesar de ter acabado o periodo da apologia do futebol, subsistem certas bolsas de resistência mentais e, de quando em quando, julgar-se-ia que recuamos no tempo e que voltamos aos gloriosos anos em que se tentava a todo o custo convencer a população que ganhar aqui ou acolá contribuia para o prestígio do país num mundo que se ruia de inveja dos nossos feitos desportivos, económicos, artísticos etc. etc. etc.

Na véspera do desafio que o Benfica perdeu, por exemplo, afirmava-se que «Os dois Eusébios tinham deslumbrado Roterdão» insinuando-se, evidentemente, que os «estrangeiros» estavam de cócoras perante nós e perante a nossa capacidade de... meter golos?

Afirma-se hoje que o Benfica foi superior, que demonstrou uma nítida superioridade técnica, que merecia ter ganho etc etc etc.

Começamos a preocupar-nos com esta nossa permanente superioridade técnica que leva a tudo menos à única coisa que interessa e que é, em matéria de futebol, ganhar os desafios em que entramos.

Teremos técnica a mais?

Perdemos os jogos porque jogamos tão bem, tão bem, que os outros não entendem o nosso jogo?

Ficarão os nossos rivais tão deslumbrados com os nossos jogadores que metem golos nas nossas balizas por timidez?

Esta última hipótese é perfeitamente viável e só a porá de parte quem ainda não tiver esbarrado com indivíduos que são malcriados **«Por timidez»** que roubam **«por timidez»** ou que atacam mulheres na via pública **«por timidez».**

A **«timidez»,** causadora como é sabido de inúmeros males sociais, abunda no nosso tempo e é perfeitamente possível que os nossos rivais nos vençam **«por timidez».**

Que outra explicação poderá haver para sermos derrotados por indivíduos que têm uma técnica inferior à nossa e que estão deslumbrados pelas nossas capacidades?

Atendendo a tudo isto, «A MOSCA» reuniu os seus técnicos desportivos e pediu-lhes que estudassem uma fórmula susceptível de nos trazer vitórias no campo internacional — «A MOSCA», por outras palavras, quis oferecer ao país uma receita infalível para ganharmos o campeonato do mundo de que fomos eliminados apesar da nossa incontestável superioridade técnica.

Estes técnicos, tendo-se debruçado longamente sobre o problema, chegaram à conclusão de que efectivamente, o nosso mal é sermos tão superiores aos nossos rivais e afirmam que basta substituirmos os nossos jogadores por indivíduos menos habilitados a jogar futebol para nos equipararmos a eles e para começarmos a ganhar desafios.

Se invertermos os termos da questão, isto é, se começarmos a ficar deslumbrados por eles e a deixá-los ser tecnicamente superiores a nós, **quem** passa a perder os jogos são eles e quem passa a ganhá-los somos nós!

Estamos perante o ovo de Colombo e «A MOSCA» orgulha-se de oferecer esta receita ao país na certeza de assim contribuir para o sossêgo de certas consciências que para aí andam tão preocupadas em que o país se esteja a despristigiar.

Apareceu à venda nas livrarias um volume assinado pelo industrial António Champalimaud que se encontra envolvido numa questão de que os nossos bisnetos certamente conhecerão a sentença se o processo continuar, como até aqui, sem incidentes e sem atrasos. Como é evidente, nem sabemos quem tem razão, nem podemos discutir um caso entregue aos tribunais, motivo porque apenas podemos fazer uma profecía, à Bandarra, sobre esta causa/ folhetim que tanta tinta tem feito correr. Em nosso entender e dado que sabemos o que são custas judiciais, ambos os contendores vão perder a questão — quem a vai ganhar é o estado. Oxalá ele saiba multiplicar o dinheiro das custas como o saberiam os contendores se ele lhes continuasse nas mãos. Porque dizemos isto? Porque mais vale uma fábrica de cimento a funcionar do que vinte mil projectos no papel...

A notícia de que fora intensificada a fiscalização dos preços das hortaliças foi recebida com agrado porque o agravamento dos preços dos produtos alimentares é uma das grandes preocupações de todos nós. E curioso, por exemplo, constatar que muitos Lisboetas proprietários de automóveis aproveitam os seus passeios dominicais para se abastecerem para toda a semana nas praças improvisadas à beira de certas estradas como as de Sintra e de Torres, tal é a convicção — aliás mais do que fundamentada — de que os preços da hortaliça sobem vertiginosamente entre a horta e a praça, com grave prejuízo para o lavrador e para o público.

Atendendo a que muitos dos legumes consumidos em Lisboa vêm dos arredores da capital, é legítimo perguntar porque é que ainda se não criou uma organização semelhante à UCAL para garantir o abastecimento da cidade em termos vantojosos para os que produzem e para os que consomem. A venda de legumes por um preço justo, em postos espalhados pela cidade, contribuiria para por freio à ganância dos intermediários e serviria o interesse geral.

Também no que se refere ao preço do peixe haveria muito a esclarecer.

Afirma-se à boca pequena que na base do elevadíssimo preço deste alimento antigamente acessível a todos, está uma exportação mais atenta ao lucro monetário do que às necessidades da população e se é certo que técnicas de congelação tornaram o consumo do peixe extensivo a todo o país e não apenas à faixa do litoral, é igualmente certo que só por si, essa nova procura não explica os preços a que nos vimos referindo e que estão verdadeiramente proibitivos.

.Pesca-se menos? Que se está fazendo, em termos concretos e positivos para proteger as costas tornando-as novamente habitáveis pelos peixes?

A pesca das algas é ou não é prejudicial? Estamos a exportar o que nos faz falta?

Tudo isto é, bem o sabemos, complexo, mas o que nos parece inegável é que ganhar a vida para sustentar uma família começa a transformar-se num problema igualmente complexo e que todos lucrariamos em saber exactamente o que se passa e o que se está fazendo para remediar a situação.

MAIS VALE SER MISS UMA HORA DO QUE NADA TODA A VIDA

Miss Baixa a Favorita.

O grande concurso das misses continua a apaixonar a opinião pública em Lagutrop, podendo afirmar-se que a população lagutropesa não pensa noutra coisa há poucos dias. Para esta obcecação contribui, aliás o dinamismo dos órgãos de informação, que não cessam de bombardear os leitores, ouvintes e telespectadores com notícias sobre a actividade das misses.

Como já é do conhecimento dos leitores de «A MOSCA», o exotismo continua a ser o grande factor de apreciação em que assenta a opinião dos entendidos. A miss que se revelar mais exótica terá grandes chances de vir a ser considerada miss Lagutrop e tudo leva a crer que este concurso baterá todos os anteriores em matéria de exotismo.

Sabe-se que a miss UACAM pisará a arena envergando um lindíssimo vestido da região em que seus pais se fixaram há alguns anos e que não irá com o fatinho «à minhota» que sua mãe envergava ao desembarcar em Uacam. Este facto tem provocada as mais vivas reacções e muitos logutropeses perguntam se será legítimo uma neta de Logutropeses do norte, por exemplo, figurar num concurso de beleza logutropês com um vestido duma região distantíssima que não tem nada a ver com a sua família, com a sua raça ou com Logutrop. Afirma-se, por exemplo, que duas norueguesas, baseando-se no que viram o ano passado, tencionam concorrer ao título de miss Logutrop en-

Continua na pág. 8

Miss Charneca não tem idade legal concorre por patriotismo

MAIS VALE SER MISS UMA HORA

Continuação da pág. 7

vergando, no festival, trajes regionais do Ribatejo.

Interrogadas sobre o assunto, reconheceram que os referidos trajes não tem nada a ver com a Noruega mas afirmaram que esse facto não impedira a miss Uacam de envergar fatos de pessoas nada tinha a haver, ninguém se poderia opor a que elas fizessem o mesmo. Os reportes de «A MOSCA» conseguiram uma fotografia da miss Uacam com o seu «traje de luces» e pedem aos leitores para se pronunciarem acerca destes problemas vitais:

— Será o traje tipicamente lagutropês?

— Será legítimo e èticamente viável conceder o título de miss Lagutrop a uma miss que se apresenta assim vestida, que fala lagutropês com dificuldade e que pôs pela primeira vez o pé em Lagutrop para participar neste concurso?

Trata-se, evidentemente, duma tendência universal — acabamos de saber que as inglesas de Gibraltar vão concorrer ao concurso de miss Grã-Bretanha envergando fatos castiços de Sevilha e que, portanto, e ao contrário dc que se imaginava, as castanholas são tìpicamente inglesas.

Uma das concorrentes mais populares é miss Charneca que, infelizmente, ainda não tem idade para poder receber o título. Interrogada acerca dos motivos que a levaram a participar num concurso que não tinha idade para vencer, esclareceu a sua posição em termos inequívocos:

Trata-se duma tradição. Já o ano passado houve uma que ainda não estava na idade legal e se este ano não acontecesse o mesmo, haveria certamente quem ficasse a pensar que nos estavam a faltar misses sem idade legal.

Participo para que todos saibam que em Portugal não nos falta nada, nem sequer misses sem idade legal.

Um inquérito realizado junto dos frequentadores de cafés da zona de Almirante Reis revelou que a miss mais popular da zona que vai da Praça do Chile ao Areeiro é a miss Tininha, moça de grande mérito,

Miss Vacam no seu «traje de Luces»

muito procurada para animar folguedos públicos tanto na sua zona como na área mais cosmopolita de Caneças.

Miss Tininha afirmou aos repórteres de «A MOSCA»:

Há quem diga que tenho poucas chances porque tenho um sinalzito preto na palma do pé esquerdo, mas a verdade é que espreitei pelo buraco da fechadura e vi que a miss Baixa tem um sinal muito maior num joelho. Outra coisa: o meu tornozelo direito tem uma inclinação linda, mesmo linda e o júri tem de tomar isso em consideração. O que não sei é se o júri sabe alguma coisa de tornozelos. O tornozelo, creiam-no, é muito importante, mesmo muito importante. O meu avô casou com a minha avó por causa dos tornozelos dela e depois, como não se deu bem com ela, foi civilizar o Brasil. Tenho ou não tenho razão quando digo que o tornozelo é muito importante! É tão importante que até desempenhou um papel civilizador como se depreende pelo caso do meu avô...

Miss Baixa, a grande favorita, recusa-se a admitir que tenha um sinal no joelho e classifica

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

S. A. R. L.

Sede: Av. Infante Santo, 2 — Lisboa

AUMENTO DO CAPITAL SOCIAL DE 1.200.000 PARA 1.750.000 CONTOS

Resultado da subscrição das 190.000 acções destinadas ao Público com preferência para Fundações e outras Instituições de fins benemerentes até 25.000 e para o pessoal até 15.000.

A subscrição das 190.000 acções atingiu os seguintes números:

	Subscritores	Acções Subscritas
Fundações e outras Instituições	39	16.745
Pessoal	2.954	23.805
Público em Geral	252.367	436.449
	255.360	476.999

Em face dos números alcançados houve que proceder da seguinte forma:

FUNDAÇÕES E OUTRAS INSTITUIÇÕES DE FINS BENEMERENTES

Dado que não foi subscrito o número total das acções reservadas, a diferença reverte para o público em geral.

PESSOAL

As 15.000 acções reservadas para este fim serão rateadas, dando preferência às pequenas subscrições.

PÚBLICO EM GERAL

Perante o elevado número de subscritores não é possível atribuir uma acção a cada boletim subscrito, tornando-se necessário reduzir a 158.255 o número de subscritores a considerar. Com este objectivo renumeraram-se os boletins e proceder-se-á a um sorteio público, no dia 13 de Março de 1972, a partir das 15 horas, no edifício da Associação Industrial Portuguesa, Largo das Indústrias, Lisboa.

Dada a preferência às pequenas subscrições, a cada um dos subscritores considerados será atribuída uma acção.

As importâncias correspondentes às acções não atribuídas serão entregues aos subscritores, após a realização do sorteio, nos balcões dos estabelecimentos de crédito onde as subscrições foram efectuadas, em data a anunciar oportunamente na Imprensa.

Lisboa, 11 de Março de 1972.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CABELEIRAS
Monna Lisa
FABULOSA

Informamos as nossas estimadas clientes que durante o corrente mês se encontram à vossa disposição cabeleiras em KANEKALON desde 350$00

Rua Rodrigues Sampaio, 112-C
Telefone 5 84 47

DO QUE NADA TODA A VIDA

as afirmações de miss Tininha de **«autenticas difamações susceptíveis de prejudicarem gravemente o seu património que é, como todos terão de reconhecer, o seu corpo.»**

Com ou sem sinal no joelho, miss Baixa é a grande favorita da prova havendo, mesmo, quem já tenha apostado notas verdadeiras de mil escudos em que ela vai ser a próxima miss Lagutrop. Interessados em fornecer o maior número possível de elementos de apreciação aos nossos leitores, entrevistamos miss Baixa no foyer dum conhecido hotel da linha do Estoril:

— Em que se apoia, miss Baixa, ao participar neste concurso?

— **Nas coxas, nas pernas, nos dedos mínimos dos pés e — agora é que vem o principal — no meu sorriso encantador. Este meu sorriso é mais do que encantador — é francamente cativante, sedutor e cosmopolita.**

— Cosmopolita? Poderá explicar essa afirmação?

— **Com certeza. Quem me disse que eu tinha um sorriso encantador foi um amigo meu de Porto Amélia. Quem disse que eu tinha um sorriso sedotor foi um amigo meu de Nampula e quem me disse que eu tinha um sorriso cativante foi um amigo meu de Linda-a-Velha. Como vê, tudo gente residente em cosmopoles.**

— Entende que a participação neste concurso vai contribuir para o enriquecimento da sua vida?

— **O mais possível. Ontem entrei num taxi para ir ao cabeleireiro e o chauffeur, que nunca me tinha visto mais gorda, perguntou-me se eu não era uma das concorrentes ao concurso de beleza. Disse-lhe logo que sim e fiquei muito contente por ver que ao contrário do que para aí se diz, o nosso povo não vive afastado da vida nem está alheado das coisas se este chauffeur estivesse alheado, nem sequer saberia que havia um concurso de beleza, não é verdade?**

— Mas como é que ele a reconheceu?

— **Isso não sei, talvez pelo meu sorriso, talvez pelo meu ar de miss. Mas olhe que isto é verdade, ouviu? Se não acredita, dou-lhe o número do taxi. Apontei-o porque foi a primeira vez que fui reconhecida, que passei a ser vedeta.**

Deu-nos o número do taxi e lá fomos à procura do chauffeur que viemos a saber chamar-se António Zé e viver no Bairro Catarino.

— Diga-nos, António Zé, como é que reconheceu a miss Baixa?

— **A miss Baixa? Quem é ela?**

— Uma rapariga a quem perguntou se ela entrava no concurso das misses.

— **Pergunto isso a todas as que não usam aliança. Questão de princípio. Às vezes pega. Quando não há concurso pergunto-lhes sa não trabalham no Maria Vitória. Às vezes pega. Dessa de quem você fala nem me lembro...**

Deixamos o António Zé entregue ao trabalho da limpeza dos estofos do Treco Lareco e fomos entrevistar o senhor Duguerre, distinto técnico de concursos de beleza e uma das prestigiosas figuras que mais concorreram para que o próximo concurso da miss Europa se realizasse entre nós.

— Diga-nos, senhor Duguerre, entende que estes concursos são importantes para os países em que se efectuam?

— **Três importantes.**

— Em que campo?

A candidata de «A MOSCA» no seio da sua feliz família

— **Pour le tourisme. C'est la deuxiéme fois que je viens Lagutrop. C'est un pays charmant. On m'a tout payé...**

— Se não houvesse concursos de beleza, não viria?

— **On me paye pour venir — je viens.**

— E a sua vinda é, portanto, sinal de que o turismo aumentou por causa deste concurso?

— **Evidemment — je suis un touriste, non?**

— Gosta de Portugal?

— **Evidemment — on me paye pour l'aimer et je l'aime.**

Miss Tininha gosta de flores e de crianças

— E entende que tudo isto serve o país?

— **Evidemment. C'est trés important pour le tourisme.**

— Está contente com a organização?

— **Evidemment...**

— Já sabemos que lhe pagam para estar, mas independemente disso?

— **l'organization est charmant...**

— Que aconteceu às vencedoras dos concursos nos últimos anos? Que espécie de vida levaram...?

— **Elles sont charmantes...**

— Mas que fizeram como vida?

— **Elles etaient très importantes pour le tourisme, très importantes.**

— Mas pessoalmente, que fizeram?

— **Elles etaient très importantes pour le tourisme et le tourisme etait très important pour elles.**

— Ah...

— **C'est ça.**

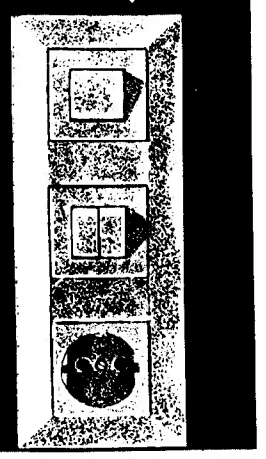
Antes de terminar a nossa reportagem sobre as misses, quisemos falar com miss Cartaxo, uma das mais «airosas» e «distintas» misses que participam neste concurso. Airosa, distinta, elegante e bela, miss Cartaxo recebeu-nos no foyer dum hotel da linha do Estoril:

— **Há para aí quem diga que somos diferentes das outras, que somos o produto duma sociedade alienada, mas tudo isso é mentira. Vou dar-lhe uma fotografia minha que prova o contrário. Como vê, trata-se duma fotografia familiar — sou eu e irmã Fatocha — que é contra estas coisas. Como vê, tive uma infância igual à de milhões de raparigas do meu tempo. Sou normal, normalíssima em tudo. Sou uma típica lagutropesa «girl» e não admito que digam o contrário. Tenho princípios e tudo — só para esclarecer, tenho vinte e quatro princípios — e ainda ontem no banho me entretive a contá-los. Entro neste concurso porque quis ser boa hospedeira e não consegui. Quis ser vedeta do teatro ligeiro e não consegui, quis ser secretária particular e não consegui. Nunca consegui ser nada e agora vou ver se consigo ser miss. Sempre é melhor que nada, não é?**

Concordámos inteiramente.

Miss Cartaxo com sua irmã Fatocha

APARELHAGEM PARA INSTALAÇÕES



JF

J.F. DE AZEVEDO E SILVA & C.ª, L.DA

TEL. 654165 * LISBOA

pali

HELIFLEX®

REVOLUCIONÁRIO TUBO FLEXÍVEL EM P.V.C. REFORÇADO

UM GRUPO PARA CADA FIM:

LEVE
DURÁVEL
RESISTENTE
PRÁTICO
ECONÓMICO

02 Regas e jardinagem
14 Moto-bombas
20 Sucção pesada
22 Gasolinas e produtos químicos
26 Trasfega de vinhos (atóxico)
34 Protecção de cabos eléctricos
40 Aspiração industrial
42 Condutas de ar condicionado
46 Piscinas (flutuante)
480 Ar comprimido e pulverização

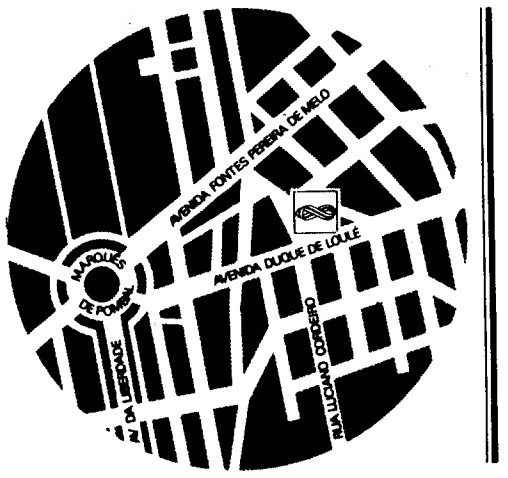
FABRICADO SOB LICENÇA DE A.G. PETZETAKIS A.S. ATENAS

POR: Heliflex Portuguesa, L.da
TUBOS FLEXÍVEIS
ÍLHAVO - AVEIRO - Telef. 24010 - Apart. 130
LISBOA - R. Coronel Bento Roma, 12 D - Tel. 727271

LISBOA
LISBOA
LISBOA
LISBOA

O Banco Totta & Açores, a partir de 13 de Março,
transfere para novas e modernas instalações
dotadas de cofre nocturno e de cofres de aluguer, na
Avenida Duque de Loulé, nº 74 Telef: 563388
a sua dependência que funcionava
no nº 75 C/D da mesma Avenida.

LISBOA



BANCO TOTTA & AÇORES

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA A CARGO DO NOTÁRIO LICENCIADO ANTÓNIO MARQUES CARAMELO

CERTIFICO

Para efeito de publicação:

Que por escritura de três de Março de mil novecentos e setenta e dois, lavrada de folhas seis verso a folhas trinta verso do Livro número trezentos e noventa - A das notas deste Cartório, foi constituída uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Lisboa, denominada Petrosul - Sociedade Portuguesa de Refinação de Petróleos, S. A. R. L., que se ficou a reger pelos estatutos constantes dos artigos seguintes:

Capítulo Primeiro - Denominação, Sede, Objecto e Duração.

Artigo primeiro (Constituição e Denominação)

E constituida pela presente escritura uma sociedade anónima de responsabilidade limitada, que se regerá pelos seus Estatutos, pelo Decreto-Lei número quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um, de doze de Novembro de mil novecentos e setenta e um com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei número trinta e nove traço setenta e dois de três de Fevereiro e pela legislação geral aplicável e que se denominará Petrosul - Sociedade Portuguesa de Refinação de Petróleos, S. A. R. L.

Artigo segundo. (Sede, domicílio e formas de representação local) Um. A sociedade tem sede e domicílio em Lisboa, provisòriamente na Avenida Marquês de Tomar, números trinta e três a trinta e sete. Dois. O conselho de administração poderá transferir a sede e o domicílio para qualquer ponto do território nacional e criar agências, delegações ou qualquer forma de representação no País ou no estrangeiro.

Artigo terceiro. (Objecto)

Um. A sociedade tem por objecto principal a industria de refinação de petróleos brutos e seus resíduos.

Dois. Acessóriamente, poderá a sociedade exercer:

a) Qualquer indústria que constitua complemento do seu objecto principal, quer por contribuir para o abastecimento em matérias primas, quer por aproveitar ou transformar os produtos da indústria principal ou das indústrias acessórias por ela exercidas;

b) O comércio dos produtos das suas indústrias e bem assim de outros idênticos ou complementares.

Três. O objecto da sociedade, definido nos números anteriores só poderá ser alterado por deliberação da assembleia geral, tomada nos termos do artigo vigésimo sexto, número dois destes Estatutos. Artigo quarto. (Associação e participação noutras sociedades)

Um. A sociedade só pode associar-se com outras entidades para a formação de sociedades comerciais ou adquirir participações nestas, desde que a sociedade em que aquela participe tenha um objecto incluido nos números um e dois do artigo terceiro.

Dois. A sociedade poderá associar-se com outras entidades para formar sociedades ou associações, cujo fim seja o aumento de rentabilidade das empresas associadas e não a produção e distribuição de lucros.

Três. A sociedade participará na constituição de uma sociedade anónima de responsabilidade limitada destinada a explorar a indústria petroquimica de olefinas, nos termos do artigo vigésimo terceiro do Decreto-Lei quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um, de doze de Novembro de mil novecentos e setenta e um.

Artigo quinto. (Duração)

A sociedade começa a sua existência na data desta escritura e durará por tempo indeterminado.

Capítulo Segundo - Capital, Acções e Obrigações.

Artigo sexto. (Capital nominal e capital realizado)

Um. A sociedade tem o capital de setecentos e cinquenta e cinco mil contos, dividido em setecentas e cinquenta e cinco mil acções do valor nominal de mil escudos.

Dois. O capital encontra-se subscrito em dinheiro, na percentagem de oitenta e cinco por cento, pelos accionistas fundadores.

Três. O capital subscrito está realizado em dez por cento.

Quatro. A partir do momento da constituição da sociedade e o mais tardar até trinta dias depois da liberação integral das acções, mas nunca após trinta e um de Dezembro de mil novecentos e setenta e quatro, serão oferecidas para aquisição pelo público acções correspondentes a quinze por cento do capital social, nos seguintes termos:

a) O preço da aquisição será o valor nominal da acção;

b) O rateio a que porventura haja lugar favorecerá as pessoas que se proponham adquirir o menor número de acções.

Artigo sétimo (Acções do Estado)

Um. Em cumprimento do disposto no artigo terceiro, número dois e três do Decreto-Lei quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um, de doze de Novembro de mil novecentos e setenta e um, os accionistas fundadores liberarão á sua custa e entregarão gratuitamente ao Estado trinta e quatro por cento das acções correspondentes a esse capital, ou seja, duzentas e cinquenta e seis mil e setecentas acções.

Dois. Em cumprimento do disposto no número um do artigo quinto do mesmo. Decreto-Lei e enquanto a sociedade estiver autorizada a explorar a Refinaria cuja instalação é autorizada por aquele diploma, em qualquer aumento de capital que venha a ser efectuado, ao Estado serão entregues gratuitamente trinta e quatro por cento das acções correspondentes a cada aumento de capital, liberadas pelos outros accionistas.

Três. Para execução do estipulado nos dois números anteriores, a sociedade depositará na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência os títulos provisórios ou definitivos, que representem as acções destinadas ao Estado, com instruções para a este serem entregues logo que estejam inteiramente liberadas.

Quatro. Em virtude do disposto nos números anteriores, cada accionista responderá perante a sociedade não só pela importância da subscrição das acções que, afinal lhe fiquem pertencendo, como ainda, em proporção das acções que subscreva em cada aumento ou no capital inicial tratando-se de accionistas fundadores, pela importância necessária para a deliberação das acções a entregar gratuitamente ao Estado.

Artigo oitavo. (Liberação do capital)

Um. A parte do capital em dívida será paga, nos termos dos números seguintes, em uma ou mais prestações, á medida da sua necessidade para a realização do objecto social.

Dois. As chamadas de capital serão deliberadas pelo conselho de administração, mediante comunicação a todos os accionistas, por meio de carta registada ou de anúncios publicados num jornal de Lisboa e noutro do Porto, conforme for julgado preferível.

Três. O prazo para pagamento de cada prestação não poderá ser inferior a quinze dias, contados da data de expedição da carta registada, ou da publicação dos anúncios.

Quatro. Decorrido o prazo fixado sem que o accionista efectue o pagamento devido, começarão a ser contados juros de mora á taxa de seis por cento e o accionista remisso perde, pelo tempo que a mora dure, os direitos sociais, incluindo o direito de voto e o direito ao dividendo, mas continua sujeito aos respectivos deveres.

Cinco. Depois da mora, o conselho de administração, por meio de notificação judicial avulsa ou de carta registada com aviso de recepção, poderá intimar o accionista remisso e os anteriores proprietários das mesmas acções, para efectuarem o pagamento, em prazo não inferior a quinze dias, sob pena da sanção cominada pelo número seguinte.

Seis. Mantendo-se a mora depois deste segundo prazo, no dia em que este terminar o accionista perderá, automática e imediatamente, a favor da sociedade, as acções e os pagamentos efectuados sem prejuizo do direito de a sociedade exigir judicialmente ao accionista remisso e aos seus antecessores a quantia em dívida e os juros de mora.

Sete. As providências previstas nos números cinco e seis deverão ser tomadas, sem qualquer discriminação, para todos os accionistas que se encontrem em situações iguais.

Oito. E lícito a qualquer accionista antecipar total ou parcialmente o pagamento de importâncias devidas nos termos deste artigo e do número quatro do artigo sétimo.

Artigo nono (Aumento de capital)

Um. O conselho de administração pela maioria prevista no artigo trigésimo quarto, número dois, poderá aumentar o capital, uma ou mais vezes, por subscrição em dinheiro de novas acções, até ele atingir o montante de um milhão de contos.

Dois. O capital não poderá ser aumentado nem nos termos do número anterior nem por deliberação da assembleia geral, sem estar integralmente pago o capital até então fixado, ou sem pelo menos terem sido colocados em mora os accionistas remissos.

Três. O conselho de administração, ao usar da faculdade conferida pelo número um deste artigo, fixará logo os prazos de pagamento do capital aumentado, bem como estabelecerá, dentro da lei e dos estatutos, outras condições a que o aumento deva obedecer.

Quatro. Em todos os aumentos de capital cujo pagamento seja parcialmente diferido, aplicar-se-á o disposto nos números quatro, cinco, seis, sete e oito do artigo oitavo.

Artigo décimo (Espécies de acções e de títulos)

Um. As acções são nominativas enquanto o seu valor nominal não estiver integralmente pago; posteriormente — e ressalvadas as excepções estabelecidas nos números seguintes deste artigo — podem ser nominativas ou ao portador, reciprocamente convertíveis, correndo por conta do accionista as despesas de conversão, salvas as da primeira conversão, para acções ao portador, de acções emitidas como nominativas por não terem sido inicialmente liberadas.

Dois. Serão emitidas como nominativas.

a) As acções entregues gratuitamente ao Estado, por força do artigo sétimo destes Estatutos;

b) As acções que tenham sido ou venham a ser subscritas pela Sociedade Nacional de Petróleos, S.A.R.L., pela Companhia União Fabril, S.A.R.L., ou que pertençam ou venham a pertencer a entidades ou empresas admitidas por aquelas a participar no capital, ao abrigo do número dois do artigo segundo do Decreto - Lei quatro - centos e noventa e sete traço setenta e um, de doze de Novembro.

Três. E proibida a emissão ou a conversão em acções ao portador, na medida em que, por efeito delas, deixarem de ser nominativas as acções correspondentes a cinquenta e um por cento do capital social.

Quatro. As acções serão representadas por títulos de uma, cinco, dez, cinquenta, cem, quinhentas e mil acções, mas as acções pertencentes ao Estado poderão ser representadas ainda por títulos de cinquenta mil e cem mil acções.

Artigo décimo primeiro. (Preferência na subscrição de novas acções).

Um. Na subscrição, em dinheiro, de novas acções resultantes de aumento de capital, terão preferência os accionistas que o forem na data da subscrição e que não se encontrem em mora no pagamento de acções.

Dois. O direito de preferência é instituído proporcionalmente ao número de acções possuídas por cada accionista na data referida no número anterior e, quando um accionista não exerça total ou parcialmente esse direito, proceder-se-á, nessa parte e por uma só vez, a novo rateio entre os accionistas preferentes.

Três. Ao deliberar sobre um aumento de capital, a assembleia geral pode resolver que, quanto a todo ou parte desse aumento, os accionistas não gozem do direito de preferência criado por este artigo.

Quatro. O direito de subscrição correspondente às acções inicial ou subsequentemente entregues gratuitamente ao Estado é exercido pela entrega, também gratuita, de trinta e quatro por cento das novas acções, conforme se estipula no artigo sétimo número dois,mas as acções adquiridas pelo Estado a qualquer outro título gozarão de direito de preferência na subscrição de novas acções em perfeita igualdade de poderes e deveres com os outros accionistas. Artigo décimo segundo. (Restrições à transmissão de acções: nacionalidade dos accionistas).

Um. A sociedade não averbará transmissões, a qualquer título de acções nominativas, desde que por efeito delas deixem de ficar averbadas a favor de entidades nacionais, nos termos do Decreto-Lei número quarenta e seis mil trezentos e doze, de vinte e oito de Abril de mil novecentos e sessenta e cinco, acções correspondentes a cinquenta e um por cento do capital social nessa data.

Dois. Caso as transmissões tenham resultado de morte de pessoa física ou de extinção de pessoa colectiva, poderão ser averbadas, apesar do disposto no número anterior, mas apenas para a regularização de averbamentos simultâneos de transmissões posteriores a favor de entidades nacionais.

Artigo décimo terceiro. (Restrição à transmissão de acções: direito de preferência).

Um. Relativamente à transmissão das acções a que se refere o artigo décimo, número dois, alíneas a) e b) destes Estatutos, são criados os seguintes direitos de preferência:

a) Quanto à transmissão de acções averbadas em nome da CUF ou da SONAP, caberá ao Estado o primeiro direito de preferência, excepto se o adquirente for a outra das referidas sociedades e da transacção não resultar para esta a titularidade de um número de acções superior a trinta e quatro por cento do capital social.

b) No caso de o Estado não exercer o direito de preferência criado pela alínea a), poderão preferir, a SONAP ou a CUF, conforme a hipótese.

c) Seja quem for o proposto adquirente, na transmissão de acções averbadas a entidades admitidas pela CUF e pela SONAP a participar na sociedade, ao abrigo do número dois do artigo segundo do Decreto-Lei, quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um, caberá o primeio direito de preferência à CUF e à SONAP, **pro rata**.

d) No caso de a CUF ou a SONAP não exercerem o direito de preferência referido na alínea anterior, pertencerá o direito de preferência ao Estado.

e) Sem prejuízo do direito conferido ao Estado pelo número nove deste artigo, à SONAP e à CUF caberá direito de preferência na transmissão de acções do Estado, a realizar para entidade que não seja pessoa colectiva de direito público ou instituição especial de crédito dominada pelo Estado.

Dois. Os accionistas vinculados pelos direitos de preferência criados pelo número anterior, devem, antes de qualquer transmissão, comunicar à sociedade, por escrito, as condições em que se propõe transmitir acções, incluindo a identificação do adquirente. Três. Gozando o Estado de direito de preferência, o conselho de administração, nos oito dias seguintes à comunicação prevista no número dois, transmiti-la-á, também por escrito, ao Ministro das Finanças, o qual exercerá, querendo, o direito de preferência do Estado, nos quinze dias seguintes à entrada da comunicação no Ministério.

Quatro. Caso o Estado não tenha ou não exerça direito de preferência, o conselho de administração, por escrito, e no prazo de oito dias contados, conforme os casos, ou do fim do prazo para o exercício do direito do Estado ou da recepção da comunicação do transmitente, notificará os outros titulares do direito de preferência, para o exercerem, querendo, no prazo de quinze dias.

Cinco. Não é possível exercer direito de preferência apenas quanto a parte das acções que forem objecto de uma só comunicação pelo interessado.

Seis. Tratando-se de transmissão por venda a preferência será exercida pelo preço e nas condições de pagamento propostas, tratando-se de transmissões a qualquer título que não seja a venda, a preferência será exercida pelo valor real da contraprestação efectuada ou prometida pelo adquirente. Não sendo possível avaliação em dinheiro dessa contraprestação atender-se-á ao valor real das acções, como tal se entendendo a cotação média efectuada na Bolsa nos seis meses anteriores à data da comunicação da transmissão proposta, ou o valor nominal das acções, se o caso ocorrer antes de estas estarem cotadas na Bolsa há seis meses.

Sete. A sociedade não averbará nem reconhecerá para efeito algum transmissões que não tenham obedecido ao disposto neste artigo.

Oito. O Estado não goza de direito de preferência nas transmissões de acções que venham a efectivar-se nos termos previstos no número dois do artigo segundo do Decreto-Lei quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um, de doze de Novembro.

Nove. Ao comunicar à sociedade que exerce o seu direito de preferência, pode o Estado indicar outra entidade que fique sendo titular dessas acções, contando que não seja nenhuma das promotoras da sociedade ou das entidades admitidas por estas a participar na sociedade.

Artigo décimo quarto. (acções próprias)

Um. A sociedade não pode adquirir acções próprias, salvo em consequência de penalidade imposta a accionistas remissos, ou por força do número três do artigo quinto do Decreto-Lei quatrocentos e noventa e sete traço setenta e um de doze de Novembro.

Dois. As acções próprias adquiridas na primeira das hipóteses previstas pelo número anterior devem, dentro de seis meses, ser vendidas por intermédio de corretor e as adquiridas ao abrigo do número três do artigo quinto do referido Decreto-Lei, devem ser alienadas, nos termos do número cinco do mesmo preceito.

Três. Enquanto as acções próprias não forem vendidas, consideram-se suspensos todos os direitos e todas as obrigações a elas inerentes.

Artigo décimo quinto (Obrigações).

Um. A sociedade poderá emitir obrigações, convertíveis ou não, nos termos e condições que forem deliberados pela assembleia geral, pela maioria prevista no artigo vigésimo sexto, número dois.

Dois. A sociedade pode adquirir obrigações próprias, desde que tais obrigações não sejam convertíveis.

Capítulo Terceiro. Assembleia Geral.

Artigo décimo sexto. (Composição da assembleia).

Um. A assembleia geral é constituída por todos os accionistas com direito pelo menos a um voto e, as suas deliberações, salvo o direito de impugnação nos termos legais, vinculam todos os accionistas independentemente da sua participação na assembleia ou do modo como nesta tenham votado.

Dois. Podem ainda participar nos trabalhos da assembleia as pessoas que exerçam cargos na mesa da assembleia geral, no conselho de administração e no conselho fiscal, embora porventura não sejam accionistas ou, sendo-o, não possuam acções que lhes atribuam direito a um voto.

Três. Os accionistas que não possuam o número de acções necessário para conferir voto em assembleia poderão agrupar-se de forma a completarem o número e fazerem-se representar por um dos agrupados.

Quatro. Um accionista pode fazer-se representar na assembleia por outro accionista, com direito de voto, bastando para conferir a representação uma carta dirigida ao presidente da mesa da assembleia geral.

Cinco. O Estado será representado nas assembleias gerais por quem a lei determinar.

Seis. Os accionistas que sejam pessoas colectivas e que não se façam representar por outro accionista, deverão indicar em carta dirigida ao presidente da mesa da assembleia geral quem os representará na assembleia.

Artigo sétimo. (Competência da assembleia).

Um. A assembleia geral tem a competência exclusiva atribuída por lei e por estes Estatutos e ainda competência cumulativa com outros orgãos sociais em todos os assuntos que, por lei ou pelos Estatutos, não sejam da competência exclusiva destes.

Dois. O conselho de administração tem o dever de dar pronta e eficiente execução a todas as deliberações da assembleia, tomadas em matéria da sua competência exclusiva ou cumulativa.

Artigo décimo oitavo. (Assembleias ordinárias e extraordinárias) Um. A assembleia geral reúne ordinàriamente, pelo menos, uma vez em cada ano, nos três primeiros meses do ano, para deliberar sobre os assuntos previstos no artigo centésimo septuagésimo nono, parágrafo único, do Código Comercial.

Dois. Todas as outras assembleias são consideradas extraordinárias.

Artigo décimo nono. (Modo de convocação da assembleia).

As assembleias gerais serão convocadas por meio de anúncios publicados no «Diário do Governo» e num jornal de grande circulação de Lisboa e noutro do Porto, com a antecedência mínima de quinze dias. Artigo vigésimo. (Requerimento e competência para a convocação).

Um. A assembleia será convocada pelo presidente da mesa ou por quem legalmente fizer as suas vezes a requerimento do conselho de administração, do conselho fiscal ou de pelo menos dois accionistas que possuam, em conjunto, o mínimo de quinze por cento das acções em que o capital social se encontre dividido.

Dois. As entidades que podem requerer a convocação da assembleia, podem igualmente requerer que na ordem do dia da assembleia já convocada ou a convocar seja incluído qualquer assunto, legal e estatutàriamente possível, contanto que este ainda possa ser publicado com a antecedência determinada pelo artigo décimo nono.

Artigo vigésimo primeiro

(Mesa da Assembleia) A assembleia elegerá de entre os accionistas e por período de três anos, um presidente, um vice-presidente, dois secretários e dois vice-secretários da mesa da assembleia geral.

Artigo vigésimo segundo. (Acções que conferem direito de voto) Um. Para conferirem direito de voto numa assembleia, as acções nominativas devem estar averbadas e as acções ao portador devem estar depositadas, em nome do seu actual titular, até dez dias antes da data da assembleia.

Dois. O depósito para os efeitos do número anterior deverá ser feito na sede da sociedade ou em estabelecimento bancário designado pela sociedade.

Três. Atendendo aos seus direitos de nomeação e de proposta de membros de corpos gerentes, o Estado não participará nas respectivas eleições, designação e destituições.

Artigo vigésimo terceiro (Relação entre as acções e os votos).

Um. Por cada duzentas e cinquenta acções, que conferirem direito de voto, averbadas ou depositadas em nome da mesma pessoa, dos mesmos comproprietários ou dos mesmos proprietários agrupados nos termos do artigo dezasseis, número três, será contado um voto.

Dois. Não haverá na sociedade outras limitações ao número máximo de votos em função do número de acções possuídas por cada accionista ou dos votos agrupados em assembleia geral, além daquelas que a lei geral imponha.

Artigo vigésimo quarto. (Local da reunião).

A asembleia geral deve reúnir na sede da sociedade, salvo se o presidente da mesa ou quem suas vezes fizer, considerar justificada a sua reunião noutro local de Portugal metropolitano, a requerimento do conselho de administração ou do conselho fiscal.

Artigo vigésimo quinto. (Quorum constitutivo).

Um. As assembleias gerais ordinárias ou extraordinárias, em primeira convocação, só se consideram constituídas e só podem deliberar estando presentes ou representados accionistas que disponham de dois terços dos votos correspondentes ao capital social.

Dois. Em segunda convocação, será aplicável o artigo centésimo octogésimo quarto do Código Comercial.

Artigo vigésimo sexto (Quorum deliberativo).

Um. Em regra, as deliberações serão tomadas por maioria absoluta dos votos dos accionistas presentes ou representados.

Dois. Quando a lei não exija maioria superior, devem ser tomadas por maioria dos votos correspondentes ao capital social, descontadas apenas as acções da própria sociedade, se as houver, as deliberações que aumentam o capital social, alterem os estatutos, transformem o tipo de sociedade, fundam, cindam ou dissolvam a sociedade e ainda outras para as quais estes Estatutos exijam tal maioria.

Três. Devem ser tomadas por maioria dos votos correspondentes à parte do capital social, que nelas pode participar, as deliberações que elejam ou demitam membros da assembleia geral, do conselho de administração e do conselho fiscal e bem assim as que designem ou destituam o presidente do conselho de administração e o do conselho fiscal.

Artigo vigésimo sétimo (Forma das votações).

A forma das votações será determinada por quem presidir a assembleia excepto se a própria assembleia deliberar prèviamente a forma de alguma votação.

Capítulo quarto - Conselho Geral.

Artigo vigésimo oitavo. (Composição e presidência).

Um. Haverá um conselho geral composto pelos membros do conselho de administração e por mais duas ou três pessoas eleitas trienalmente pela assembleia geral.

Dois. O conselho geral escolherá de entre os seus membros um que presidirá.

Artigo vigésimo nono (Competência).

Compete ao conselho geral emitir parecer sobre os problemas de orientação geral da sociedade, os planos plurianuais de gestão, e sobre a melhor forma de lhes dar execução, as propostas de aumento de capital social e, de um modo geral, sobre quaisquer assuntos que lhe sejam submetidos pelo conselho de administração.

Capítulo quinto - Conselho de Administração - Artigo trigésimo. (Composição e presidência).

Um. O conselho de administração terá o número de administradores que a assembleia geral determinar até o máximo de nove.

Dois. Compete à assembleia geral designar o presidente e o vice-presidente do conselho de administração, ficando a designação do primeiro sujeita a homologação do Governo.

Três. Podem ser eleitos administradores pessoas colectivas, as quais indicarão por escrito quem as representará.

Artigo trigésimo primeiro. (Forma e tempo da designação).

Um. Três dos administradores serão nomeados pelo Governo nos termos da respectiva legislação.

Dois. Os restantes administradores serão eleitos, de entre os accionistas, pela assembleia geral, por período de três anos, podendo ser reeleitos.

Três. O período de três anos referido no número anterior inicia-se no primeiro dia do mês seguinte áquele em que tiver ocorrido a eleição.

Quatro. Ocorrendo uma vaga no conselho de administração por faltar ou por estar impedido definitivamente, antes de terminado o seu mandato, algum administrador eleito, será ela preenchida até ao termo previsto para esse mandato, por meio de nova eleição, ou por meio de cooptação efectuada, de entre os accionistas, pelo conselho, nos termos do artigo trigésimo quarto, número dois.

Artigo trigésimo segundo (Caução).

Um. Nos trinta dias seguintes à eleição, os administradores eleitos devem prestar caução no montante de duzentos e cinquenta mil escudos, por depósito de acções da sociedade, por fiança bancária ou por seguro de caução.

Dois. A falta de prestação de caução, dentro do prazo referido, faz caducar a eleição.

Artigo trigésimo terceiro. (Reuniões do Conselho).

Um. O conselho de administração deve ter pelo menos uma reunião em cada mês; além disso, reunir-se-á sempre o presidente o convoque, por sua iniciativa ou a pedido de dois administradores ou de um administrador-delegado.

Dois. O conselho de administração reúne na sede da sociedade, mas poderá reunir-se noutro local desde que nisso o consinta a maioria dos administradores.

Três. O conselho de administração não pode funcionar sem a presença da maioria dos administradores.

Quatro. E permitido ao conselho deliberar por escrito, independentemente de reunião, desde que tais deliberações sejam tomadas por unanimidade.

Cinco. Pode um administrador fazer-se representar por outro administrador, bastando para tanto carta dirigida a quem presida à reunião, a qual será válida apenas para a reunião nela especificada.

Artigo trigésimo quarto (Resolução do Conselho).

Um. O conselho de administração toma resoluções por maioria do número de administradores presentes.

Dois. Só podem ser tomadas, porém, por maioria de dois terços do número estatuário dos administradores, as resoluções relativas a celebração de contratos de financiamento, abertura ou encerramento de instalações industriais da sociedade, mudança da sede ou domicílio, associação com outras entidades, designação dos administradores-delegados e definição das respectivas funções e poderes, e ainda outras resoluções para as quais nestes Estatutos se exija essa maioria.

Três. Um administrador não pode votar sobre assunto no qual tenha interesse pessoal contraposto, mesmo só potencialmente, ao da sociedade.

Artigo trigésimo quinto. (Delegações do Conselho).

Um. Sem prejuízo da sua competência e das suas responsabilidades legais e estatutárias, o conselho, pela maioria prevista no artigo trigésimo quarto, número dois, pode encarregar algum dos seus membros de superintender em ramos diferenciados da administração ou de executar deliberações tomadas e bem assim pode o conselho nomear um ou dois dos seus membros administradores - delegados, confiando-lhes poderes para todos os assuntos que o conselho não tenha excluído de delegação.

Dois. Os poderes delegados em dois administradores de harmonia com o número um deste artigo, serão exercidos conjuntamente, se outro regime não for estabelecido pelo conselho.

Três. Quando os administradores-delegados sejam autorizados a actuar individualmente, nenhum deles pode contrariar decisões tomadas pelo outro, mas qualquer deles pode submeter ao conselho as divergências entre eles surgidas.

Quatro. Pode também o conselho designar um ou dois administradores-delegados substitutos.

Artigo trigésimo sexto. (Representação da Sociedade).

Um. Salvo quando atribuída por lei a um só administrador, a representação da sociedade, em juízo ou fora dele, cabe apenas:

a) Ao administrador-delegado com um outro administrador ou aos dois administradores-delegados, agindo conjuntamente;

b) A dois administradores que, agindo conjuntamente, sejam encarregados especialmente pelo conselho de executar resoluções deste ou deliberação da assembleia, em representação da sociedade;

c) A procuradores legalmente constituídos, nos termos e com os limites fixados na procuração.

Dois. Sem prejuízo dos efeitos produzidos para com terceiros, os actos de representação da sociedade devem ser praticados de harmonia com as deliberações e resoluções tomadas sobre o assunto pelos orgãos administrativos competentes.

Três. Os representantes da sociedade assinam por esta quando acrescentam o seu próprio nome à firma da sociedade ou quando indicam expressamente a qualidade em que a representam.

Artigo trigésimo sétimo (Competência do Conselho).

O conselho de administração tem competência para praticar todos os actos de administração da sociedade que, por lei ou pelos Estatutos, não sejam da competência exclusiva de outro orgão social.

Artigo trigésimo oitavo (Remuneração dos administradores).

Um. Compete a uma comissão composta pelo presidente da mesa da assembleia geral e dois accionistas eleitos por três anos estabelecer a remuneração mensal fixa dos administradores e propor à assembleia, se disso for caso, a percentagem de lucros destinada a complemento variável da remuneração.

Dois. A remuneração mensal fixa, estabelecida nos termos do número anterior, manter-se-á até ser alterada pela referida comissão.

Três. A percentagem de lucros destinada a complemento variável de remuneração aprovada pela assembleia geral mantem-se até ser alterada por esta, mediante nova proposta da referida comissão.

Quatro. A quantia destinada a complemento variável de remuneração será distribuída pelos administradores como for acordado por estes e, na falta de acordo, como for determinado pela referida Comissão.

Capítulo sexto - Conselho Fiscal.

Artigo trigésimo nono (Composição).

Um. A fiscalização da sociedade compete a um conselho fiscal, composto por três membros efectivos e um suplente, eleitos pela assembleia geral, por um período de três anos, reelegíveis, uma e mais vezes.

Dois. Um dos membros efectivos do conselho fiscal será eleito sob proposta do representante do Estado, caso este participe na assembleia.

Três. Os membros do conselho fiscal podem não ser accionistas.

Artigo quadragésimo (Presidência do Conselho Fiscal) Compete à assembleia geral designar de entre os membros do conselho fiscal o presidente.

Artigo quadragésimo primeiro (Funcionamento do Conselho).

Um. Salvo quando a lei permita o exercício individual das funções do conselho, este funciona colegialmente.

Dois. As resoluções do conselho devem ser tomadas por maioria do número estatutário dos seus membros.

Três. As reuniões do conselho fiscal serão convocadas pelo seu presidente e deverão realizar-se na sede da sociedade, salvo se a reunião noutro local for consentida pela maioria dos membros.

Artigo quadragésimo segundo (Substituição do Conselho Fiscal).

Depois da entrada em vigor do artigo quarto do Decreto-Lei número quarenta e nove mil trezentos e oitenta e um, de quinze de Novembro de mil novecentos e sessenta e nove, a assembleia geral, pela maioria referida no artigo vigésimo sexto, número dois destes Estatutos, pode deliberar que as funções do conselho fiscal sejam exercidas por uma sociedade de revisores de contas.

Capítulo sétimo - Destinos dos Lucros.

Artigo quadragésimo terceiro. (Destinos dos lucros).

Um. Os lucros apurados pelo balanço anual, terão o seguinte destino:

a) Retirar-se-á primeiramente uma importância igual a uma vigésima parte do lucro, para constituição ou reintegração do fundo de reserva legal, até que este atinja a quinta parte do capital social;

b) Do remanescente sairão em seguida as quantias que, sob proposta do conselho de administração, a assembleia votar para reforço da reserva legal, se esta já exceder o mínimo referido na alínea anterior, ou à constituição, reintegração ou reforço doutras provisões ou reservas;

c) Seguidamente, será destinada a primeiro dividendo dos accionistas uma importância correspondente a cinco por cento do capital social, ou o remanescente se for inferior;

d) Havendo saldo, a assembleia geral poderá atribuir a complemento de remuneração dos administradores e dos membros do conselho fiscal a importância que para o efeito votar sob proposta da comissão prevista no artigo trigésimo oitavo. Para participação dos empregados poderá a assembleia afectar uma percentagem até três por cento dos lucros;

e) O remanescente será aplicado, conforme a assembleia deliberar, a dividendo complementar dos accionistas, a constituição, reintegração ou reforço de quaisquer reservas ou ainda a outros fins legais que a assembleia tenha por convenientes.

Dois. A assembleia não poderá votar para os fins indicados na alínea b) do número anterior, menos de metade das quantias totais propostas pelo conselho de administração; se o fizer, é automàticamente elevada até esse mínimo a quantia total inferior, porventura votada, e o conselho reparti-la-á pelas várias reservas ou provisões, conforme achar preferível.

Três. No decurso do exercício, o conselho de administração, com parecer favorável do conselho fiscal, poderá antecipar a distribuição do dividendo até ao limite previsto na alínea c) do número um, desde que haja forte probabilidade de os lucros finais do exercício comportarem a quantia assim antecipada, acrescida da importância necessária para reserva legal.

Capítulo oitavo - Dissolução e Liquidação.

Artigo quadragésimo quarto (Dissolução).

A sociedade dissolve-se apenas nos casos em que a lei impõe a dissolução.

Artigo quadragésimo quinto (Liquidação).

Um. A liquidação será feita extra - judicialmente.

Dois. Serão liquidatários os administradores em exercício à data da dissolução, salvo se a assembleia geral nomear outros liquidatários.

Três. A liquidação deverá estar terminada no prazo de três anos, a contar da data da escritura de dissolução.

Capítulo nono - Disposições finais e transitórias.

Artigo quadragésimo sexto. (Nomeação de administradores).

Um. São, desde já, nomeados administradores da sociedade os accionistas Sociedade Nacional de Petróleos, S.A.R.L. e Companhia União Fabril, S.A.R.L..

Dois. O mandato destes administradores termina no dia trinta e um de Março de mil novecentos e setenta e quatro.

Artigo quadragésimo sétimo (Convocação de assembleia).

Um. E convocada para o dia vinte e um de Março corrente às quinze horas, na sede da sociedade, a assembleia geral para eleição dos membros da mesa da assembleia geral, dos membros do conselho geral, dos restantes membros do conselho de administração, do conselho fiscal e dos dois accionistas que devem fazer parte da comissão criada pelo artigo trigésimo oitavo, e bem assim para designação do presidente e vice-presidente do conselho de administração e do presidente do conselho fiscal.

Dois. O mandato das pessoas eleitas na assembleia convocada pelo número anterior termina no dia trinta e um de Março de mil novecentos e setenta e quatro.

Por verdade e me ser pedido fiz escrever o presente que assino em Lisboa, aos oito de Março de mil novecentos e setenta e dois.

O Ajte. do Cartório. (a) (Maria Alice da Conceição Coutinho Robim de Matos).

HORÁRIO DOS COMBOIOS

LISBOA-ENTRONCAMENTO-ABRANTES-TORRE DAS VARGENS — ELVAS — BADAJOZ — MARVÃO-BEIRÃ — VALÊNCIA DE ALCÂNTARA

Desde 27 de Fevereiro de 1972

			S			S								S					S	S	
	7-35	9-45	15-35	18-45	21-30	22-15	P	Lisboa (Santa Apolónia)	C	9-20	10-35	14-20	20-15	19-40	23-40	1-00	
	8-00	|	16-00	19-11	|	22-44	P	Vila Franca de Xira	P	|	10-07	13-48	19-45	|	|	0-29	
	8-33	|	16-33	19-55	22-26	23-37	P	Santarém	P	8-22	9-26	13-08	18-59	|	22-39	23-54	
D	9-01	11-07	17-18	21-00	22-57	1-50	P	Entroncamento	P	7-59	8-55	12-37	18-28	18-25	22-15	23-28	D
	9-38	11-36	17-58	21-42	23-29	2-44	P	Abrantes	P	7-18	8-06	11-10	17-14	17-57	21-29		3-05
	10-06	11-59	18-28	22-12	|	3-24	P	Ponte de Sor	P	|	7-36	10-37	16-43	17-33	20-59		1-25
	10-16	12-07	18-39	22-23	0-07	3-34	C	Torre das Vargens	P	6-41	7-24	10-26	16-32	17-26	20-49		0-48
	10-32	12-08	18-43		0-10	4-00	P	Torre das Vargens	C	6-35		10-14	16-15	17-25	20-20		
	11-04	12-31	19-17		|	5-04	P	Vale do Peso	P	|		9-43	15-43	17-02	19-35		
	11-28	12-47	19-41		|	5-52	P	Castelo de Vide	P	|		9-21	15-22	16-46	18-50		
	11-45	13-00	19-58		1-15	6-12	C	Marvão-Beirã	P	5-32		9-03	15-05	16-33	18-14		
	12-15	13-20	20-35		1-40	7-05	C	Valência de Alcântara	P	5-00		8-30	14-30	16-05	17-20		
	10-21		18-48	22-30		3-49	P	Torre das Vargens	C		7-22	10-05	16-28		20-41		
	10-48		19-23	23-00		4-24	P	Crato	P		6-55	9-33	16-02		20-10		23-18
	11-05		19-52	23-22		4-54	P	Portalegre	P		6-38	9-15	15-46		19-50		22-33
	11-22		20-09	23-40		5-13	P	Assumar	P		6-20	8-56	15-27		19-22		
	11-53		20-42	0-13		5-47	P	Santa Eulália	P		5-48	8-22	14-56		18-49		
	12-25		21-15	0-45		6-19	C	Elvas	P		5-15	7-47	14-23		18-14		
	13-00		21-50			7-05	C	Badajoz	P			7-05	13-45		17-35		

S — Sujeito ao pagamento de suplemento.

D Só se efectua aos domingos e feriados oficiais àqueles equiparados.

Por
NOAH DIETRICH
Exclusivo
«News of the World»/«DL»

Howard Hughes raramente se deixa fotografar. Durante mais de vinte anos, sempre tem procurado fugir à indiscrição dos fotógrafos. Recentemente foi publicado um livro, onde é contada a história de um homem que se tornou o mais famoso produtor de filmes de todos os tempos e, provàvelmente, o homem mais rico do mundo e o mais misterioso. O escritor Noach Dietrich, que, durante cerca de 30 anos, foi um dos mais íntimos colaboradores de Hughes, fala neste artigo das lindas mulheres que passaram pela vida do milionário, e como ele conseguiu levar Jane Russell aos píncaros da fama.

Ida Lupino, a p

O MILIONÁRIO EREMITA QUE INVENTOU A GLÓRIA

Ginger Rogers, a favorita dos milionários

A preocupação de Howard Hughes com as actrizes nasceu de uma obsessão que ele tinha. Dizia a toda a gente que andava procurando «a mulher perfeita», tanto no rosto como no físico em geral. Quando julgou tê-la encontrado, quis fazer dela a maior estrela de cinema de todos os tempos. Na verdade, Hughes nunca conseguiu realizar a sua ambição. Tentou diversas vezes, e, naturalmente, o grande prazer que sentia não era saber que um dia iria encontrar essa mulher, mas sim o desejo de continuar a procurá-la.

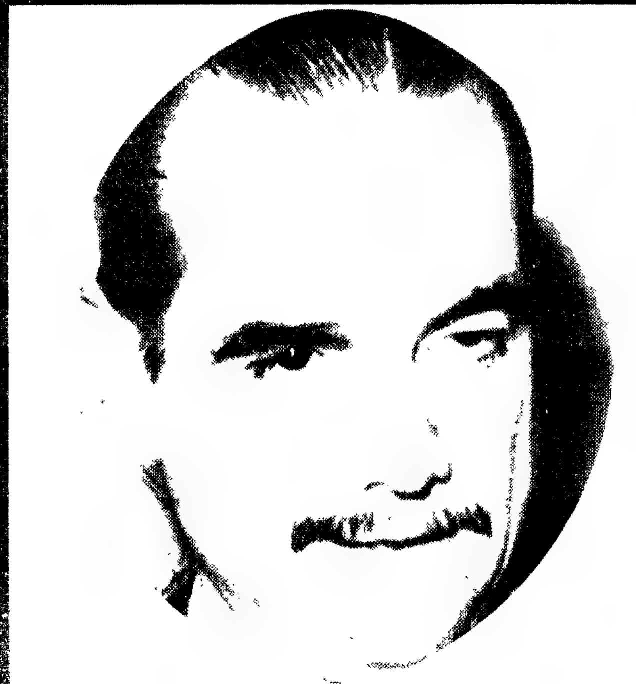
Um dia fui encontrá-lo bastante excitado. **«Hoje»**, disse ele, **vi o mais lindo busto que encontrei em toda a minha vida.**

ATRIBUTOS

Hughes tinha ido ao dentista, e o famoso busto a que se referia era o da enfermeira do dentista, uma jovem de 19 anos, chamada Jane Russell. O milionário conseguiu que ela assinasse um contrato, e deu-lhe o papel de Rio, a companheira de Doc Holliday, num filme sobre Billy the Kid, que teve, em inglês, o título de **The Outlaw.**

Howard Hughes procurou fazer todo o possível por tirar o máximo partido dos generosos dotes físicos de Jane Russell. Uma das principais cenas do filme era quando Billy, ferido, tremia de frio numa cabana abandonada. Hughes filmou, imagem por imagem, Jane Russell debruçada sobre Billy, até que conseguiu obter a posição mais fotogénica. Foi precisamente essa cena, em que o busto de Jane aparecia em grande plano, que fez com que, no dia da estreia do filme, um soldado que estava assis-

Ava Gardner, um episódio escandaloso



HOWARD HU

Por NOAH DIETRICH
Exclusivo «News of the World»/«DL»

Howard Hughes raramente se deixa fotografar. Durante mais de vinte anos, sempre tem procurado fugir à indiscrição dos fotógrafos. Recentemente foi publicado um livro, onde é contada a história de um homem que se tornou o mais famoso produtor de filmes de todos os tempos e, provavelmente, o homem mais rico do mundo e o mais misterioso. O escritor Noach Dietrich, que, durante cerca de 30 anos, foi um dos mais íntimos colaboradores de Hughes, fala neste artigo das lindas mulheres que passaram pela vida do milionário, e como ele conseguiu levar Jane Russell aos píncaros da fama.

Ida Lupino a p[illegible]

O MILIONÁRIO EREMITA QUE INVENTOU A GLÓRIA

Ginger Rogers, a favorita dos milionários

A preocupação de Howard Hughes com as actrizes nasceu de uma obsessão que ele tinha. Dizia a toda a gente que andava procurando a mulher perfeita [illegible] no físico em geral. [illegible] Na verdade, Hughes nunca conseguiu realizar a sua ambição. Tentou diversas vezes e naturalmente o grande prazer que sentia não era saber que um dia a encontraria essa mulher, mas sim o desejo de continuar a procurá-la.

[illegible] «Hoje» [illegible] ele: **vi o mais lindo busto que encontrei em toda a minha vida**

ATRIBUTOS

Hughes tinha ido ao dentista [illegible] famoso busto a que se referia era o da enfermeira do dentista, uma jovem de 19 anos, chamada Jane Russell. [illegible] **The Outlaw**

[illegible] Jane Russell [illegible] Billy [illegible] numa cabana [illegible] Hughes filmou imagem por imagem Jane Russell debruçada sobre Billy [illegible] conseguiu obter a posição mais fotogénica. Foi precisamente essa cena em que o busto de Jane aparecia em grande plano que fez com que [illegible]

Ava Gardner, um episódio escandaloso

LOVER-BOY

paixão fulgurante

SUA VIDA, SUAS MULHERES, SEU DINHEIRO, SUAS OBCESSÕES

tindo não se contivesse e gritasse: **Chega de bombas!**

Hughes ficou muito satisfeito com a sequência de um diálogo em que Billy explicava como tinha conseguido conquistar a bela Rio, que era companheira de Doc Holliday. Em certa altura, dizia ele que tinha feito bom negócio porque Doc lhe tinha pedido o cavalo emprestado. Piadas desse género e a própria figura «abrutalhada» de Jane Russell hoje fariam rir qualquer plateia, e mesmo a exuberância de formas que ela ostentava não espantaria ninguém, pois já é normal ver-se no cinema cenas muito mais audaciosas. No entanto, naqueles, tempos, Will Hays era um censor intransigente, e muitas cenas de **The Outlaw** foram cortadas.

Howard controlava a carreira artística de Jane Russell sob todos os aspectos. Até que ponto chegava essa fiscalização pode ver-se num famoso memorando que foi escrito em 1950, quando a estrela estava filmando a película **Macau**. Era o seguinte o texto do memorando:

Quero que Harry Wild fique sabendo que não gostei nada da maneira como o nariz de Jane Russell aparece na fotografia, porque a imagem não a favorece nada, e os defeitos que são mais flagrantes no nariz dela e sobre os quais eu já falei com Wild, aparecem todos nestas fotografias que serviram de teste. Também acho que o guarda-roupa que Jane usou neste teste é horrível. Os vestidos, além de serem inadequados não revelam suficientemente as suas formas, e de maneira geral, são de muito mau gosto. Só há uma excepção: É o vestido feito de tecido metálico. Esse vestido é extremamente espectacular, e deve ser usado em mais cenas. No entanto, o modo como o vestido se ajusta ao busto da actriz não é muito natural, e dá a impressão por incrível que pareça, que os seios são almofadados ou artificiais. Seu contorno não é natural. Até parece que ela esta usando algum soutien especial, ou algum material rígido especial, que não reproduz com fidelidade as suas formas. Especialmente em volta dos bicos dos seios, parece que foi colocada alguma coisa postiça por dentro do vestido que altera o contorno natural do busto. Com isto não quero dizer que ela deva aparecer sem soutien pois na minha opinião essa é uma das peças de vestuário que Jane Russell não pode dispensar. Apenas acho que, se fosse possível arranjar um «meio-soutien» que pudesse erguer os seios e ficasse invisível debaixo do vestido, ou então, um soutien bastante fino, de algum material delicado, de modo que os contornos naturais aparecessem desenha dos debaixo do vestido, isso seria muito melhor do que deixar assim como está.

Além da questão do soutien, talvez seja preciso também que o vestido venha a ser talhado de novo, para que assente com mais naturalidade e as formas naturais do corpo sejam mantidas. Bem, e já agora acho que seria de toda a conveniência que o soutien ou o vestido, levassem uma adaptação que imitasse os bicos dos seios, porque sei muito bem que os de Jane nunca aparecem como se fossem naturais. Os seios dela, ou ficam muito redondos ou muito achatados na curvatura onde deviam ter os bicos, de modo que seria de toda a conveniência que se arranjasse qualquer artificialismo para adaptar ao vestido ou ao soutien mas que não seja muito exagerado, para não deturpar as formas. O que tenho a dizer sobre as fotografias dos testes é que o busto de Jane não parece nada natural.

As formas físicas dela, consideradas em conjunto, não me parecem naturais, e os bicos dos seios, em vez de se apresentarem como um pequeno ponto arredondado como seria de desejar e como se aproximaria mais da realidade, não se parecem nada com isso, e até ficamos com a impressão de que existe alguma coisa debaixo do vestido que produz diversas protuberâncias, assim quase como se o soutien tivesse dois botões no lugar do bico do seio, e que ficam visíveis debaixo do vestido. O ideal seria que se pudesse aplicar um pequeno objecto arredondado ao próprio soutien de modo que imitasse o bico do seio e aparecesse por debaixo do vestido. Há outra coisa também: o contorno dos seis dela parece ser de certo modo cónico, uma coisa feita assim artifi cialmente, adulterando o aspecto natural que deviam apresentar. Isto é uma coisa difícil de explicar assim por escrito, mas se vocês passarem o filme verão logo o que é que eu quero dizer.

O que, realmente, seria ideal era um soutien feito de um tecido bastante fino, que se adaptasse aos contornos de Jane, ou, se fosse possível, que se arranjasse um «meio-soutien», isto é, um soutien que só protegesse a metade inferior dos seios e os elevasse. Mas, se alguma adaptação puder ser feita no próprio vestido, nos lugares dos bicos dos seios, para nos dar a ilusão de que são os próprios bicos (que Jane não tem muito pronunciados), e se isso puder conseguir-se sem pôr nada por dentro do vestido, o que estragaria a naturalidade das formas, isso sim, isso seria o ideal. É claro que vocês já compreenderam que todos estes comentários que venho fazendo se referem aos defeitos que encontrei no vestido de tecido metalizado. No entanto, as mesmas observações também são válidas para qualquer dos vestidos que ela usa em todo o filme, e eu gostaria que estas instruções fossem respeitadas para todo o guarda-roupa dela. Quanto ao aspecto geral dos vestidos, o único que se aproveita é o que é feito de tecido metalizado, embora também tenha o defeito de ter a gola muito alta, o que é desculpável num vestido de cerimónia. Evidentemente que eu quero que todos os outros vestidos dela, sempre que possível, sejam o mais decotados que puderem ser (e com isto eu quero dizer: tão decotados quanto a censura permitir),

Continua na pág. 18

Jane Russell, um problema de volume

Jean Harlow, a loira platinada

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existência.

UGHES LOVER-BOY

paixão fulgurante

SUA VIDA, SUAS MULHERES, SEU DINHEIRO, SUAS OBCESSÕES

tindo não se contivesse e gritasse: **Chega de bombas!**

Hughes ficou muito satisfeito com a sequência de um diálogo em que Billy explicava como tinha conseguido conquistar a bela Rio, que era companheira de Doc Holliday. Em certa altura dizia ele que tinha feito bom negócio porque Doc lhe tinha pedido o cavalo emprestado. Piadas desse género e a própria figura «abrutalhada» de Jane Russell hoje também não fariam rir qualquer plateia, e mesmo a exuberância de formas que ela ostentava não espantaria ninguém, pois já é normal ver-se no cinema cenas muito mais audaciosas. No entanto, naqueles tempos, Will Hays era um censor intransigente, e muitas cenas de **The Outlaw** foram cortadas.

Howard controlava a carreira artística de Jane Russell sob todos os aspectos. Até que ponto chegava essa fiscalização pode ver-se num famoso memorando que foi escrito em 1950, quando a estrela estava filmando a película **Macau**. Era o seguinte o texto do memorando:

Quero que Harry Wild fique sabendo que não gostei nada da maneira como o nariz de Jane Russell aparece na fotografia, porque a imagem não a favorece nada, e os defeitos que são mais flagrantes no nariz dela e sobre os quais eu já falei com Wild, aparecem todos nestas fotografias que serviram de teste. Também acho que o guarda-roupa que Jane usou neste teste é horrível. Os vestidos, além de serem inadequados não revelam suficientemente as suas formas, e de maneira geral, são de muito mau gosto. Só há uma excepção: É o vestido feito de tecido metálico. Esse vestido é extremamente espectacular, e deve ser usado em mais cenas. No entanto, o modo como o vestido se ajusta ao busto da actriz não é muito natural, e dá a impressão por incrível que pareça, que os seios são almofadados ou artificiais. Seu contorno não é natural. Até parece que ela está usando algum soutien especial, ou algum material rígido especial, que não reproduz com fidelidade as suas formas. Especialmente em volta dos bicos dos seios, parece que foi colocada alguma coisa postiça por dentro do vestido que altera o contorno natural do busto. Com isto não quero dizer que ela deva aparecer sem soutien pois na minha opinião essa é uma das peças de vestuário que Jane Russell não pode dispensar. Apenas acho que, se fosse possível arranjar um «meio-soutien» que pudesse erguer os seios e ficasse invisível debaixo do vestido, ou então, um soutien bastante fino de algum material delicado, de modo que os contornos naturais aparecessem desenhados debaixo do vestido, isso seria muito melhor do que deixar assim como está.

Além da questão do soutien, talvez seja preciso também que o vestido venha a ser talhado de novo, para que assente com mais naturalidade e as formas naturais do corpo sejam mantidas. Bem, e já agora acho que seria de toda a conveniência que o soutien ou o vestido, levassem uma adaptação que imitasse os bicos dos seios, porque sei muito bem que os de Jane nunca aparecem como se fossem naturais. Os seios dela, ou ficam muito redondos ou muito achatados na curvatura onde deviam ter os bicos, de modo que seria de toda a conveniência que se arranjasse qualquer artificialismo para adaptar ao vestido ou ao soutien mas que não seja muito exagerado, para não deturpar as formas. O que tenho a dizer sobre as fotografias dos testes é que o busto de Jane não parece nada natural.

As formas físicas dela, consideradas em conjunto, não me parecem naturais, e os bicos dos seios, em vez de se apresentarem como um pequeno ponto arredondado como seria de desejar e como se aproximaria mais da realidade, não se parecem nada com isso, e até ficamos com a impressão de que existe alguma coisa debaixo do vestido que produz diversas protuberâncias, assim quase como se o soutien tivesse dois botões no lugar do bico do seio, e que ficam visíveis debaixo do vestido. O ideal seria que se pudesse aplicar um pequeno objecto arredondado ao próprio soutien de modo que imitasse o bico do seio e aparecesse por debaixo do vestido. Há outra coisa também: o contorno dos seis dela parece ser de certo modo cónico, uma coisa feita assim artificialmente, adulterando o aspecto natural que deviam apresentar. Isto é uma coisa difícil de explicar assim por escrito, mas se vocês passarem o filme verão logo o que é que eu quero dizer.

O que realmente, seria ideal era um soutien feito de um tecido bastante fino, que se adaptasse aos contornos de Jane, ou, se fosse possível, que se arranjasse um «meio-soutien», isto é, um soutien que só protegesse a metade inferior dos seios e os elevasse. Mas, se alguma adaptação puder ser feita no próprio vestido, nos lugares dos bicos dos seios, para nos dar a ilusão de que são os próprios bicos (que Jane não tem muito pronunciados), e se isso puder conseguir-se sem pôr nada por dentro do vestido, o que estragaria a naturalidade das formas, isso sim, isso seria o ideal. E claro que vocês já compreenderam que todos estes comentários que venho fazendo se referem aos defeitos que encontrei no vestido de tecido metalizado. No entanto, as mesmas observações também são válidas para qualquer dos vestidos que ela usa em todo o filme, e eu gostaria que estas instruções fossem respeitadas para todo o guarda-roupa dela. Quanto ao aspecto geral dos vestidos, o único que se aproveita é o que é feito de tecido metalizado, embora também tenha o defeito de ter a gola muito alta, o que é desculpável num vestido de cerimónia. Evidentemente que eu quero que todos os outros vestidos dela, sempre que possível, sejam o mais decotados que puderem ser (e com isto eu quero dizer: tão decotados quanto a censura permitir).

Jean Harlow, a loira platinada

Jane Russell, um problema de volume

POR FAVOR:
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVESARIA DA MODA é na RUA DA PRATA, 257 com mais de meio século de existên-

DL-8 Mulher

A DIETA DE SOFIA LOREN

Há muitas mulheres, que, embora, tendo sido gordas quando jovens, conseguiram um corpo esbelto graças apenas a um regime alimentar equilibrado. Tal é o caso de Sofia Loren, que possui um corpo que todas as mulheres invejam e os homens admiram. Ela confessa que, como latina e boa napolitana, adora as comidas que sejam ricas em gorduras, ou então massas do tipo spaghetti. No entanto, sabe controlar inteligentemente o apetite, para não engordar. Desde há muitos anos Sofia Loren segue um regime alimentar que a mantém em excelentes condições. Ela mesma explica a receita.

SEGUNDA-FEIRA

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou de chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: um filete de cerca de 100 gramas de carne de vitela, grelhada, duzentos gramas de verduras cozidas, uma pequena batata mal cozida, duas folhas de alface e, para beber, água mineral.

JANTAR: 50 gramas de queijo fresco, oito espargos de lata, um raminho de agriões, uma pera pequena, café ou chá, sem leite nem açúcar.

QUARTA-FEIRA

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou de chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: um filete de uns 150 gramas de carne de vaca, 100 gramas de couve-flor cozida, um pãozinho, dois pepinos em vinagre e, como bebida água mineral.

JANTAR: meia tijela de arroz mal cozido, meia tijela de hortaliça cozida, um **hamburger** (espécie de almôndega) feito com 50 gramas de carne picada, sal e cebola, uma folha de alface, café ou chá, sem leite nem açúcar.

TERÇA-FEIRA

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou de chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: quatro colheres de aletria mal cozida, 125 gramas de presunto magro, dois tomates pequenos, água mineral.

JANTAR: meia tijela de arroz, um filete de 100 gramas de carne de vitela, 50 gramas de cogumelos, uma folha de alface, café ou chá, sem leite nem açúcar.

QUINTA-FEIRA

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: 100 gramas de figado de vitela, duas colheres de arroz mal cozido, 50 gramas de ervilhas, água mineral.

JANTAR: 50 gramas de queijo fresco, um tomate pequeno, um pepino, um raminho de agriões, café ou chá, sem leite nem açúcar.

SEXTA-FEIRA

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: um filete de 150 gramas de carne de porco, 250 gramas de espinafres frescos, ou em lata, meia colherinha de manteiga, uma batata pequena, água mineral.

JANTAR: 150 gramas de presunto cozido, dois tomates pequenos, perexil (planta hortense), um pãozinho, café ou chá, sem leite nem açúcar.

SÁBADO

PEQUENO ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou de chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: uma posta de 100 gramas de pescada, duas folhas de alface, um pêssego em calda, água mineral.

JANTAR: uma chávena de leite com 150 gramas de medronhos, uma banana, café ou chá, sem leite nem açúcar.

DOMINGO

PEQUENO-ALMOÇO: sumo de laranja, um ovo escalfado, uma torrada, uma chávena de café ou chá, sem leite nem açúcar.

ALMOÇO: 100 gramas de **spaghetti** com molho de tomate e 50 gramas de carne picada, três folhas de alface, água mineral.

JANTAR: 150 gramas de carne magra de vitela, duas colherinhas de molho de tomate **ketchup**, uma latinha de cogumelos, café ou chá, sem leite nem açúcar.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

Como podem verificar, é um regime rigoroso, mas, passado algum tempo, o organismo habitua-se fácilmente tanto ao tipo de comida como ás quantidades. Note-se que a carne deve ser sempre grelhada, que nunca se usa açúcar, que estão terminantemente proibidos os pastéis, os doces, os deliciosos sorvetes e o chocolate. Apesar disso, achamos que vale a pena fazer o sacrifício, quanto mais não seja para não sentir vergonha de usar um biquini.

★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★★

DL **Mulher**

O QUE OS INGLESES LEVAM A MUNIQUE

Modelo inspirado no filme «The Boy Friend», com Twiggy

De 19 a 23 deste mês decorre em Munique a «Semana da Moda», para a qual os ingleses se preparam afanosamente. Vários modelos, todos eles já a pensar no Outono, que a moda «Primavera-Verão» já deu o que tinha a dar, pelo menos para alguns costureiros. Como se pode verificar fácilmente, uma das características fundamentais da moda inglesa para o Outono deste ano é o uso (quase diríamos abuso) dos sapatos de salto alto e muito largo, que é a única nota comum entre os vários modelos apresentados, que variam entre o vestido comprido, de mangas largas, o casaco-calça de couro, a blusa muito decotada ou a tradicional camisola de lã. Assinam os modelos Susan Levice, Leah de Sehr, Huguette Benjamin e outros conceituados nomes da moda londrina. A Inglaterra conta com uma ótima representação na «Semana da Moda de Munique» e parece-nos que isso está perfeitamente ao seu alcance. Que acha a leitora?

A novidade deste modelo: o desenho

Camisola de franjas, muito decotada nas costas

Casaco de couro flexível

SCHAUB-LORENZ
TELEVISORES COM GARANTIA
GARANTIA OCL

LUSTRES
Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica: Av. 5 de Outubro 203-r/c. Esq. Tel. 771639 (Ao Campo Pequeno).
VENDA AO PÚBLICO

ATRIVM
PARA VOS SERVIR
RESTAURANTE DE LUXO
Serviço de Bar
das 15h e 30m às 24h
Rua de S. Julião

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM-SE
Estabelecimentos
VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S.A.R.L.
95, Rua Nova do Almada, 99
LISBOA

OFERTA JOVICA
UM EXCEPCIONAL LIVRO COM RECEITAS DE COZINHA, A TODOS OS NOSSOS CLIENTES
SENSACIONAL

TELEVISORES (com os 2 programas) OFERTA DA ANTENA	desde	2.990$00
MÁQUINAS DE LAVAR ROUPA	›	4.750$00
MÁQUINAS DE LAVAR LOIÇA	›	5.500$00
FOGÕES C/ FORNO	›	990$00
ESQUENTADORES	›	1.350$00

Aquecimento eléctrico e a gás, frigoríficos, aspiradores e todos os aparelhos electrodomésticos DESDE 100$00 MENSAIS

SEM | ENTRADA FIADOR

E A PRONTO SOMOS NÓS QUE MAIS BARATO VENDEMOS

JOVICA

LISBOA { Largo de D. Estefânia, 12-D — Telefone 4 88 56
Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telefone 5 29 70
Avenida Duque de Ávila, 58 — Telefone 5 48 92
VENDA NOVA — Rua Elias Garcia, 13-A — Telefone 97 57 90
CASCAIS — Rua Padre Moisés da Silva, 1-C — Telef. 28 13 95

SOUZA CRUZ & C.ª L.DA

UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO EM MOVIMENTO

DL POLICIAL

Os grandes crimes deste século

TODAS AS SUAS SEIS EX-MULHERES O CONSIDERAM INFIEL, IRRESPONSAVEL, AMBICIOSO

A ÚLTIMA VIAGEM DO "BLUEBELL"

Terry Jo veio revelar a terrível verdade

O iate «Bluebell», construído há trinta e três anos, costumava estar ancorado em Miami. Media vinte metros de comprimento e tinha espaço suficiente para oito passageiros, oferecendo conforto satisfatório em viagens de alto mar. As pessoas da classe média gostavam de o alugar porque era fácil de manobrar e porque o capitão Harvey o dirigia com toda a eficácia e simpatia, enquanto a mulher se ocupava da cozinha e dos serviços gerais. Isso tornava-o particularmente cómodo e económico.

Em fins de Novembro de 1961, o dr. Arthur Duperrault, oftalmogista de Green Bay, Wisconsin, (de férias na Florida) alugou-o para visitar, com a família, as Ilhas Bahamas. Não pretendia um itinerário rigoroso, mas sim uma viagem sem objectivo determinado.

O dr. Duperrault, a mulher, Jean, (de 38 anos), os filhos Brian (de 14), Terry Jo (de 11) e uma amiga, René, subiram alegremente para bordo. O capitão e a esposa, Mary Dene, uma loira muito atraente, estavam já à sua espera, com a dispensa e o frigorífico abundantemente providos de géneros e bebidas.

Quando o «Bluell» partiu, num magnífico dia de sol, as pessoas acenaram-lhe do cais com um certo sentimento de inveja.

Ninguém imaginava, porém, que o barco, em vez de partir para o paraíso, partia para o inferno...

A SOLIDÃO

Desde o momento que o «Bluebell» desapareceu no horizonte nunca mais houve notícias dele. Apenas um guarda-costas informou, no seu relatorio de rotina, a passagem do iate que navegava de leste para noroeste.

Cinco dias depois da partida, numa quarta-feira à noite, por volta das 11 horas os marinheiros de uma escuna trouxeram um náufrago para terra. Tinham-no encontrado quase inconsciente num pequeno barco salva-vidas no alto mar.

Depois dos primeiros socorros ministrados pelo médico da Guarda Costeira, cujo inspector reconheceu o náufrago, ele foi interrogado. Era Julian Harvey o capitão do «Bluebell». Como era natural, encontrava-se ainda sob o efeito de um grande choque nervoso pelo que demorou muito a relatar os acontecimentos de forma coerente.

Com o mar calmo e o vento favorável, o «Bluebell» navegava a uma velocidade superior à média. Ao chegar ao grupo das Ilhas Bahamas rumou para norte pois o dr. Duperrault pretendia lugares solitários e românticos, não lhe interessando nada as zonas turísticas. O que desejava era um cruzeiro ao longo das pequenas ilhas desertas que lhe lembravam a de Robinson Crusoe...

Considerando que Sandy Point, na Ilha Great Abaco, a 300 milhas de Miami, era um porto pequeno e calmo, optou-se pela sua escolha. No segundo dia o tempo continuou magnífico. Todos os passageiros se sentiam encantados. O dr. Duperrault perscrutava o horizonte com o binóculo passando-o à mulher sempre que avistava um navio. As crianças brincavam no convés e admiravam o motor e os instrumentos de navegação.

O DESESPERO

Quando a silhueta da Ilha Great Abaco apareceu o médico decidiu-se a ancorar em Sandy Point para o fim de semana. A estadia em terra significava também para o capitão e para a mulher um merecido descanso.

Como os oficiais da Guarda Costeira fizessem perguntas sobre problemas náuticos, Harvey descreveu em pormenor as circunstâncias de navegabilidade desde o momento em que o «Bluebell» saiu de Sandy Point. A vela, o motor auxiliar, os instrumentos, os salva-vidas obrigatórios, o bote de emergências foram então inspeccionados e encontrados em perfeito estado.

Quando retomaram ao largo o tempo permanecia esplêndido. De repente, porém, já em alto mar, o horizonte começou a escurecer ràpidamente e o vento a soprar em rajadas cada vez mais fortes. O barco começou a balançar, bateu num recife em consequência de uma vaga violentíssima e o mastro principal quebrou-se.

Com o choque Harvey foi atirado para longe da mulher e dos companheiros ficando levemente ferido. Gritou-lhes que havia medicamentos num armário existente no seu camarote e que os fossem buscar. Uma labareda irrompeu, porém, provocando de imediato duas explosões. O óleo diesel que escorria do reservatório embebeu a vela caída e incendiou-se. Em poucos minutos a situação tornou-se verdadeiramente desesperada. Conseguiu atirar uma corda para o bote salva-vidas gritando pelo megafone: **Coloquem os cintos e abandonem o navio!».**

Seis casamentos, muitas dívidas

Não podia, no entanto, perceber o que se estava a passar no convés pois as chamas e o fumo impediam-no. Quando se inclinou sobre a balaustrada julgou ver cinco pessoas caídas no mar. Desceu imediatamente as escadas de corda para as recolher mas o bote estava um pouco distante. Nadou então com toda a energia para o alcançar. Depois de o ter conseguido pescou Renee que se encontrava desmaiada dentro de um cinto-boia; remou a seguir à volta do iate, cujo interior fumegava, não encontando nenhum dos outros passageiros. Receando que o «Bluebell» se afundasse a todo o momento, manteve-se afastado para não ser tragado pelo redemoinho. Percebeu a aproximidade de recifes e rodeou-os pensando que os náufragos se tivessem agarrado aos rochedos que apareciam fora de água. Depois desistiu exausto.

Só, acordou quando o sol começou a aquecer. À volta continuavam os recifes e os bancos de areia mas não havia sinal de «Bluebell». Provàvelmente teria sido arrastado pela corrente.

Inclinou-se sobre Renée: estava morta.

A sua reserva de água tinha-se acabado precisamente na altura em que avistou à distância a silhueta de uma escuna. Os tripulantes deviam-no ter notado pois rumaram na sua direcção e, por volta do meio dia, içaram-no para bordo. A criança morta foi envolvida num pedaço de vela e lançada ao mar segundo a velha tradição dos marinheiros.

O SONHO

Os oficiais da Guarda Costeira pediram a Julian Harvey que assinasse o seu depoimento. As anotações do diário de bordo da escuna concordavam com a descrição que Harvey fez. O seu capitão ainda procurou minuciosamente nas imediações do local do naugrágio mas não encontrou ninguém. Também não encontrou em lado nenhum vestígios do «Bluebell».

A Guarda Costeira enviou um telegrama ao comando do Porto de Sandy Point pedindo informações. A resposta confirmou todos os dados do capitão Harvey sobre a entrada e a saída do «Bluebell». O comissário regional da ilha Great Abaco confirmou também a revisão legal do iate antes de levantar âncora.

Todos os passageiros se encontravam bem. À despedida, o dr. Duperrault disse mesmo que o cruzeiro era a viagem com que sonhara **«toda a vida»**. O capitão era conhecido em Sandy Point por já lá ter estado antes e nunca dera motivos de queixas, gozando da fama de ser um marinheiro muito competente.

A Guarda Costeira transmitiu o depoimento de Harvey, a comunicação do capitão da escuna e o telegrama do camissário regional de Creat Abaco, ao Departamento Naval que deveria informar a companhia seguradora e o Registo Central para que riscasse o nome «Bluebell» dos seus mapas. Foram enviadas cópias dos documentos aos cartórios onde estavam registados os náufragos desaparecidos. Entretanto Julian Harvey recolheu-se à sua casa e recusou-se a receber a visita dos amigos e conhecidos.

Três dias depois do seu dramático depoimento chegou uma comunicação por rádio de um cargueiro grego que ia a caminho de Hamilton para Palm Beach, na rota oeste-sudeste, informando a descoberta de um garota com queimaduras graves, num banco de areia perto de Great Abaco. Tratava-se de uma menina de aproximadamente dez, treze anos. Na resposta à comunicação pediram-se dados mais precisos sobre o local em que a menina fora recolhida. A resposta não deixou dúvidas: tratava-se de Terry Jo, filha do casal Duperrault. A Guarda Costeira enviou um funcionário a casa do capitão Harvey para comunicar-lhe a descoberta.

Harvey só abriu a porta depois de muito tempo de espera.

Estava visìvelmente embriagado. Quando ouviu a notícia pareceu cambalear por um instante, encostou-se à parede e respirou fundo várias vezes, falando ao mesmo tempo em milagre e em Deus. Enxugou o suor da testa. Aparentemente revia uma vez mais a tragédia. O funcionário procurou acalmá-lo, com grande dificuldade.

Assim que o navio grego ancorasse Harvey receberia uma convocatória para assistir ao depoimento da criança. Julian Harvey inclinou a cabeça afirmativamente e perguntou quando atracava o barco. O funcionário respondeu, depois de reflectir por momentos, que talvez na tarde do dia seguinte.

Ao outro dia a Guarda Costeira recebeu a notícia de que Harvey fora encontrado morto. Tratava-se sem dúvida de suicídio. O capitão tinha cortado as veias do pulso.

A nova correu de boca em boca como um rastilho. Num bilhete, Harvey pedia para que fosse embrulhado em veludo vermelho e lançado ao mar, a doze milhas a leste do litoral de Miami.

O AZAR

No decurso das investigações feitas para apurar se se tratava de facto de suicídio, a polícia começou a interessar-se pelo passado do capitão. O resultado dessas pesquisas foi verdadeiramente extraordinário. Depoimentos de numerosos amigos e conhecidos forneceram a imagem de um homem perseguido pelo azar.

No entanto, os investigadores formularam muitas dúvidas quanto aos infortúnios de Harvey...

Em 1949 ele sofreu um grave acidente de automóvel. Conduziu tão mal o carro que este saiu da estrada, quebrou a amurada de uma ponte e mergulhou no leito de um rio de quase sete metros de profundidade. Harvey foi projectado do assento e sofreu apenas ligeiras contusões. A mulher e a sogra (que seguia no banco de trás) morreram afogadas.

Durante a guerra foi perseguido pela pouca sorte quando era pára-quedista. Foi ferido várias vezes até que o desmobilizaram.

Em 1955, o seu iate «Torbatross» afundou-se na Baía de Chesapeak. Ele e os quatro passageiros foram recolhidos por um helicóptero que passava. O capitão estava, porém preparado para uma permanência demorada no mar, como se um sexto sentido o tivesse prevenido de uma possível catástrofe...

Em 1958 a sua lancha «Valiant» afundou-se no Golfo do México. Harvey chegou a terra são e salvo. Encontrava-se só a bordo.

Antes mesmo de o cargueiro grego chegar a Miami, a polícia tinha descoberto dois passageiros que estavam a bordo quando o «Torbatross» naufragou. Segundo eles; Harvey, apesar de todas as advertências em contrário, navegara junto dos destroços do navio de guerra americano «Texas» assinalado na carta marítima, e numa manobra perigosa, colidiu com a parte mais alta do «Texas».

Na altura, os passageiros julgaram-no apenas leviano. Quando souberam, porém, que ele tinha recebido quase quinze mil dólares do seguro mudaram de opinião, mas calaram-se pois não podiam provar nada.

Nas primeiras horas da tarde a polícia já sabia que Harvey tinha sido casado no mínimo seis vezes.

Os primeiros credores apresentaram-se. Harvey estava completamente endividado.

Continua na pág. 18

Renèe: o mistério final

A ÚLTIMA VIAGEM DO "BLUEBELL"

Continuação da pag 17

Prometera-lhes a liquidação das quantias emprestadas «dentro de seis semanas». Seria que pensava pagar-lhes com o dinheiro que iria receber dos seguros de vida da mulher (no valor de 20 mil dólares) e do «Bluebell» (de 16 mil dólares)?

Teria, além disso, feito seguros de vida e de bagagens dos passageiros a seu favor?

A polícia esperou a pequena Terry Jo no cais de desembarque. Ela foi imediatamente transportada para o hospital onde a examinaram com toda a minúcia. Depois de um tratamento cuidadoso, e de uma preparação psicológica feita pelos médicos, foi interrogada com todo o carinho, dandò respostas invulgarmente precisas a todas as perguntas.

Segundo o seu depoimento, as coisas corriam bem, como de costume, quando sairam de Sandy Point. Terminando o jantar, ela foi para o camarote com Renée. Deviam ser nove horas. Os pais ficavam com o irmão mais novo no convés.

Bastante tempo depois foi despertada por gritos que aumentavam e diminuiam. Levantou-se, juntamente com Renée, colocaram os salva-vidas e correram para o convés. Com horror viu a mãe e o irmão caídos não muito longe um do outro.

Ao dirigirem-se para o meio do barco encontraram o capitão que as empurrou violentemente.

Renée fugiu. Ela ficou sentada no escuro. Tudo estava calmo, até mesmo o barulho regular das ondas. Abriu a porta da cabina e gatinhou pelo corredor.

De repente Harvey surgiu na sua frente trazendo uma espingarda. Empurrou-a de novo e correu para a popa. O barco metia água e adornava.

Chamou pelos pais mas não obteve resposta. Continuou a arrastar-se pelo chão. Sabia que o «Bluebell» rebocava um pequeno bote e por isso tentou alcançá-lo. Mas tinha também desaparecido.

Viu na balaustrada duas tábuas amarradas com uma corda, agarrou-as e deixou-se cair na água afastando-se lentamente do iate.

Os polícias perguntaram a Terry Jo se não tinha havido nenhum temporal que quebrasse o mastro dando lugar a explosões. A menina respondeu que o mar esteve sempre calmo, mas que qualquer coisa devia ter acontecido para o «Bluebell» se ter afundado, primeiro quase imperceptìvelmente, depois de repente. Nunca mais o viu.

Em consequência desta versão, indubitàvelmente verdadeira, o Departamento Naval procedeu a novas investigações. Se Harvey tivesse afundado o navio isso ilibaria os seguradores de pagarem quaisquer importâncias. Se houvesse apenas descuido, os eventuais herdeiros do capitão poder-se-iam habilitar ao seguro.

O INFIEL

As investigações sobre o passado de Harvey mostraram que ele era um indivíduo verdadeiramente impenetrável, egoísta, desenfreado nas questões sentimentais, sem escrúpulos nem princípios.

Examinando de novo o acidente do carro, no ano de 1949, os agentes concluiram que se tratou de um duplo assassino habilidosamente camuflado.

As ex-mulheres de Harvey deram dele visões arrasadoras: irresponsável, infiel, ambicioso...

Um dos elementos da polícia de Miami achava que o capitão, ao afundar o «Bluebell», quis encobrir o assassino da mulher para receber o seguro. Talvez tivesse sido surpreendido pelo dr. Duperrault e, temendo ser denunciado, decidiu-se a desfazer-se de todas as testemunhas para salvar a pele e receber os 20 mil dólares. Como se teriam passado realmente as coisas?

GANHE ATÉ DEZ MIL ESCUDOS MENSAIS

Trabalhando em sua própria casa, com actividades modernas, originais e agradáveis, sem diplomas nem conhecimentos especiais.

Escreva hoje mesmo a CONTINENTAL LABOR, Ref. 13, Calle Calvet, n.º 5 — Barcelona (Espanha).

CENTRO DE MEDICINA DENTÁRIA

— RATO —

Obturações, extracções, correcção de dentes, dentaduras

— PREÇOS DE POLICLÍNICA —

CONSULTAS DAS 9 ÀS 19 HORAS

ENCERRADO AOS SÁBADOS E DOMINGOS

Calçada Bento da Rocha Cabral, 1 (ao Rato) — Tel. 68 41 91

HOWARD HUGHES LOVER-BOY

continuação da pág. 13

EXCLUSIVA

Quando o contrato de Jane Russell estava prestes a expirar, em 1955, Howard Hughes não podia nem pensar que iria perdê-la, muito embora sua situação como produtor de filmes também estivesse na iminência de acabar. Afinal de contas, ele é que tinha feito dela uma estrela, e não podia admitir que outros produtores fossem «faturar» com o produto que ele tinha criado.

Pediu-me que redigisse um contrato pelo qual Jane Russell ficaria comprometida a fazer mais cinco filmes, recebendo um ordenado de mil dólares por semana, durante vinte anos. A idéia foi excellente, principalmente para ela, pois Hughes nunca mais fez nenhum filme com Jane, e ela continuou a ganhar mil dólares por semana, sem fazer nada. O contrato será válido até 1975.

Howard tem uma predilecção especial por mulheres bonitas. Gosta de cortejá-las, especialmente quando sabe que são viúvas ou divorciadas de fresca data. Isso aconteceu com Susan Hayward, logo depois de se ter separado de Jess Barker, e com Ava Gardner, quando deixou Mickey Rooney. Ava e Howard tiveram um romance muito «inflamado», mas logo acabou porque ele não podia perder muito tempo com ela. Estava demasiadamente ocupado com os negócios para se dedicar à sua amada.

Ava sentiu-se muito só e, embora já estivesse divorciada de Mickey Rooney, voltou para ele às escondidas do verdadeiro marido. Howard, quando soube, ficou furioso e foi ao apartamento dela pedir-lhe explicações. O temperamento irascível de Ava Gardner é sobejamente conhecido e não teve papas na língua para dizer o que quis a Howard Hughes. Este não gostou da «palestra», e deu-lhe uma bofetada tão violenta que a fez cair. Ao julgar-se vitorioso do combate, tentou retirar-se mas ela reagiu, pegou numa estatueta de bronze e quebrou-lhe a cabeça com ela. Tão violenta foi a pancada que Hughes caiu desmaiado, e a coisa não teria ficado por aí se a criada não tivesse ouvido o reboliço e corrido em auxílio de Howard, afastando Ava Gardner da contenda.

Estes incidentes são raros na vida de Howard Hughes, que prefere romances muito mais adocicados. A maioria das actrizes que conheceu (houve sempre actrizes na sua vida) passaram longos períodos esperando a oportunidade de ele lhes dar um pouquinho de atenção. Para algumas delas, as mais favorecidas, ele acenava com propostas de casamento. Mas logo as desiludia, dizendo que tinha realmente grande vontade de casar, mas que as exigências da sua vida de homem de negócios o impediam de tomar essa decisão naquele momento.

As promessas iam continuando até que elas, cansadas de esperar, procuravam arrumar a vida de outra maneira. Ser abandonado por elas era coisa que parecia não preocupar Howard Hughes. Às vezes, comportava-se de maneira bastante estranha com as suas «namoradas». Esta era a personalidade do famoso conquistador, o milionário misterioso com quem as mais famosas e mais bonitas mulhers do mundo gostariam de passar uns momentos.

Nem sempre era ele quem fazia as propostas de aproximação com as suas preferidas. Na maioria das vezes era um intermediário que se encarregava de ir perguntar à senhora Fulana se gostaria de dar um passeio com o Sr. Howard Hughes. Nem todas aceitavam. Como se explicaria essa atitude dele? Timidez? Medo de ser repelido? Acho que isso são perguntas que devem ser feitas a psicanalistas.

Apesar das inúmeras mulheres lindas que passaram pela vida dele não acho que ele fosse aquilo a que hoje se chama um «tarado sexual». Como homem ainda jovem que era, apenas demonstrava pelo sexo oposto o mesmo interesse que demonstram todos os homens da sua idade. Como era rico e tinha certa presença, é natural que tivesse mais oportunidades do que a maioria dos «mortais». As mulheres gostavam dele não apenas porque era milionário, ou porque podia fazer delas estrelas de cinema, mas porque admiravam a sua jovialidade e a sua descontracção.

«Sou órfão, costumava dizer ele, **saí de casa para estudar, quando tinha 12 anos, e depois disso, pràticamente, nunca mais tive contacto com a minha mãe».** As mulheres gostavam daquela boa vida que levavam com ele, com carros, iates e uísque à disposição, de modo que não se importavam de fazer o papel de «mães», e ele também não se devia importar com essa «maternidade».

Os jornalistas ou escritores que têm tentado escrever biografias de Howard Hughes, geralmente, pecam pela falta de sinceridade quando dizem que todas as actrizes que foram lançadas por Howard Hughes foram também suas amantes. Isso não é verdade. Talvez possa dizer-se isso de Jane Russel ou de Jean Harlow, que foi sua primeira descoberta, mas, quanto às outras, é pura fantasia. De resto, se fosse verdade, eu teria tomado conhecimento. Como era eu que pagava as contas, sabia perfeitamente que Hughes pagava certas despesas pessoais feitas por Jean Harlow.

Aqui está uma prova disso: Quando o filme **Hell's Angels** (o primeiro grande filme de Hughes) foi lançado em Nova Yorque, os promotores organizaram uma série de espectáculos pelas estradas dos Estados Unidos, e Howard Hughes mandou Jean acompanhar esses espectáculos, para fazer publicidade do filme. Enquanto andava na **tournée**, ela gastou quase 500 contos (em moeda portuguesa) em vestidos, e mandou pôr na conta da companhia. Howard recusou-se a pagar a conta. Jane veio ao meu escritório para expor o caso. **Desculpe, Jane**, disse-lhe eu, **mas Howard tomou uma decisão e não sou eu que vou contrariá-lo.** Com aquele sorriso dela, Jean fitou-me e fez a contraproposta: **Ouça, Noah! Você não poderia pagar essa conta com o dinheiro de Howard? Ele nunca virá a saber... e eu ficaria muito agradecida. Palavra!**

Ela trazia na altura, um daqueles vestidos muito justos, que lhe acentuavam ainda mais as formas, e empurrou-me para cima do sofá que havia no escritório. A minha lealdade a Howard Hughes nunca esteve tão comprometida. Ainda não sei bem como, mas consegui livrar-me dela e levantar-me. Depois, ganhei coragem e disse-lhe: **Desculpe, Jean, mas não posso pagar essa conta.** Tratei de pô-la a mexer do escritório para fora antes que me arrependesse da decisão que acabava de tomar. A prova definitiva do desinteresse de Howard Hughes por Jean Harlow chegou quando ele vendeu o contrato dela à Metro por mais de 11 mil contos. Com várias outras actrizes, assinar um contrato com Hughes significava igualmente iniciar um romance.

Durante a década de 1930, Howard teve diversos romances com actrizes famosas. Aquela de quem me recordo melhor foi Ginger Rogers, e recordo-me dela por uma particularidade: foi ela que fez com que eu visse Hughes chorar pela única vez. Certa noite, fui a casa dele, e fiquei perplexo ao vê-lo chorando. **Que é que foi isso, Howard?**, perguntei. **Foi Ginger**, respondeu, **apanhou-me namoriscando outra rapariga, e agora diz que nunca mais me fala.**

Mas o choro foi passageiro. Havia sempre um novo romance para apagar as mágoas do que tinha passado. Lana Turner e Olivia de Havilland foram outras de suas conquistas. De outra vez viu Ida Lupino num restaurante de Palm Springs, e logo se enamorou dela. Constance Bennett foi mais um caso para esquecer. Ele tentou conquistá-la logo que ela se separou de Phil Plant, mas não teve êxito. Nancy Carroll foi um romance curto mas muito apaixonado; Katharine Hepburn foi uma das suas amizades mais duradouras. Até parece um paradoxo, porque Katharine nunca foi bonita, nem tinha a voluptuosidade das outras mulheres com quem ele andou. Mas ela gostava de voar e de jogar golfe, e os dois faziam sempre uma sã camaradagem. Ela foi uma das poucas companheiras de Hughes qye soberam impor-lhe sua personalidade. Fizeram uma amizade quase fraternal, embora tivesse sido um pouco mais do que isso.

MISSÕES

Como eu era o mais íntimo dos colaboradores de Hughes, tomei conhecimento de quase todos os seus negócios, tanto financeiros como pessoais. No aspecto de relações pessoais tive que desempenhar algumas missões bastante estranhas. Muito estranhas, mesmo. Três delas ficaram-me gravadas na memória. A primeira dizia respeito a Katharine Hepburn. Nesse dia eu estava em Houston quando recebi um telefonema de Howard. Ele estava em Kansas City e pedia-me que fosse ter com ele imediatamente. Estávamos no pino do inverno, fiz viagens de avião para Kansas City. Aí tive que esperar dois dias, até que ele me telefonou de novo. Finalmente, recebi a chamada e fui ao seu hotel, onde ele me disse que estava pensando em vender o iate, o **Southern Cross.** Pediu-me que voasse imediatamente para as Bermudas. Eu só perguntava a mim mesmo porque é que ele não me tinha dito logo isso pelo telefone, em vez de me ter feito matutar durante todo o caminho até Kansas City. **Há mais uma coisa que eu quero que você faça:** acrescentou Hughes, **q u e r o que você, todos os dias, compre duas dúzias de rosas amarelas e as mande a Katharine.** Só então eu compreendi a verdadeira razão daquela minha viagem. Howard tinha andado acompanhando Katharine Hepburn durante uma viagem de quase 1 500 quilómetros só para receber um pedido para a florista.

A segunda missão estranha que desempenhei ocorreu em Los Angeles. Uma noite recebi a habitual chamada telefónica: Noah, venha aqui a casa imediatamente. É assunto urgente. Meti-me num táxi e corri para casa dele, em Muirfield Road, para saber qual era a coisa tão urgente. Howard disse-me que a sua companheira naquele momento, a sua «hóspede», como ele lhe chamava, era uma actriz de teatro que últimamente andava com um empresário teatral da Broadway. **Esse bicho vem aqui a casa esta noite**, disse Howard, **ele está montando um espectáculo que eu posso financiar, e vem aqui para falarmos de negócios. Não quero, de maneira nenhuma, que ele saiba que ela está comigo.** Então eu sugeri: **E o senhor não poderia mandá-la dar uma voltinha de carro, enquanto ele estiver aqui?**

— **Mas o problema não é esse.**

— **Qual é, então?**

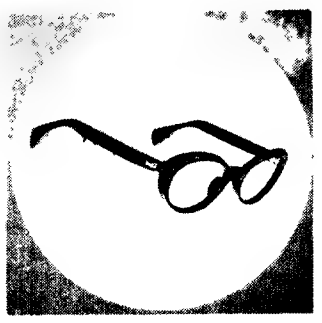
— **É o divã...**

— **Qual divã?**

— **O divã que está na biblioteca, defronte da lareira, é dela. E ela tinha-o lá em casa dele, quando viviam juntos. Ele vai reconhecê-lo, com certeza.**

Chamei alguns criados e, todos juntos, levamos o pesado divã para a garagem, pelo menos enquanto durasse a palestra. Horas mais tarde, a actriz voltou... e o mesmo aconteceu com o divã. Às minhas inúmeras profissões, ao serviço de Howard Hughes, tive que acrescentar mais uma: carregador de móveis.

SURDOS



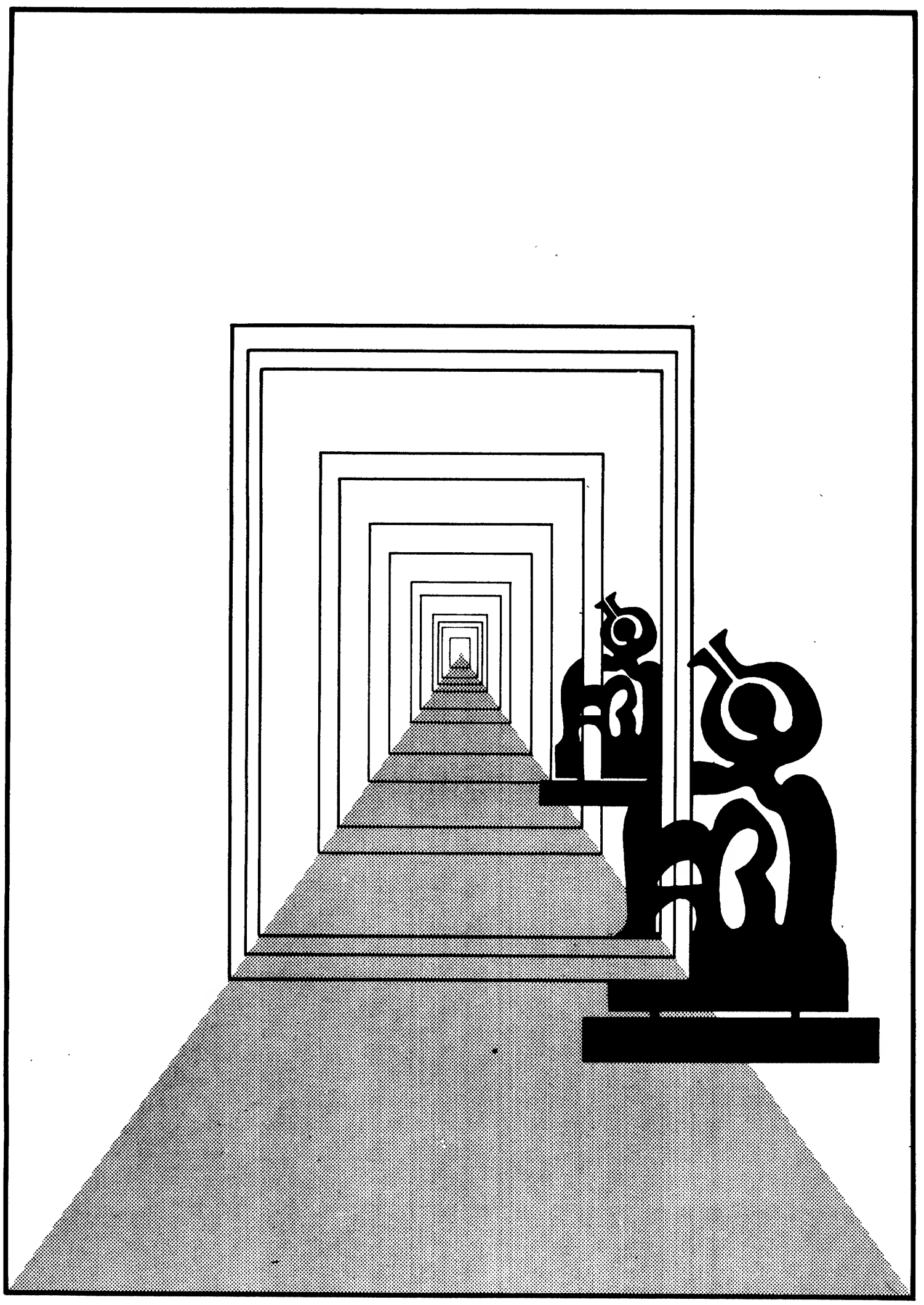
CASA SONOTONE

ATENÇÃO! Para se ser feliz com um aparelho auditivo é necessário ter uma assistência permanente. Ser vendido com consciência, fazer um exame audiométrico que é gratuito. Para todo este conjunto há necessidade de uma casa séria, pronta a sacrificar-se pelos seus clientes. Temos tudo o que há de mais moderno para corrigir a surdez. Aparelhos de bolso, atrás da orelha, óculos via aérea e óssea, Laringes Electrónicas, adaptadores para telefone. Facilitamos o pagamento. Pilhas em todas as voltagens mercúrio e carvão. Não descure o seu caso. Vá hoje mesmo à CASA SONOTONE. Em Lisboa, Poço Borratém, 33, s/l. Telef. 86 83 52.

No Porto — Praça da Batalha, 92, 1.º. Telef. 35602.

Em Luanda — R. Ant.º Enes, 42, 2.º. Apart.º 26.

Anúncio: 7



UM CONCEITO NOVO NO ESPAÇO ECONÓMICO

AUGUSTINE REIS & CIA. BANQUEIROS

ANDARES

Vendem-se em **Paço d'Arcos,** em prédio novo c/ 3 grandes casas assoalh., hall, marq. fechada, coz.ª c/ copa, desp.ª, casa de banho, 1 arrecadação, aquecimento em todas as casas, caixilharia em alumínio, etc. Com vista sobre o Tejo. Mostram os próprios todos os dias no local, Rua da Figueirinha ao Espargal, Lote 3, junto ao Bairro Dr. Augusto de Castro.

TRATA:

F. FERNANDES & COSTA, LDA.

Av. Almirante Reis, 104, 2.º — Tel. 82 32 31

F. N. A. T.

CONCESSÃO DA VENDA DE GELADOS NAS COLÓNIAS DE FÉRIAS E NO PARQUE DE CAMPISMO DA COSTA DA CAPARICA

A Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho aceita propostas até às 17 horas do dia 5 de Abril para a venda de gelados, durante a próxima época balnear, nas Colónias de Férias:

«Um Lugar ao Sol» na Costa da Caparica
«Marechal Carmona» na Foz do Arelho
«Dr. Pedro Theotónio Pereira» em Albufeira
«A. Corrêa d'Oliveira» nas Termas de S. Pedro do Sul
e ainda no
Parque de Campismo da Costa da Caparica

O respectivo Caderno de Encargos será facultado na Secção de Abastecimentos e Transportes — Calçada de Santana, 180 — em qualquer dia útil, das 10 às 12 e das 14 às 17 horas.

A abertura das propostas será efectuada às 15 horas do dia 7 de Abril na Sede do Organismo.

LISBOA, 8 de Março de 1972.

O SECRETÁRIO GERAL ADJUNTO

SRS. CAPITALISTAS

COLOQUEM O VOSSO DINHEIRO NAS MELHORES CONDIÇÕES!

A CONFIDENTE coloca dinheiro com TODA A SEGURANÇA E RAPIDEZ, sobre hipotecas de propriedades, ao juro da Lei.

Trata de toda a documentação, registos, etc., e nada cobra de comissão aos capitalistas. Presta toda a assistência até total reembolso do capital emprestado.

A CONFIDENTE

A MAIOR ORGANIZAÇÃO DO PAIS
FUNDADA EM 1933
CAPITAL SOCIAL E RESERVAS 40.000.000$00
LISBOA—R. do Ouro, 292-1.º (Esq. com o Rossio)—Telef. 36 93 84/5/6
PORTO —R. Passos Manuel, 14-1.º —Telef. 2 03 44/5/6

ASTROLOGIA

Curso profissional. Envia-se completo. Av. St.ª Maria, 8, r/c., Dt.º — BARREIRO.

Horus
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis das 10 às 12 e das 14 às 19 horas. Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

PARA O PERÍODO DE 12 A 18 DE MARÇO

horóscopo pelo astrólogo HORUS

ÁRIES

(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Os seus interesses de amor, as questões familiares e as relações com pessoas das suas amizades estão sob boas influências. É uma semana construtiva e a sua simpatia pessoal muito contribuirá para isso.

DINHEIRO: Todo os esforço será bem correspondido financeiramente. A actual influência torna a sua mente mais activa, inspirando-lhe pensamentos criadores.

PROFISSÃO: Os seus assuntos profissionais estão sob bons auspícios. Boa oportunidade para recorrer, se disso necessitar, àqueles que se encontram em posição de poderem interessar-se por si, a fim de ajudarem a soluccionar alguns dos seus problemas.

SAUDE: Vígie cuidadosamente a sua saúde e tome especial interesse pelas enfermidades do estômago.

PEDRAS PRECIOSAS: Rubí e ametista; Cores: Encarnado e roxo; Flores: Violeta e rainúnculo.

TAURUS

(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Cuidado com as explosões de cólera e o sentimentalismo, assim como as mudanças repentinas, que são apenas manifestações de falta de autodomínio. Em muitos corações se manifestará o desejo de ostentação, mas saiba que isso poderá ser a causa de atritos na vida doméstica.

DINHEIRO: As possibilidades financeiras atravessam um período negativo. Como tal, aja com cuidado e evite especulações. Contrôle as despesas e pondere devidamente antes de empregar o seu dinheiro.

PROFISSÃO: Mantenha uma certa reserva nas atitudes que tenha de tomar em relação à sua actividade profissional. Prodência em todos os assuntos. A atenção e a perspicácia são-lhe muito úteis durante a semana em curso.

SAUDE: Será grande o seu nervosismo, mas com um pouco de optimismo e repouso, tudo decorrerá bem.

PEDRAS PRECIOSAS: Safira azul, àgata e esmeralda; Cores: Todos os tons de azul e verde; Flores: Lilás e orquedea.

GEMINI

(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: No circulo amoroso a felicidade conquistada permanecerá firme. A vida em casa será harmoniosa. Não se insurja contra as modificações fundamentais dos seus hábitos de vida. O que antes era confuso e perturbador poderá agora ser esclarecido com clareza.

DINHEIRO: Se diligenciar no sentido de aumentar a sua posição económica, muitas facilidades e oportunidades encontrará. Os astros prometem a boa contribuição de alguém para a realização dos seus maiores desejos.

PROFISSÃO: O bom andamento dos seus assuntos ligados à sua actividade profissional dependerão quase exclusivamente da sua iniciativa e vontade. Todavia, é de atender o conselho de algumas pessoas amigas que procurarão orientar-vos no caminho do êxito.

SAÚDE: Na medida do possível distraia-se e retire do seu cérebro a imaginação de qualquer moléstia grave.

PEDRAS PRECIOSAS: Esmeralda e berilo; Cores: Matizes do azul e do cinzento; Flores; Jasmim, narciso e margarida.

CANCER

(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: É necessário usar de precaução comtra mal-entendidos e erradas interpretações que podem facilmente surgir neste período. Reuna todo o seu bom senso no propósito de não se deixar cair em actos irreflectidos qoe podem originar dissabores, difíceis de reparar Domine os seus impulsos.

DINHEIRO: No plano económico só à força de muita persistência e bom reciocínio poderá remover os obstáculos.

PROFISSÃO: Registará uma certa lentidão na sua actividade profissional, mas experimentará segurança na orientação dada aos seus problemas de trabalho. Não arranje complicações assumindo novos encargos ou em assuntos de responsabilidade que exijam rapidez de conclusão.

SAUDE: As influências deste período são-lhe contrárias às suas condições de saúde.

PEDRAS PRECIOSAS: Esmeralda, àgata e rubí; Cores: Azul, branco e cor de prata; Flores: Rosa, miosotis e açucena.

LEO

(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As influências astrológicas são desfavoráveis nesta altura aos seus desígnios amorosos. Evite entrar em divergências e adie o que se relacione com os seus sentimentos; deixe os encontros amorosos para depois.

DINHEIRO: Em finanças a semana é desfavorável. O seu esforço não será secundado pelos bons influ xos astrais, pelo que não lhe permitirá interesses. Cuidado com os negócios, pois espreitam-vos prejuizos.

PROFISSÃO: Não tenha pressas, porque por muito esforço que despenda, os resultados nesta ocasião serão lentos. Nas «démarches» que fizer e nos empreendimentos que tentar levar por diante, procure aguardar com calma e paciência as conclusões.

SAUDE: Os cuidados a ter neste período, são com o coração e males de origem pulmonar. Fuja das emoções fortes, não se excite, e procure repousar convenientemente.

PEDRAS PRECIOSAS: Brilhante, rubí e topázio; Cores: Verde claro, dourado e alaranjado; Flores: Gardénia e malmequer.

VIRGO

(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Seja um pouco mais maleável nas suas atitudes sentimentais. No domínio da sua vida privada expanda com sinceridade o que lhe vai no coração.

DINHEIRO: Ponha restrições aos seus desejos insensatos e não seja desregrado nos gastos. Não espere conseguir muito e aguarde melhores dias.

PROFISSÃO: A cooperação, a diplomacia e a tolerância evitarão muitos dissabores. Não seja excessivamente combativo. Embora lhe seja mais fácil decidir as coisas ao priemiro impulso, o melhor será pensar duas vezes, antes de agir.

SAUDE: Corre o perígo de acidentes, tenha cuidado ao lidar com qualquer matéria perigosa ou a deslocar-se na via pública.

PEDRAS PRECIOSAS: Granada, jaspe e turquesa: Cores; Todos os matizes de azul e vermelho; Flores: Narciso e margarida.

LIBRA

(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Momento de regozijo, boa disposição e felicidade entre a família. Uma boa influência renova o seu entisiasmo e aumenta o seu mangétismo pessoal. De um modo geral, o momento é próspero sob todos os aspectos.

DINHEIRO: O período não é desanimado quanto à obtenção de fundos É conveniente moderar à sua inclinação de não olhar a despesas, para não pôr em risco o seu orçamento e poder assim fazer face aos seus compromissos.

PROFISSÃO: Os empreendimentos profissionais darão resultado, muito especialmente, se estes forem conseguidos por intermédio de viagens ou disserem respeito a casos artísticos, ou a assuntos ligados a minas.

SAUDE: No seu conjunto este período apresenta-se benigno para a saúde.

PEDRAS PRECIOSAS: Diamante, lápiz-lazulí e esmeralda; Cores: Verde claro e azul celeste; Flores: Rosa, jasmim, violeta e lírio.

SCORPIUS

(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Recomendamos cuidado em tudo quanto se refira à sua família e aos seus colegas e amigos mais íntimos. O momento é dos actos irreflectidos e impulsivos. Espere um dia em que o seu espírito esteja mais tranquilo e procure resolver tudo amigàvelmente.

DINHEIRO: Os aspectos astrológicos são-lhe adversos nesta altura. Isso quer dizer que poderá haver preocupações financeiras. Evite discutir durante este período, sobretudo por causa de dinheiro.

PROFISSÃO: Os temores e apreensões dirão respeito aos seus interesses profissionais. Possibilidades de muitos nativos deste Signo entrarem em discussão com os seus superiores. Portanto, tenha tacto quando lidar com associados, companheiros de trabalho e, sobretudo, com os seus superiores.

SAUDE: Quanto ap seu estado de saúde, é aconselhável que tome cuidado principalmente, com a cabeça e o rosto.

PEDRAS PRECIOSAS: Água-marinha, àgata e topázio; Cores: Vermelho e seus matizes, azul marinho e creme; Flores: Dália, rainúnculo e rosa.

SAGITTARIUS

(de 22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Os astros indicam maior popularidade e vida social intensa agradável. É uma semana feliz para a vida em família e amizades, bem como para os assuntos românticos e em reuniões com o seu círculo habitual de palestra.

DINHEIRO: Todas as diligências que efectuar serão bem correspondidas. Ponha os seus sentimentos de parte e tire partido da posição favorável que atravessa.

PROFISSÃO: Sucessos na sua vida profissional, portanto, empregue-se com coragem e decisão ao seu trabalho, desenvolvendo se possível o seu raio de acção.

SAUDE: Não se observam preocupações também neste capítulo, pelo contrário, será um período de excelente disposição e boa espiritualidade.

PEDRAS PRECIOSAS: Topázio, granada e turquesa; Cores: Azul, verde e matizes do vermelho; Flores; Rosa, jasmim e voileta.

CAPRICORNIUS

(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Uma certa vibração desfavorável impele-vos para actos descomedidos. Mas o bom senso evitará que cometa os erros mais graves. Tenha muito cuidado com os seus actos rotineiros que podem conduzir a rompimentos, incompreensões, atrasos e sérias incompatibilidades.

DINHEIRO: O seu sentido prático da vida permitir-lhe-á traçar o caminho a seguir.Não se esqueza, contudo, de ponderar bem os prós e os contras de todas as suas iniciativas.

PROFISSÃO: Conquanto os astros favoreçam a sua inspiração, se chegar a extremos ou assumir atitudes muito radicais poderá ser prejudicial aos seus interesses.

SAUDE: Tome precauções contra a possibilidade de perturbações de saúde provenientes do aparelho digestivo e respiratório.

PEDRAS PRECIOSAS:Onix, truquesa e granada; Cores: Marron, vermelho e verde esmeralda; Flores; Jasmim e violeta.

AQUARIUS

(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

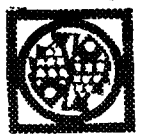
AMOR: Os astros indicam pequenas contrariedades sentimentias e aconselham menor dose de amor-próprio ao tratar dos seus problemas de coração. Revista-se de uma meior compreensão e as suas coisas não caminharão tão mal como à primeira vista se lhe afiguram.

DINHEIRO: Possibilidades de auferir pequenos interesses monetários, principalmente em meados da semana. Equilibre, portanto, o seu orçamento semanal, não tomando compromissos importantes e reduzindo os gastos.

PROFISSÃO: As resoluções que tiver necessidade de adoptar em relação à sua vida profissional carecem de muita ponderação e bom senso. Não tenha pressa, pois toda a actividade no sector profissional deve ser bem conduzida.

SAUDE: As suas condições de saúde serão satisfatórias, a parte física não vos dará cuidado, mas ainda assim será aconselhável que controle o uso das suas energias.

PEDRAS PRECIOSAS: Safira celeste, ametista e água-marinha; Cores: Grenat, azul e verde escuro; Flores: Tulipa, açafrão e dália.



PISCIS

(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Embora se observe um pequeno declínio referente à semana anterior, continúa ainda em posição de poder conseguir algumas vantagens no campo sentimental, familiar e nas relações sociais. Aproveite-as eficazmente.

DINHEIRO: Poderá conseguir algumas satisfações neste campo de acção, mas as despesas certamente serão maiores do que os proventos auferidos.

PROFISSÃO: No domínio das suas ocupações normais não ultrapassará um grande desenvolvimento, o ritmo de marcha dos acontecimentos da sua vida de trabalho será vulgaríssimo, sem nada de especial a assinalar.

SAUDE: Acautele-se com a saúde, pois notam-se alguns indícios de mau funcionamento de alguns orgãos, nomeadamente o fígado e o sistema nervoso.

PEDRAS PRECIOSAS: Ametista e àgata; Cores: Azul, verde e seus matizes; Flores: Jasmim e amor-perfeito.

DL CIÊNCIA

Como curar as dores de cabeça sem medicamentos

Por BILL RICHARDS «Newsday»/«DL»

DENVER, Colorado __ Médicos americanos afirmam ter descoberto uma maneira de aliviar as dores de cabeça causadas pela tensão nervosa. O processo que não recorre às pílulas, é designado pelo nome de «electromyogram» e consiste na detecção do pequeno impulso eléctrico que se desprende de um músculo, quer este se encontre em repouso, quer tenso. Medindo a amplitude e as frequências destas pulsações, dois cientistas da Faculdade de Medicina da Universidade do Colorado têm ensinado as pessoas que sofrem de dores de cabeça como controlá-las e, deste modo, eliminá-las pràticamente.

Trabalhando em instalações que fazem lembrar simultâneamente o laboratório de um psiquiatra e o estudo de um apresentador da rádio, Johann Stoya e Thomas Budzynski, ambos médicos, aperfeiçoaram a sua técnica, conhecida pelas iniciais E.M.G., ao ponto de poderem agora assegurar 75 por cento de resultados positivos no controlo das dores de cabeça provocadas pela tensão.

«As dores de cabeça provocadas pela tensão são um sinal dos nossos tempos», declarou Budzynski, de 38 anos, psicólogo que começou a sua carreira como engenheiro electrónico, tendo concebido e construído o primeiro «electromyograph» da equipa.

«As pessoas reagem a inúmeras tensões provocadas pela sociedade de maneiras diferentes. Algumas sucumbem a ataques cardíacos, enquanto que, noutras, o ponto fraco parecem ser os músculos da cabeça e pescoço.»

Esta fraqueza muscular, segundo Budzinski, dá origem à dor da cabeça provocada pela tensão. **«Para algumas pessoas, o alívio consiste em tomarem duas aspirinas, ao passo que outras vêm toda a sua vida afectada e nada podem fazer»**, disse. **«Conhecemos casos em que as dores de cabeça motivadas pela tensão deram origem a dramas familiares e perda de empregos»**. Segundo o cientista, estas dores de cabeça são as mais frequentes.

Budzynski prosseguiu afirmando que a técnica aperfeiçoada pela sua equipa seria utilizada, em primeiro lugar para aliviar as pessoas que sofrem de dores de cabeça graves. **«Não dispomos de estatísticas que nos permitam saber quantas são as pessoas com dores de cabeça provocadas pela tensão que ultrapassaram a fase em que se toma simplesmente uma aspirina. Mas sabemos que existem muitas pessoas nessas condições. Desde que começámos os nossos trabalhos, recebemos muitos pedidos de todos os pontos do país de pessoas que pediam para serem aceites, muitas das quais pareciam desesperadas. As pessoas que recorrerem ao E.G.M. prosseguiu o cientista, «terão de ser examinadas prèviamente pelo médico. Há sempre o perigo de as dores de cabeça não serem provocadas pela tensão. Será necessário que o médico verifique se o doente não está a confundir as dores de cabeça motivadas pela tensão com uma simples enxaqueca, ou até mesmo se tem um tumor que causa as dores de cabeça. Neste último caso, qualquer atraso no tratamento poderia ter resultado sérios ou mesmo fatais.»**

Segundo o dr. Robert M. Jafee, neurologista e especialista na matéria, o processo revela-se eficaz no controlo das dores de cabeça. **«Trata-se de uma técnica perfeitamente razoável»**, declarou Jaffe. **«A sensação provocada pela dor de cabeça deve-se à contracção muscular no pescoço e na cabeça. Se as pessoas aprenderem a repousar, as dores de cabeça tornar-se-ão menos fortes. Trata-se de uma ferramenta laboratorial que combina o auto-hipnotismo e os reflexos condicionados.»** Jaffe, que utilizou o E.M.G. no diagnóstico de doenças neuro-musculares, afirmou ser provável que as investigações dêem aos doentes bastante em que pensar, de modo que deixam de se preocupar com o que quer que motivou a dor de cabeça.

A técnica de Budzynski e Stoya parece ser bastante simples. Um jogo de eléctrodos é ligado à testa do doente, o qual se encontra sentado numa cadeira reclinável existente no laboratório. Os eléctrodos encontram-se por seu turno ligados a amplificadores que medem os impulsos E.M.G. num gráfico e através de auscultadores aplicados à cabeça do doente. As dores de cabeça manifestam-se através de uma série de estalidos, mais ou menos da mesma maneira que um contador «Geiger» regista a presença de radioactividade. Quanto maior for a frequência dos estalidos, mais alta será a potência do EMG.

«O que fazemos», explicou o Dr. Stoya, **«é ensinar o doente a fazer uma série de exercícios de descontracção e a escutar os estalidos. À medida que a tensão na cabeça e pescoço diminui, os estalidos desaparecem. Estamos a trabalhar no assunto desde 1968»**, disse ele ao concluir, **«e chegámos a um ponto em que conseguimos resultados positivos em 75 por cento dos 60 doentes que tratámos. Estamos convencidos de que, nos casos em que falhámos, eles não tinham tempo suficiente para praticarem em casa. De contrário, pensamos que teria resultado também no seu caso».**

CONTO DE DOMINGO

MUITO LONGE ALGUÉM

MARIA JUDITE DE CARVALHO

A coisa parecia na verdade bastante confusa, e, como todos gostavam de dar a sua opinião, e, pior ainda, de apresentar sugestões (quase sempre negativas ou imbecis, pensava ele), preferia trabalhar sózinho, e ùltimamente fechava-se mesmo à chave. Depois, como a tarefa que se propusera realizar ameaçava eternizar-se, as pessoas foram-se desinteressando, era normal. Os filhos entravam às suas horas de entrar, e nem perguntavam por ele. A mulher é que, logo vítima, encolhia os ombros, dizia «está lá dentro», e então todos se lembravam da sua existência. «Ainda?» espantavam-se, mas era um espanto passageiro, falso como Judas. Tinham as suas vidas, os seus problemas, os seus interesses, e quando terminavam a pergunta já ali não estavam por completo. Ali, no presente e na pergunta, só ela. «Adoece, vão ver», assegurava. «Sempre fechado, sempre curvado, quer chova ou faça Sol. Ora digam lá...«Mas ninguém podia dizer-lhe o quer que fosse porque os corpos também já se tinham ausentado. Suspirava então e recomeçava o crochet inútil mas necessário, e as mãos, velozes, prendiam em pequenas malhas a linha e também os seus pensamentos ainda há pouco tão libertos. E o tempo, malha a malha, passava sem fugir, lento e mesquinho.

Entre quatro paredes, uma janela e uma porta bem fechadas, o homem trabalhava com entusiasmo embora sem um objectivo concreto. Um dia tinha-lhe vindo não sabia donde nem porquê aquela ideia e, como acabara de ser reformado e os dias eram de repente muito grandes, aceitara-a sem hesitar. O que aquilo daria não o sabia ele, mas estava certo de que havia de dar qualauer coisa. Tinha uns vagos, antigos conhecimentos de electricidade, comprara uns livros que o livreiro lhe tinha aconselhado. O resto fora inspiração. Era, de certo modo, como se estivesse a fazer uma obra de arte, a serrar as grades da sua prisão e a falar com um deus desconhecido.

«As grades, compreendes?»dissera à mulher num dia de se confessar.

Mas ela ficara espécada, ofendida, de boca entreaberta. «Sentes-te preso? Mas eu nunca... Não podes pensar que eu...» Estava quase a chorar. Consolara-a. Que não era para ali chamada. Que a prisão era outra. Da vida, dos hábitos, do próprio corpo, da sua condição de homem. Explicava-se bem?

Ela tinha acenado afirmativamente, mas o movimento fora lento, reticente. Se se sentia bem, acabara por perguntar.

«Claro que sim. Estou a fazer uma coisa de que gosto, só isso. Durante quarenta anos tive um trabalho que detestava. Chega?»

«Não sei.»

Dobrava tubos, soldava-os, dava-lhes estranhas formas. Quando aquilo estava pronto__parecia uma escultura, vários homens de braços erguidos como se implorassem__, comprara um velho aparelho de televisão, desfizera-o todo, construira-o de novo com umas certas diferenças comandadas pela tal inspiração que o possuia. Depois, dando o trabalho por findo, fora ao telhado colocar a antena.

«Vamos ver programas do mundo inteiro ou até... Sim, creio que vamos ver muitas coisas. Mas primeiro quero experimentar. Sózinho.»

Ela encolhera os ombros. Estava habituada. Todas as noites punha o casaco às costas e ia para casa de uns vizinhos que havia meses a lamentavam com entusiasmo. Era mais uma vez.

Seriam muitas mais. Porque naquele dia ele colocou a antena, fez o que era necessário, deu a volta ao botão e sentou-se à espera. Depois de ter fechado a porta e a chave ter feito aquele cuito mais tranquilizador percurso semi circular. Porque a sua fuga, o tal serrar das grades, era sózinho que queria fazê-la. Mas seria uma longa espera. De meses.

A imagem começou a chegar muito lentamente, levou uma hora-ou mais?__até adquirir uma relativa nitidez. Primeiro era uma nuvem, depois uma espécie de bolha que ocupava todo o écran, antes de ir mirrando, surgindo inteira, desaparecendo ao longe, ou estalando a certa altura, ele não percebia bem. E outra bolha surgia e outra e outra. E, o que era mais estranho é que tudo aquilo tinha uma tonalidade muito leve, entre o rosa e o cinza, e logo depois levemente azul como que diluida em muita água ou em enormes camadas de ar. Foi assim uma noite, e repetiu-se várias vezes. O homem procurou durante meses, e nada, só as bolhas que cresciam e depois mirravam ou estalavam, só as cores.

Até que um dia um rosto se esboçou e uma voz disse palavras. Era um rosto estranho que não era possível recordar, um rosto sem linhas, feito de sombras e zonas claras. O rosto de um homem, diria mais tarde. De um homem como? Perguntar-lhe-iam. E ele sem saber. De um homem. Olhos nariz e boca. Cabelo comprido, era tudo o que podia dizer. Mas tão vago, tão pouco seguro. Como se bastasse o respirar de uma criança para misturar as coisas. A voz também. Uma voz longe, frágil, a chegar e logo a ausentar-se quase a ausentar-se. Uma voz igual a tantas. «A sua? Á minha? Que lingua falava? «haviam de lhe perguntar, também.

O homem hesitaria: Não sei como explicar, é difícil de dizer, de acreditar no que diz, de acreditar também no que se ouve. Valerá a pena? Diga: Valerá a pena?

__ Claro que sim, diria uma voz sem espanto, habituada a ouvir todas as certezas.

Pois bem, não era própriamente uma lingua. Uma lingua tem que ser aprendida. «Suponha que lhe falavam em turco ou em persa e o senhor compreendia como se se tratasse da sua lingua-mãe. Não pensava sequer: Olhã, estão a falar turco ou persa. Não, não pensava isso. Aceitava as palavras sem espanto, do mesmo modo que aceita os bons dias do porteiro quando vai a sair pela manhã. Não pensa: «Olha, o porteiro fala a minha língua» porque sabe que ele a fala a dele, a sua. Não é verdade?»

__ Foi assim?

__ Foi. Ele disse: «Amanhã, á mesma hora, todos os que do grande universo infinito conseguiram chegar até mim estejam atentos. Saberão **o porquê.**

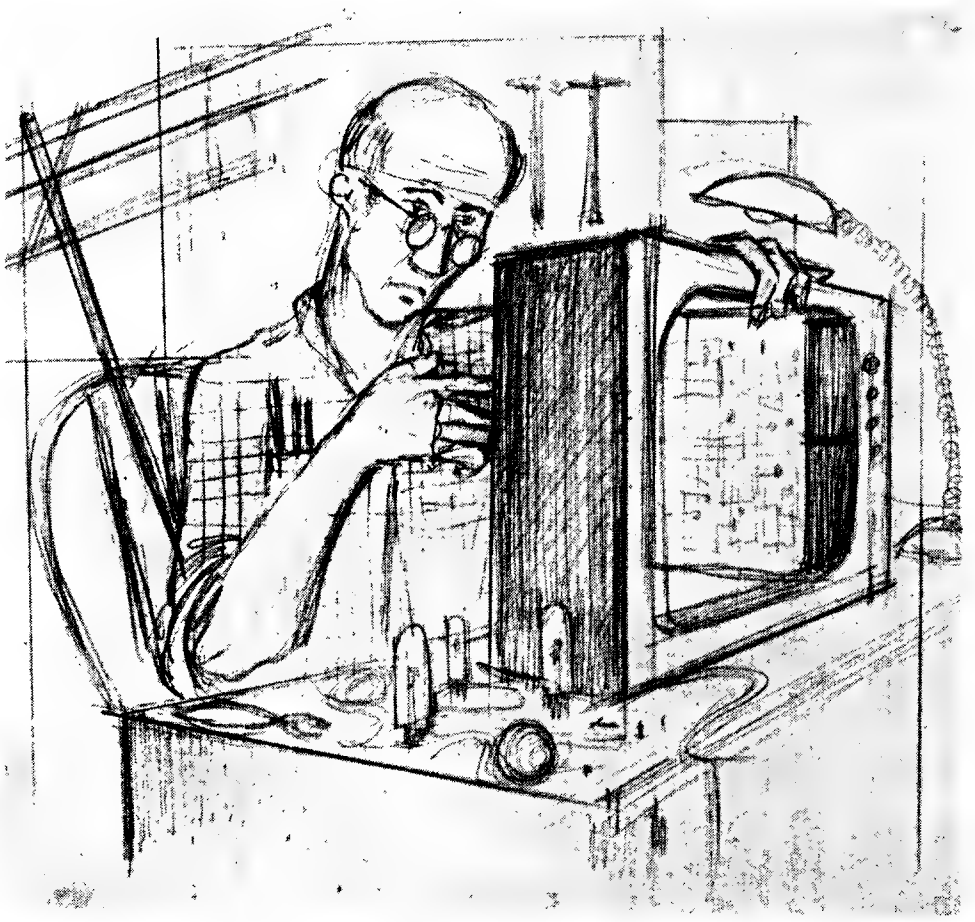
__ Só isso, o porquê?

__ Só isso. Disse isto e apagou-se.

__ Depois...

__ Mais nada. Nessa noite houve uma tempestade, e o vento mudou a posição da antena e quebrou-lhe mesmo uma parte. Tentei concertá-la mas não o consegui. Eu não tinha obedecido a nenhum critério, fizera-a, por assim dizer, por inspiração. Isto di-lo-ia ele a um médico quando a mulher pusera de lado, o crochet (com pena de o largar mas largando-o porque tinha a noção dos seus deveres de esposa) e procurara um psiquiatra para lhe dizer que o marido vivia há meses a construir uma antena a fazer e a desfazer um velho aparelho de televisão e a viver sentado a olhar para um écran vazio.

Tinham-no então levado e ela deitara fora os restos mortais do aparelho e da antena, limpara a casa bem limpae recomeçara a fazer crochet velozmente, muito velozmente, mais velozmente ainda, talvez para recuperar o tempo perdido, ali sózinha naquela cadeira, contando malhas, movendo os lábios como se rezasse a uma divindade só dela, trocando depois amostras com a vizinha que a lamentava ainda mais, agora que o marido estava internado.



UNIDADE HOTELEIRA «MUXITO»

VALE DE GATOS — FREGUESIA DE AMORA — SEIXAL

LEILÃO

Por determinação do Meritíssimo Juiz Síndico do Tribunal da Comarca do Seixal, será posta em venda no próprio local, em Vale de Gatos, no próximo dia 23 às 15 horas, esta grande unidade hoteleira que se compõe de:

Ampla mata na qual se acham implantados diversos edifícios a saber:

a) **Hotel** composto de rés-do-chão, 1.º, 2.º e 3.º andares, com a seguinte distribuição:
rés-do-chão: recepção, algumas salas e 12 quartos
1.º andar: hall e 14 quartos
2.º andar: hall e 14 quartos
3.º andar: salas de jantar e de convívio e cozinha,

b) **Edifício Piscina** composto de rés-do-chão e 1.º andar, com a seguinte distribuição:
rés-do-chão: recepção de hóspedes e frequentadores da piscina
1.º andar: hall e 32 quartos

c) **Restaurante,** com área bastante grande, composto de bar, sala de jantar, cozinhas e arrecadações

d) **Edifício Lavandaria,** edificado em área bastante apreciável e dotado de todo o equipamento de lavagem e secagem de roupa necessário a uma unidade destas

e) **Moradias diversas,** destinadas a possibilitar o seu aluguer a quem deseja passar férias em completa independência, tendo cada uma a área aproximada de 64 m2

f) **Piscina olímpica,** com 50 metros de comprimento

g) **Lago,** com cerca de 200 m2, com barcos de recreio

h) **Arruamentos alcatroados,** servindo todos os edifícios e mata

i) **Mata** em toda a restante área não ocupada por construção

Juntamente com os edifícios serão vendidos todos os móveis que deles fazem parte.

A LEILOEIRA, LDA.

Av. 5 de Outubro, 23-1.º — Tel. 45934 - 46259 — L I S B O A

SINDICATO NACIONAL DOS EMPREGADOS DOS SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

Avenida Elias Garcia, n.º 123-2.º
Telefone 76 50 23 / 24
LISBOA

CONVOCATÓRIA

Nos termos dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral Extraordinária, para reunir no próximo dia 17 do corrente, pelas 20,30 horas, no Centro Social do Sindicato — Rua da Palma, n.º 278-2.º, em Lisboa, com a seguinte ordem de trabalhos:

1 Oportunidade de aquisição de um andar, em regime de propriedade horizontal, na cidade do Porto, para as novas instalações da Secção Distrital do Sindicato.

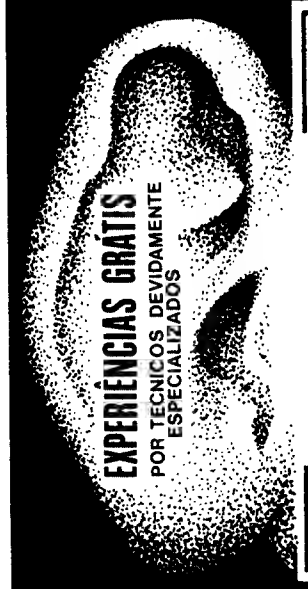
Não havendo número legal de sócios, a Assembleia funcionará, meia hora mais tarde, com qualquer número.

A qualidade de sócio deve ser comprovada com a apresentação do respectivo cartão.

Lisboa, 9 de Março de 1972.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
ERNESTO GIL DE OLIVEIRA

SURDEZ



A CASA
MAIS MODERNA
EM TODA
A APARELHAGEM
PARA CORRECÇÃO
DA SURDEZ

Ao serviço de todos os que necessitam de usar aparelhos auditivos

ALTA QUALIDADE
EM TODOS OS MODELOS
COM GARANTIA TÉCNICA

Fornecemos pilhas de todos os tipos próprias para aparelhos auditivos

PREFIRA QUALIDADE
PARA MAIOR DURAÇÃO
E GARANTIA

CENTRO AUDITIVO

Rua Aquiles Monteverde, 32-1º D.-Tel. 59597 — LISBOA

Câmara Municipal do Concelho de Loures

SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS

EDITAL

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE DIVERSO MATERIAL DE CANALIZAÇÃO DE ÁGUA

Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony, licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas, Presidente do Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados:

Faz público que, pelo prazo de vinte dias, a partir do primeiro dia útil, seguinte ao da publicação deste edital no «Diário do Governo», pelas 15 horas, numa das salas do edifício da Sede destes Serviços e perante a comissão para esse fim nomeada, se realizará o concurso público para fornecimento de diverso material de canalização de água, nos termos do caderno de encargos e programa de concurso que se encontram patentes na Secretaria dos ditos Serviços, todos os dias úteis, durante as horas de expediente.

O depósito provisório que será efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência ou nas suas respectivas filiais, agências ou delegações, mediante guia passada pelo próprio concorrente é de Esc. 6 800$00 e o definitivo de 5 por cento sobre o valor da adjudicação.

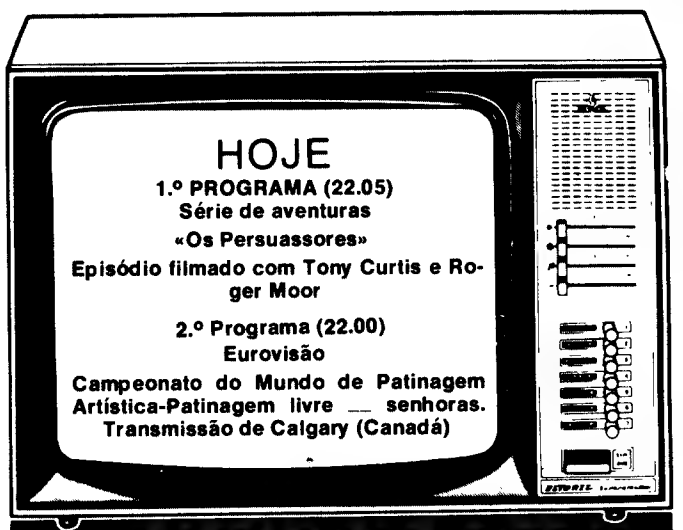
SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, 4 DE MARÇO DE 1972.

O Presidente do Conselho de Administração

Dr. Luiz Filipe da Cunha de Noronha Demony

---

televisão



SIEMENS ESTORIL
O TELEVISOR DOS JOGOS OLÍMPICOS

HOJE

1.º Programa
12.30 Abertura e Missa de Domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Nos bastidores da Aventura
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Série Juvenil «Robin dos Bosques»
14.25 Hoje pode ver...
14.45 Eurovisão desportivo — 1.ª Edição
18.00 TV Infantil
18.30 TV Rural
19.00 Série Comédia «Os Mausões de Chicago»
19.30 Telejornal — 2.ª edição
19.40 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
20.35 TV 7
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.05 Série de aventuras «Os Persuasores»
23.05 Fados
23.20 Domingos Desportivos — 2.ª Edição
23.50 Meditação e fecho.

2.º Programa
20.30 Abertura e Dó Lá Si
21.00 Série filmada «Honey Mooners»
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Eurovisão — Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
00.00 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa
12.45 Abertura Desenhos animados
13.00 Feminino singular
13.15 Arnie
13.45 Telejornal — 1.ª Edição
14.00 Um dia com...
14.15 Logo à noite

2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 Os poucetofes
19.30 Telejornal — 2.ª Edição
19.45 Cartaz TV
20.00 Porta Aberta
20.30 Ao serviço da Nação
21.00 Na terra do Arco Íris
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Concurso «O jogo do Galo»
22.40 Eurovisão, Campeonato do Mundo de Patinagem Artística
23.45 Telejornal — Últimas notícias
23.35 Meditação e Fecho

2.º Programa
20.30 Abertura e Um dia com...
21.00 Arnie
21.30 Telejornal — 3.ª Edição
22.00 Noite de cinema, «O Sinal do Pagão»
00.00 Fecho

---

baterias TUDOR pilhas

---

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
C V P	66 5342	Aeroporto	71 1397
H de S Jose	86 0131	C R G E	53 7021
H de S Maria	73 0231	C Aguas	36 1361
P S P	36 6141	Comboios	32 6226

HOJE

Situação do tempo

09.00 H

Período de céu muito nublado vento fraco ou moderado a Noroeste; aguaceiros pouco frequentes.

TEMPERATURAS DO AR

09 00 H.

PORTO	8º
PENHAS DOUR.	8º
COIMBRA	4º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	8º
FARO	10º
FUNCHAL	12º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Tavira
Máxima **13,8º**

Penhas da Saúde
Mínima **3º**

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar	12,6º
Atmosfera	9º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
1.44	**3,4 m**	7.35	**1,2 m**
14.16	**3,4 m**	19.52	**1,2 m**

Dia 13

2.32	**3,7 m**	8.21	**0,9 m**
15.00	**3,6 m**	20.36	**0,9 m**

Dia 14

3.16	**3,9 m**	9.03	**0,7 m**
15.41	**3,8 m**	21.18	**0,7 m**

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Em Portugal Continental o céu estava geralmente muito nublado e o vento era fraco predominando de Leste.

AMANHÃ

Nascer às 7.52
Ocaso às 19.41

Dia 15	Dia 22	Dia 29	Dia 6

---

rádio

EMISSORA 1.º Programa
14.30 Tarde desportiva rádio desporto, e futebol: — relato e informação dos jogos da 22.ª Jornada do Campeonato Nacional da 1.ª Divisão Actualidade Despotiva
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário sonoro
20.20 Êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 Variedades (ERN)
22.00 Teatro das comédias: «antes de começar», de Almada Negreiros
22.35 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
22.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 De um dia para o outro (Cont.)
00.30 Diário sonoro
00.45 De um dia para o outro (cont.)
02.00 Fecho

2.º Programa
17.00 Junção entra o MF 2 perspectivas da obra de Franz Schubert
18.00 Concerto de domingo-1.ª parte
18.57 Intervalo: canções, de Theodor Frolich, pelo tenor Ernst Haefliger
19.11 Concerto de domingo-(2.ª parte)
19.45 Quinteto de sopro, em sol menor, op. n.º 2 (Franz Danzi)
20.00 Diário sonoro
20.20 A orquestra «Collegium Musicum» — com o cronista Robert Veyron-Lacroix
20.30 As grandes figuras do mundo português, pelo dr. Caldeira Pais
21.00 Desdobramento sai o MF 2 recital de piano por Roberto Bravo Sonata (1952)) a Ginastera)
21.16 Concerto em dó menor (Vidalvi) para flauta e orquestra
21.30 Que quer ouvir? Programa elaborado p/Margarida Brandão
22.48 Música de arco
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho

Emissão em MF 2
14.30 Música sinfónica
15.00 2.º acto da ópera «O Matrimónio Secreto» (Cimarosa)
16.05 Quarteto n.º 2, em fá maior, op. 41 n.º 2 (schumann)
16.30 Música de tecla
17.00 Junção

RÁDIO CLUBE
14.55 Tarde Desportiva
17.00 Chave do totobola
17.03 Projecção
17.33 Meia hora depois
18.00 Música pelo caminho
18.45 Ritmos em desfile
19.02 Revista desportiva
20.00 Nota de abertura e noticiário
20.07 Selecção para o seu jantar
20.30 De 7 em 7 dias
20.45 A estrela da noite
21.32 Impacto
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.19 Grande roda
00.02 «P. B. X.»
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

rádio

Modulação de frequência
16.04 Pêndulo
17.57 O nosso programa
19.04 Vértice
21.02 Boa noite em FM
22.02 Programa à Gô-gô
00.02 Em órbita-dois
01.02 Banda sonora
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho

RÁDIO RENASCENÇA
14.30 Onda desportiva
17.00 Música ao volante
17.45 Automobilismo
18.05 Boa viagem
18.30 Terço e missa
20.00 Zona verde espaço ocupado pela família
20.35 Variedades
20.58 Meditando
21.00 Suplemento especial
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Jóias músicais
23.00 A 23ª hora
24.00 Tempo Zip

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Rádio Peninsular
das 7 ás 8 das 10 ás 12 e das 22. ás 2.

Rádio Voz de Lisboa
das 14.30 ás 17.

Clube Radiofónico de Portugal
das 8 ás 10 e das 17 ás 19.30

Rádio Graça
das 12 ás 14.30 e das 19.30 ás 22.

Farmácias de Serviço

LISBOA

AJUDA
Moura Travessa da Memória, 55 (Tel 630944)

ALCÂNTARA
Bairrão, R Prior do Crato, 25 (Tel. 661321); **Biotifar**, R. D João de Castro, 27-B (Tel 638824)

ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Tel. 711780); **S. João de Deus**, Rua Pedro Ivo, 1-A (Tel. 725140); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Tel. 772466).

ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46-A (Tel. 821653)

AREEIRO
Garantia, R. Padre Manuel da Nobrega, 5-A (Tel. 727300); **Imperial**, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Tel. 726860)

AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, R. de S. José, 187 (Tel. 326476)

AVENIDAS NOVAS
Alcântara, Av. da República, 74-A (Tel. 771379); **Vale**, Av Marquês de Tomar 47 (Tel. 773043); **Dalva**, Av. Duque de Ávila, 125 (Tel. 45225)

BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça do Norte, 11 (Tel. 311216)

BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B, 75-A (Tel. 683694)

BAIXA
Azevedo, Rossio, 31 (Tel. 327478)

BENFICA
Lavinha, Rua Eng Paulo de Barros (ex-Rua C à R. da Casquinha), 28-A (Tel 708242). **União**, Estrada de Benfica 592 (Tel 700092) **Alegria**, Estrada de Benfica, 180-A (Tel 780511)

CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia 90 (Tel 847019)

CAMPOLIDE
Pinto, R. de Campolide, 11 (Tel 682610)

CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (Tel 688807); **União** R Saraiva de Carvalho, 145 -F (Tel. 663643)

CASTELO
Ziler, R. S. Tomé, 54 (Tel 862835)

CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel. 382241

ENTRECAMPOS
Alcântara, Av. da Republica, 74-A (Tel 771379)

ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D Estefânia, 10 (Tel. 45578)

ESTRELA
Andrade Ribeiro, Av. Infante Santo, 66-B (Tel. 666971)

LAPA
César, R. das Trinas, 102 (Tel. 662631)

LUMIAR
Central, R do Lumiar, 75 (Tel. 790480). **Douro**, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Tel. 971131)

OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Tel 311237)

PENHA DE FRANÇA
Vitália, R. Morais Soares, 66-A (Tel 848011)

PICHELEIRA
Luzmar, R João Nascimento Costa, 16-A (Tels. 728395 -720703).

POÇO DO BO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-13 (Tel 381136)

REGO
Baptista, Rua Francisco Tomás Costa, 3-C (Tel. 771873)

SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões, 42-B (Tel 638625)

S. BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros, 115 (Telefone 679961)

S. MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (Tel. 326750)

S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, L. de S. Sebastião da Pedreira, 1 (Tel. 48642); **Sousa Martins**, R. Sousa Martins, 25 (Tel. 553468)

XABREGAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Tel 382241)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores, R. António Granjo, 2 (Tel. 213161)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Tel. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Tel. 2432034)
OEIRAS
Central, R João Teixeira Simões, 18 (Tel. 2430058)
PAREDE
Aisir, B.º das Caixas de Previdência - Bloco A (Tel. 2472948)
S. JOÃO DO ESTORIL
S. João, (Tel. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira, J.A, 15 (Tel. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Tel. 280078); **A. Costa**, R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, Av. Marquês de Pombal, 209 (Tel. 930019); **Flama**, R. Elias Garcia, 78-B (Tel. 932485); **Confiança**, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Tel. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Tel. 970523)
VENDA NOVA
Flama, R. Elias Garcia, 788 (Tel. 950117); **Simões Lopes**, Av. Elias Garcia, 51 (Tel. 950123)
CACÉM
Central, R. Elias Garcia, 55 (Tel. 2940034)

MEM MARTINS
Química, Est de Mem Martins, 285 (Tel 2910012)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. Dr Gregório de Almeida, 2 (Tel. 980391)
COLARES
Abreja, (Tel 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Tel. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 224250)
ALMADA
Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (Tel. 270271)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Tel. 224141)
BARREIRO
Central, Av. Alfredo da Silva, 48 (Tel. 2273207)
COVA DA PIEDADE
Atlântico, R. Padre Manuel Bernardes, 1 (Tel. 2764466)
MOITA
União Moitense, Av. Dr Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Geraldes, R. Almirante Reis, 45 (Tel 230008)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Tel. 229028)
SETUBAL
Lisboa, R. Dr Paulo Borba (Tel. 22248); **Saião**, Av. Portela (Tel. 22709)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

SUB-TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do)**, Praça da República, 118; **Costa Cabral**, Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura**, Rua de Tânger, 1463; **Invicta**, Rua do Bonfim, 331;

SUB-TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima**, Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia**, Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes**, Rua Matias de Albuq., 243; **Sá**, Rua Vale Formoso, 181; **Sarabando**, Largo dos Lóios, 36

COIMBRA

M. Nazaré, Av. João das Regras, 132 (tel. 23033), **Figueiredo**, Rua da Sofia, 107 - 109 (tel. 22837); **Correia**, Rua Visconde da Luz, 46 (tel. 22834).

cinemas

POLITEAMA (T. 326305)
15.15 - 18.15 - 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana de gargalhada com Renato Rascel, G. Granata e C. Giuffré em A TRANSPLANTAÇÃO

IMPERIAL (T. 821933)
15.00 e 21.00
(Grupo C - 14 anos)
ÚLTIMO DOMICÍLIO CONHECIDO e NÃO MATARÁS.

ROYAL (Tel 865037)
15.00 - 21.00
(Grupo D - 18 anos)
O PROVINVIANO com Gianni Morandi e OS INDIFERENTES

ESTÚDIO (Tel 555134/5)
15.00 — 17.00 — 19.00 — 21.45
(Grupo C - 14 anos)
A FONTE DA VIRGEM. O filme que ganhou o Oscar da Academia Americana e o Globo de oiro de Hollywood

LYS (T. 48560)
14.45-18.30 e 21.00
3.ª Semana
(Grupo D - 18 anos).
CAÇA AO HOMEM e COM JEITO VAI CAMPISTA. Sábados e Domingos 3 espectáculos

IMPÉRIO (Tel. 555134/5)
15.15-18.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
KLUTE com Jane Fonda e Donald Sutherland.

EDEN (Tel. 320768)
15.30-18.30 e 21.45
(Grupo C- 14 anos)
A PARTE DE LEÃO com Charles Aznovour, Elsa Martinelli e Robert Hossein.

MONUMENTAL (Tel. 555131)
15.15-18.15 e 21.30
(Grupo D - M. 18 anos)
O GOLPE com Jean-Paul Belmondo e Omar Sharif.

CASINO ESTORIL
15.30-18.30 e 21.30
Grupo B-(M. 10 anos)
OPERAÇÃO V-2 c/ Peter O'toole.

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
14.30-16 45-19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos) (Tecnicolor)
5.ª Semana. VEJO TUDO NU com Nino Manfredi e Sylva Koscina.

AVIZ (T. 47173)
15.15 - 21.30
Grupo B (10 anos)
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill e Bud Spencer. Color-scope.

MUNDIAL (Tel. 538743)
15.15 - 18.30 - 21.45
(Grupo D - 18 anos)
«DESTINOS NAS TREVAS»
Clint Eastwood, Jessica Walter e Donna Mills numa aventura tão estranha como empolgante.

APOLO 70 (T. 763319)
15.00 - 18.15 - 21.30
5.ª Semana
Grupo D (18 anos)
O PASSADO E O PRESENTE uma comédia de Manuel de Oliveira

TIVOLI (Tel. 50595)
15.00-18.15 e 21.30
3.ª Semana de êxito
Grupo D (18 anos)
OS INCORRUPTÍVEIS CONTRA A DROGA - «The French Connection» c/ Vene Hackman Roy Scheider, Fernando Rey

LONDRES (T. 730579)
14.15 - 16.30 - 18.45 - 21.45
Grupo D (18 anos)
7.ª Semana. Um filme de Andrea Cayatte MORRER DE AMAR c/ Annie Girardot, Grande prémio do Cinema Francês Cinema - Snack-bar - Pub THE FLAG. Faça 3 coisas num sítio só.

EUROPA (Tel. 661016)
15.15 e 21.30
(Grupo D-18 anos)
A VIÚVA CONRDERC.

CONDES (Tel. 322523)
ás 14.15-16.30-18.45 e 21.45 h.
Grupo D-(M. 18 anos)
A VIRGEM E O CIGANO
Joanna Skninkus - Fianco Nero

S. JORGE (Tel. 54153)
15.15 - 18.15 - 21.30
(Grupo D - 18 anos)
O IMORAL com Ugo Tognazzi e Stefania Sandrelli

ODEON (Tel. 326283)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo C (4 anos)
4.ª Semana
NAO DESEJARAS O DELICADINHO DO 5.º

LIDO (Tel. 937593-935834)
15.30 e 21.30
(Grupo D - 18 anos)
CAIU UMA GAROTA NA MINHA SOPA com Peter Sellers e Goldie Hawn

SATÉLITE (Tel 562632)
15.00 — 17.00 — 19.00 — 21.45
(Grupo B - 10 anos)
TEMPOS MODERNOS
O mais moderno filme de todos os tempos - 8.ª Semana

ROMA (T. 727778)
15.30-18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos)
TRINITA - COW-BOY INSOLENTE com Terence Hill Eastmancolor-scope

ALVALADE (T. 717480)
15.15-18.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª Semana.
O REMORSO Um filme de Claude Chabrol com Stephane Audran, Michel Bouquet e François Perrier em Eastmancolor

VOX (T. 720808)
15.15 - 18.30 - 21.45
Grupo D (18 anos)
10.ª Semana
A obra-prima de Joseph Losey com Alan Bates e Julie Cristie O MENSAGEIRO. Palma de Ouro do Festival de Cannes em 1971. Technicolor

BERNA (Tel 776098)
15 5 - 18 30 - 2 45
4.ª semana de êxito.
Grupo C (M 14 anos)
Faye Dunaway, Maurice Ronet e Barbara Parkins na aventura UMA CASA A SOMBRA DAS ARVORES Um filme colorido de Rene Cllement

BARS BOITES

ADEGA MACHADO — Cantam: Ivete Pessoa, Esmeralda Amoedo, Tina Ferreira, Fernando Maurício. Fados de Coimbra por Loubet Bravo. Os Arautos. Tocam: Liberto Conde e Américo Silva. Fandangos pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Encerra às segundas-feiras. Consumo mínimo: 70$00. **Rua do Norte, 91. Telefs. 30095 e 28713.**

SANZALA — Um pouco de África em Lisboa. Música constante. Encerra às 03,30 horas. **Av. Marechal Carmona. Telef. 790177.**

CASEBRE — Cantam Carlos Barra, Deolinda Rodrigues, Arminda da Conceição e Zélia Lopes. Tocam: Jorge Fontes e Júlio Gomes. Os 5 Típicos de Vila Franca de Xira. Encerra aos domingos. **Rua da Barroca, 133. Tel. 369760.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Telefones 26451, 264526, 264596, 264621 e 264946.**

«A SERENATA» — Cantam: Cidália Moreira, António Rocha e Amélia Proença. Grupo Folclórico Cantares de Portugal. **Rua Diário de Notícias, 122. Telefs. 321359 e 324381.**

ADEGA MESQUITA Cantam: Fernanda Pinto, Natalina Bizarro e Alcindo Carvalho. Tocam: Jaime Santos e Antonio Proença. Danças Regionais por conjunto privativo. Consumo mínimo: 60$00. Encerra ao domingo. **Rua Diário de Notícias, 107, Telef. 328307.**

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR) — Conjunto Oliveri. **Av. Duque de Loulé, 73. Telef. 530171.**

«PORTAS DO SOL» — Restaurante-Bar. Almoços e Jantares e serviço de bar permanente. **Rua S. Tomé, 86. -ABC, Alfama, Lisboa. Telef. 861633.**

TIMPANAS — Cantam: Trio Odemira, João Fernando, Emílio Reis. Luís Braga. Tocam: Pedro Caldeira Cabral e Fernando Alvim. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Minho por Quim Barreiros. Consumo mínimo 62$50 (taxas incl.). **Rua Gilberto Rola, 24. Telefs. 676655 e 672431.**

ARREDA — Fado amador, oiça e cante o fado no Arreda. Elenco: José Pracana, José Manuel Osório, D. Vicente da Câmara e eventuais clientes. Tocam: Carlos Gonçalves, José Pracana e José Inácio. Encerra às 3.as feiras. Consumo mínimo. 62$00 (taxa incl.) **Rua Alexandre Herculano, 3, Cascais. Telef. 263864.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. **Avenida Duque de Loulé, 69. Telef. 534117.**

HIPOPÓTAMO — Com Hélder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Telef. 48384.**

LISBOA/Teatros

VARIEDADES
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Empresta-me o teu apartamento»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Um sonho»

CAPITÓLIO
20.45 - 23.00 (18 anos)
«Ora bolas P'ró pagode»

LAURA ALVES
21.45 (18 anos)
«Quem tem medo de Vigínia Woolf»

VILLARET
21.00 - 23.00 (18 anos)
«O Tartufo»

MONUMENTAL
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Uma cama para toda a gente»

LISBOA/Cinemas

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Amor de perdição»

UNIVERSAL
21.00 (10 anos)
«Hércules e a rainha»

ARCO IRIS
21.00 (10 anos)
D. Quixote sem Mancha»

MAYER
21.00 (17 anos)
«Borsalino»

JARDIM
21.00 (10 anos)
«Incrível aventura»

PARIS
21.30 (10 anos)
«Americanissimo»

OLÍMPIA
21.00 (10 anos)
«O Túmulo do pistoleiro»

CINEARTE
21.00 (10 anos)
«King-Kong»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«Num Mundo Novo»

PAREDE
Royal Cine
21.15 (10 anos)
«O Distraído»

ESTORIL
Casino
18.30 - 21.30 (10 anos)
«Operação V - 2»
Palácio
21.30 (18 anos)
«Os Diamantes são eternos»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«A Viúva Couderc»

LINHA DE SINTRA

QUELUZ
Queluz Cine
21.15 (10 anos)
«O Ladrão Roubado» e «Rancho Bravo»

MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (14 anos)
«Um caso de amor»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«A Amante»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (14 anos)
«Parceiros do Diabo»

BARREIRO
Cine Barreirense
21.00 (18 anos)
«Dulcima»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«O Doce corpo do delito»

MONTIJO
Joaquim de Almeida
21.00 (18 anos)
«Love Story-história de amor»

PORTO/Teatros

ANTÓNIO PEDRO
21.45 - 18 anos
«A casa de Bernarda Alba»

SÁ DA BANDEIRA
21.30 (18 anos)
«Querida mamã»

PORTO/Cinemas

ODEON
21.30 (10 anos)
«Hércules contra o filho do Sol»
RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Morrer de amar»
S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Ora bolas eu amo-te».
ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Sol Vermelho».
COLISEU
21.30 (18 anos)
«A Amante»
ESTÚDIO
21 30 (18 anos)
«Ideia Fixa»
TRINDADE
21 30 (18 anos)
«A transplantação»
BATALHA
21.30 (18 anos)
«Bananas»
OLIMPIA
21 30 (18 anos)
«Eu Monstro»
PASSOS MANUEL
21.00 (18 anos)
«O Passado e o Presente».
VALE FORMOSO
21.30 (14 anos)
«A Professora e o descarado»
NUNO ÁLVARES
21 30 (14 anos)
«O Doce Sabor da Vingança».
CARLOS ALBERTO
21 30 (10 anos)
«O Príncipe Valente»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 ános)
«Get Carter»
TIVOLI
21.30 (18 anos)
«O Mensajeiro»
SOUSA BASTOS
21.30 (18 anos)
«O cow-boy da meia-noite»
AVENIDA
21.30 (14 anos)
«Ivan o terrível».

LEIRIA/cinemas

TEATRO JOSÉ LÚCIO DA SILVA
21.15 (10 anos)
«A canção da Noruega»

DL
RENASCENÇA GRÁFICA S A R L
PROPRIETÁRIA DO
DIÁRIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO, 185-1.º,2.º,E 4.º
TELEF 654531/2-3-4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO, 44
RUA DA ROSA, 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA-PORTUGAL

O F. B. I. em carne e osso

Por TERRY COLEMAN
«The Guardian»/«DL»

WASHINGTON — O F. B. I. tem o seu quartel-general nesta cidade. Recentemente, tive oportunidade de ver, pela primeira vez na minha vida, alguns agentes especiais do F. B. I. em carne e osso, num julgamento na Pennsylvania. Notei imediatamente que eram idivíduos de aspecto normal, mas não me passou tão-pouco despercebido o receio com que os membros do júri os olhavam.

Ouviram-se algumas gargalhadas no tribunal quando um deles declarou, referindo-se a determinada igreja catolica romana que estava a ser mantida sob vigilância, que numa congregação de 500, 100 eram agentes do F. B. I.

Uma vez em Washington, tomei um táxi e disse ao condutor, numa voz pausada e suave: **«F. B. I., se faz favor»**. Este, sabendo que James Bond é inglês, não manifestou a mínima surpresa, limitando-se a perguntar qual das entradas me interessava.

«Pennsylvania Avenue», respondi no mesmo tom. A minha suposição revelou-se acertada, dado que existem três avenidas e eu cheguei aquela artéria precisamente a tempo de ver um jovem negro, de algemas nos pulsos, a ser empurrado para dentro de um carro sem qualquer distintivo.

Perguntei então se as visitas eram permitidas, tendo-me sido dito que me dirigisse à entrada da 9th Street. Aí, na companhia de cerca de outras dez pessôas, fui guiado numa visita por um jovem funcionário do F. B. I. que envergava elegante fato e disse chamar-se Tom Brown.

Segundo ele, existem 18 500 funcionários no F. B. I., 8 500 dos quais são agentes especiais. Mostrou-me as credenciais» de agente do F. B. I., assinadas por J. Edgar Hoover. É este o passe que o agente mostra quando há tempo. Caso contrário, limita-se a mostrar o distintivo. Tom Brown falou-nos de Baby Face Nelson, que era um perito com a metralhadora, bem como de Dillinger, inimigo público número 1, o qual foi abatido por um agente do F. B. I. com uma pistola calibre 38. Pudémos ver o chapéu que Dillinger tinha na cabeça nessa altura e o colete à prova de balas que excepcionalmente não envergava, pois nesse dia fazia um calor terrível.

Fiquei a saber que o F. B. I. possui nos seus arquivos 196 741 984 impressões digitais de identificação, mas espero que isto signifique que eles têm várias impressões digitais do mesmo indivíduo, dado que em todo o território dos Estados Unidos existem apenas 203 184 772 pessoas.

Durante todo este tempo, eu estivera a tomar diligentemente notas de tudo aquilo que os meus olhos viam e os ouvidos escutavam. A determinada altura, Tom Brown interrompeu:

«Posso perguntar-lhe por que razão está a tomar notas?» Eu respondi: **«Para me lembrar do que o sr. DIZ»**. **«Oh»**, fez ele, parecendo satisfeito com o resultado da sua curiosidade.

O nosso guia mostrou-nos também retratos-robot de criminosos fugidos à justiça, mas apressou-se a esclarecer que, hoje em dia, já ninguém é chamado «inimigo público n.º 1», dado que os criminosos tinham tendência para disputar o título.

A seguir, pudémos observar fotografias dos Rosenbergs a serem executados por crime de traição, em 19 de Junho de 1953. Trata-se de algo que os Estados Unidos podiam tentar esquecer ou, pelo menos, não exibir. Depois, uma fotografia de J. Edgar Hoover afirmando que os estatutos dos direitos cívicos faziam parte das leis federais. Seguiu-se uma vasta exposição, em que a cor predominante era o encarnado, intitulada: **«Comunismo... o inimigo da liberdade»**.

Aqui, os retratos-robot remontam a 1848, principiando com Marx e Engels. Mao não se encontra entre eles, nem tão-pouco qualquer dos «leaders» chineses.

Passámos por cubículos que tinham o seguinte aviso: **«Depoimento. Não incomode»**. Vimos uma camisa ensanguentada que estava a ser examinada em busca de indícios. Disseram-nos que algumas pessoas podem por exemplo, segregar ténues vestígios de sangue com a saliva, de modo que se um dos inimigos da liberdade atirar descuidadamente um cigarro para o chão e pertencer a esta categoria de pessoas, como aliás deve acontecer com todos os inimigos da liberdade, a ponta de cigarro, ao ser analizada, revelará o seu grupo sanguíneo.

Um homem pegou numa pistola calibre 38 e disparou seis tiros para um alvo com a forma de um corpo humano. Todas as balas acertaram no meio do alvo, onde têm maiores probabilidades de matar um homem. Os especialistas designam esta região por «zona K5». Depois, o mesmo homem empunhou uma metralhadora e disparou um carregador inteiro contra o mesmo alvo. Uma vez mais, a totalidade dos projécteis acertou na mesma zona. **«Alguém deseja fazer perguntas?»**, interrogou-nos ele. Silêncio. **«Estamos sempre a pensar na vossa protecção»**, concluiu.

Quando nos dirigíamos do sexto ao primeiro andar, Tom Brown declarou que estava ainda a ser submetido a um período de treino e decorreriam pelo menos dois anos antes de ter a possibilidade de se tornar um agente especial. Nunca vira Hoover, cujo gabinete era no quinto andar.

A certa altura, interroguei o funcionário do F.B.I. encarregado dos contactos com a imprensa acerca dos 100 elementos do F.B.I. que pertencem à congregação dos 500. Segundo ele, o agente especial nunca afirmara isso no julgamento. Respondi-lhe que o ouvira pronunciar as palavras, tal como outros repórteres, os quais relataram igualmente o facto nos seus jornais. O que o agente realmente disse, segundo o funcionário do F.B.I., foi os 100 **«designados para o caso»**.

Perguntei-lhe a seguir qual a razão por que Mao não se encontrava na exposição dos comunistas. Seria por causa da visita de Nixon? Respondeu afirmando que a exposição só era dedicada ao **bloco soviético.**

Uma última pergunta: por que razão os agentes atiram para matar? Porque disparam para a «zona K5»? Asseverou-me que os agentes só disparam quando as suas vidas ou as doutras pessoas se encontram em perigo. Então atiram para matar. **«Ninguém dispara apenas para ferir. Seria estúpido e revelaria falta de cuidado.»**

Quinta das Águias ambiente familiar

Local aprazível, preferido pelas pessoas de bom gosto.

...Não é barato, nem caro, antes pelo contrário... é o que manda a Lei.

Reservas pelo telefone 245 — ELVAS

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

BOLSAS DE ESTUDO
MÚSICA E BELAS-ARTES

De 20 de Março a 19 de Abril de 1972, estará aberta a inscrição para concessão de **bolsas destinadas a aperfeiçoamento, no País, ou no estrangeiro,** durante o ano lectivo de 1972-1973 nos diferentes sectores da Música e das Artes Plásticas e ainda nos domínios de investigação e especialização em História da Arte e Crítica de Arte, Estética, Museologia, Restauro, Arqueologia, Teatro e Cinema.

A) **MÚSICA**

No ano lectivo findo, foram concedidas 26 bolsas para estudos de aperfeiçoamento em Música. Em 1972 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em vigor, a atribuição, para o mesmo fim, de 20 novas bolsas, algumas das quais destinadas à frequência de Cursos de curta duração.

B) **ARTES PLÁSTICAS E DOMÍNIOS AFINS**

No ano lectivo findo, foram concedidas 21 bolsas de estudo de aperfeiçoamento no sector de Artes Plásticas e nos demais supra mencionados. Em 1972 prevê-se, além da eventual renovação das bolsas em curso, a atribuição de 30 novas bolsas para os mesmos fins.

C) **ESTUDOS DE ARABISMO**

A Fundação Calouste Gulbenkian, desejando contribuir para os estudos de Arabismo em Portugal, decidiu que fossem especialmente instituídas duas bolsas de estudo no estrangeiro, com essa finalidade, a que poderão candidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.

D) **CONDIÇÕES BÁSICAS DO CONCURSO**

a) Podem concorrer às bolsas A) e B) os diplomados com cursos oficiais e também as pessoas que, não sendo diplomadas, exerçam actividade profissional em qualquer dos respectivos sectores ou domínios.
À bolsas da categoria C) sòmente poderão cadidatar-se licenciados em História ou Filologia Românica pelas Faculdades de Letras do País.

b) Na atribuição das bolsas nas categorias A) e B) será dada preferência aos pedidos cuja finalidade for considerada de maior interesse para o País e na escolha dos candidatos será particularmente tida em conta a actividade por eles exercida e a sua qualificação artística.

c) Até 14 de Abril próximo, os candidatos deverão dirigir-se ao Serviço de Recepção da Fundação Calouste Gulbenkian — Avenida de Berna, em Lisboa — para o efeito de obterem os competentes boletins de inscrição, acompanhados de um exemplar do regulamento que lhes diga respeito. Os candidatos residentes habitualmente fora de Lisboa poderão dirigir-se ao respectivo Serviço de Música ou de Belas-Artes, para o efeito de lhe serem enviados aqueles documentos.

d) Os boletins de inscrição que não derem efectivamente entrada na Fundação até às 18 horas do dia 19 de Abril e bem assim todos aqueles que não estiverem suficientemente preenchidos, ou instruídos, em termos de possibilitar a sua fácil apreciação, serão rejeitados «in limine».

AVISO — O período de inscrição **para bolsas destinadas a frequência, no País,** durante o ano lectivo 1972-73 dos cursos gerais e superiores do Conservatório Nacional, das Escolas de Música oficializadas e das Escolas Superiores de Belas-Artes, e as condições do concurso, serão oportunamente anunciados.

BANCO BORGES & IRMÃO 1884

Banco Borges & Irmão
PORTO

AUMENTO DE CAPITAL
EMISSÃO DE 150 000 ACÇÕES

PAGAMENTO DA 2ª. PRESTAÇÃO

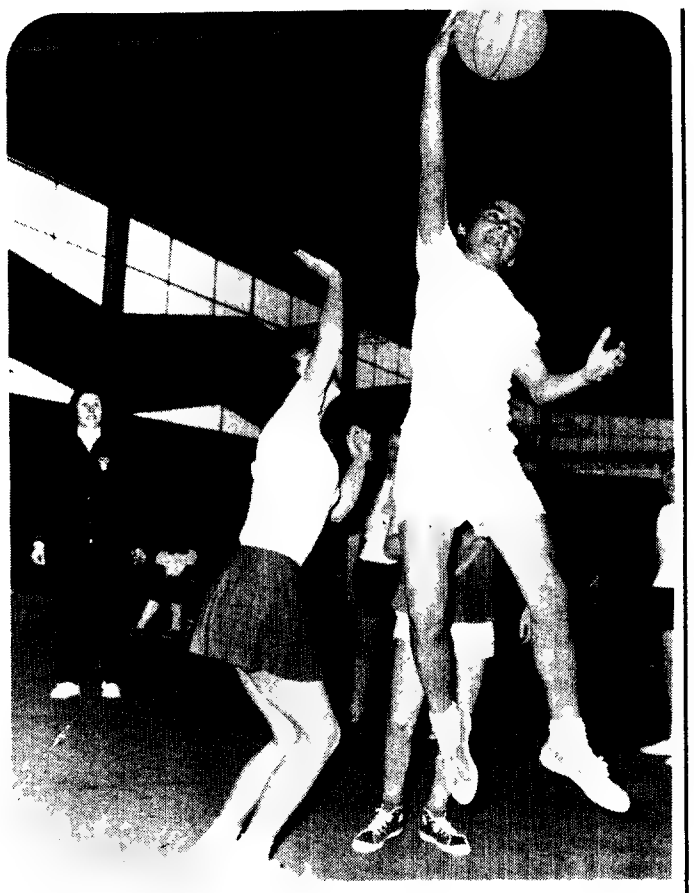
Avisam-se os Senhores Subscritores que, de 13 a 18 de Março corrente, se encontra a pagamento a 2.ª prestação das acções que lhes foram atribuídas.
As cautelas correspondentes devem ser apresentadas em qualquer dos estabelecimentos do Banco, para efeito de carimbagem.

Porto, 6 de Março de 1972

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

CAPITAL E RESERVAS : 1 012 700 000$00

DL DESPORTOS



Coimbra é ensaio

Equipas mistas de basquetebol: a novidade vem de Coimbra, onde a experiência é motivo para reportagem na página três.

ESCALÃO SUPREMO

Alvalade e Ajuda já estão a arder

Dinis (Sporting), Luís Carlos (Belenenses), Rui (Atlético) e o setubalense Cardoso são figuras da tarde futebolística, personagens em destaque nas equipas que se defrontam em Alvalade e na Ajuda (Tapadinha) neste domingo de campeonato

NAS PÁGINAS CENTRAIS

LINDA-A-VELHA:

PROBLEMAS PROBLEMAS PROBLEMAS

Luta em várias frentes: e não só sobre este velho e esburacado tapete que nem as quedas proteje convenientemente. O mundo das colectividades populares começa a rasgar-se na reportagem da página 6.

O BENFICA ELIMINARÁ O FEYENOORD?

Pág. Oito

JORGE SARAIVA

PÁGINA DOIS

FUTEBOL EM CHEQUE

DEPOIMENTO

Por CARNEIRO JACINTO

Fala o dr. Jorge Saraiva

Crítica e análise do futebol português

Vice-presidente da Federação Portuguesa de Futebol nas duas últimas gerências, levado por falta de dirigentes à posição de presidente na última direcção, coordenador geral de todas as selecções seniores, o dr. Jorge Saraiva analisou para o «DL» diversos aspectos ligados ao futebol e aos planos que a nova direcção quer pôr em prática.

COORDENADOR

«Como cooordenador de todas as selecções seniores superintendo na organização e preparação administrativa de tudo o que diga respeito às selecções portuguesas. Compete-me estudar provas, regulamentos e demais elementos que directamente digam respeito à presença portuguesa em torneios internacionais. Para além de tudo o mais, sou o porta-voz junto da direcção de tudo o que ocorre com a turma nacional: a equipa técnica comunica-me o que está a passar-se e eu estudo o aspecto administrativo da questão. Não me meto, portanto, nos aspectos técnicos: tomo apenas conhecimento deles».

SELECCIONADOR-TREINADOR

«A ideia do responsável único já tinha preocupado a direcção cessante: pretendíamos encontrar um técnico que pudesse ocupar-se em «full-time» de todos os trabalhos da selecção. Por diversas razões (e muito especialmente por falta de dinheiro) essa idéia não pode ir para a frente. Este ano arranjámos uma pessoa que, apesar de não trabalhar exclusivamente junto da selecção, pode no entanto dar quase todo o seu tempo. Efectivamente, o José Augusto (até pelo facto de não ser o treinador principal do Benfica) tem certas disponibilidades que lhe permitem dar uma colaboração quase total. O Benfica compreendeu perfeitamente a nossa pretensão, cedeu gentilmente o seu técnico e podemos estar descansados quanto à sua presença assídua na preparação da turma nacional. Vamos fazer esta experiência para concluirmos se, efectivamente, a ideia de um seleccionador-treinador resulta: se

chegarmos a uma conclusão positiva e conseguirmos arranjar dinheiro para levar o nosso interesse avante, continuaremos futuramente a partilhar dessa ideia».

O FRACASSO DA SELECÇÃO

«Só me posso referir nesse aspecto a questões de organização, pois não sou técnico de futebol. Como administrador, chamemos-lhe assim, de tudo o que dizia respeito à selecção, nada falhou: pretendemos incentivar os rapazes e proporcionar-lhes tudo para que eles não se ressentissem. Conseguimos fazer disputar o jogo com a Bélgica na Luz, como era desejo de todos, e tentámos com isso fazer desaparacer a desmoralização que advinha do encontro se disputar no Estádio Nacional, longe do público. Então, porque falhou? Pois na Escócio começámos por não ter sorte, não jogámos bem (é certo) mas vimos o árbito validar um golo falso. SE aí tivessemos pelo menos empatado tudo teria sido diferente: como isso não aconteceu, o jogo com a Bélgica passou a ser o tira-teimas. Os nossos jogadores acusaram demasiadamente a responsabilidade e tudo o que se tinha combinado foi por água abaixo. Se houve erros tácticos ou de aproveitamento de jogadores? Não acredito nessa hipótese, pois as pessoas que estavam à frente da equipa sabiam perfeitamente o que se devia fazer e não iam jogar cartadas precipitadas. Não sou técnico, como já disse, mas por aquilo que percebo de futebol poderei ter discordado da inclusão de Eusébio: o que é facto é que ele mesmo coxo poderia ter o seu papel a desempenhar dentro da equipa. Também José Mendes poderia não ter jogado, mas tanto num caso como no outro a ideia de Pedroto é que prevaleceu. Quantas vezes ele tem acertado e toda a gente acha sensacional...»

JOSÉ AUGUSTO

«Presidiu à escolha a ideia de que um homem que faz vida do futebol é que devia estar à frente da selecção, pois não seria bom que existisse um seleccionador que não fazia vida do futebol e um treinador que estivesse ligado a ele (ou vice-versa). Assim, congregámos numa só função as duas atribuições e tínhamos de escolher um indivíduo que pudesse preencher essas condições. Foi escolhido José Augusto, que será o único responsável por tudo aquilo que diga respeito às selecções nacionais de seniores: convocará, observará e escolherá quem quiser e pode rodear-se dos colaboradores que pretender para que o seu trabalho não tenha quaisquer problemas. É portanto, o total responsável por tudo».

OUTRAS SELECÇÕES

«Queremos pôr a funcionar uma equipa que sirva de «viveiro» para o Mundial da Alemanha, para que possa estar defendida a sucessão de valores. Neste momento, o comité executivo da U. E. F. A. está a decidir sobre quais as idades que os jogadores deverão ter para jogar em «esperanças» e «Bês» e estão já projectados alguns torneios de «esperanças» nos quais nós iremos tentar pôr a nossa equipa a jogar. A proveitando a ida a Chipre pensámos pôr as «esperanças» a jogar no Luxemburgo: as condições apresentadas pela federação luxemburguesa não foram de molde a merecer a nossa aprovação. Recebemos, para além disso, um convite da federação alemã para efectuar dois jogos entre as duas selecções. O primeiro teria sido já este ano, mas como coincidia com as datas das competições europeias de clubes tivémos de recusar. Mantém-se de pé o jogo de lá, programado para o início de 1974: coincidindo, portanto, com a disputa do campeonato do Mundo. Se não formos apurados, esse jogo terá interesse para promover novos valores: se formos ao Mundial será um bom treino com uma das melhores equipas actuais».

JUNIORES

«Há que reformar todas as provas de juniores, pois enquanto Benfica, Sporting e Porto ganharem jogos por 12-0 e 15-0 daí não vem evolução nenhuma. Depois dessa primeira reforma, há que fomentar os torneios internacionais de juniores para dar contactos aos jovens e proporcionar-lhes uma necessária «endurance» que os valorize e projecte em mais altos voos. Há que fomentar as camadas jovens dos clubes pequenos, dando-lhes condições e meios materiais para que eles possam trabalhar dentro das suas próprias portas. Treinadores de nível devem fazer estágios junto desses clubes, pois (normalmente) as pessoas que estão à frente da orientação dos mais pequenos são «curiosos» que podem inclusivamente criar defeitos de base que nunca mais saem, e é exactamente nessa altura que o jovem deve ser mais acarinhado. Outro aspecto essencial é a preparação atlética dos jovens que não podem ter uma alimentação desregrada para fazerem todo o ciclo de evolução física. Um treinador preparado poderia aconselhar o que o atleta deveria comer, a que horas o devia fazer e em que quantidade. Por último deveriam realizar-se jogos inter-selecções regionais para dar uma certa rodagem e contacto a jogadores que raramente saem dos seus clubes. Com uma organização deste género, quando chegasse a altura de se formar uma selecção nacional, o seleccionador já teria todos os elementos indispensáveis a uma escolha justa e que abrangeria os melhores elementos. Para além de tudo o mais já não perderia tempo: tudo estaria cadastrado e devidamente orientado».

FUTEBOL ULTRAMARINO

«Por tudo aquilo que o futebol das nossas províncias nos tem dado veria com muito bons olhos um fomento válido de todas as vastas potencialidades que por lá existem. Gostaria, inclusivamente, de ver as provas nacionais estendidas ao Ultramar: mas, de uma maneira condigna, e não por uma questão de favor. Entendo que, efectivamente, podiam cá vir: mas, com um mínimo de condições e depois de terem dado suficientes provas de que o seu grau de desenvolvimento já é aceitável. Estamos a fazer um esforço financeiro: é agradável a vinda de ultramarinos pois traduz uma universalidade da nossa raça, mas se isso não acontecesse nada seria alterado. Se o dinheiro que estamos a gastar fosse aplicado em fomento tudo seria melhor: assim, andamos a enganar-nos a nós próprios. É chocante virem cá equipas sem um mínimo de condições: se esse dinheiro fosse aplicado noutras coisas seria bem melhor. Quando tiverem condições venham que são bem recebidos. Assim...».

PRÉMIOS

«Ando a estudar a questão dos prémios monetários que deverão ser atribuidos logadores que representem a selecção. Esses dinheiros deverão ser compatíveis com a dignidade e justiça de cada vitória ou actuação. O problema tem de ser visto globalmente, não esquecendo que o jogador é profissional e, portanto, necessita de auferir os seus proventos. Entendo, no entanto, que os prémios exagerados são prejudiciais: tiram faculdades à pessoa que os pretende. Já falei com o José Augusto sobre o assunto e ele concordou comigo, não mostrando grande interesse em somas elevadas, pelo que tudo estará dependente das possibilidades, nível e responsabilidade de cada representação».

SOBRETAXAS

«O problema das sobretaxas e dos «Dias de Clube» têm de ser urgentemente resolvido, pois na última época já houve jornadas que tiveram 90 por cento dos encontros com aumento. Admito sobretaxas condicionadas, pois assim cai-se num exagero pernicioso que cria situações ridículas. Devíamos rever os preços dos bilhetes, estabelecendo escalões conforme a posição que as várias equipas ocupassem nos nacionais. Agora, so bretaxas por tudo e por nada, criam anarquia: o principal prejudicado é o público. Era melhor haver preços unitários, pois assim há jogos que atingem preços exorbitantes. Temos de tratar ràpidamente desta situação, que não pode continuar fora de determinados limites».

FUTEBOL E TV

«Ainda durante os últimos meses do anterior mandato os pedidos de transmissões de jogos pela televisão foram aceites: desde que à mesma hora não se disputasem jogos de jurisdição da Federação. Pretendi, com isso, obter elementos para que a nova direcção tivesse possibilidades de verificar se os resultados tinham sido positivos ou não. Para os clubes, esta decisão (a princípio) surgiu como coisa nova e extremamente agradável, na medida em que sempre recebiam 50 contos que quase lhes caíam do ar. Os elementos que consegui obter ainda não são suficientes para se saber se efectivamente resultam ou não as trasmissões pela TV. Estou apreensivo e tenho sérias dúvidas em que as trasmissões sistemáticas sejam úteis, porquanto admito que se cubram determinados jogos (como por exemplo a final da «Taça de Portugal») mas não muitos. Os clubes começarão a sentir, mais tarde ou mais cedo, o efeito disso. Começará a existir uma certa saturação: ao sábado vê na televisão, ao domingo de manhã volta a ver na televisão e à tarde já está cansado de tanto futebol. Isso pode levar a um afastamento do público dos campos: e sabe-se bem quanto o futebol precisa do público e a falta que o jogador sente quando não tem o calor humano à sua volta. Não sou, portanto, partidário de transmissões exaustivas: mas, apenas de determinados jogos. Tudo deve ser bastante bem estudado para que não se caia em transmissões apenas porque os clubes precisam de dinheiro. Esse estudo já está a ser elaborado por um colega da direcção e a conclusão a que se chegar será certamente a mais correcta para o público, jogadores e para o próprio futebol nacional».

Analisados, assim, os mais urgentes aspectos do futebol português na hora que passa, ficamos apenas a aguardar que as judiciosas considerações do dr. Jorge Saraiva tenham pleno cabimento dentro do trabalho que os novos federativos se propõem realizar em prol do futebol português.

REPORTAGEM

Por ORLANDO DIAS AGUDO

Experiência de Coimbra: os olhos da realidade

Todos os anos o Mondego sai do seu leito e alaga os terrenos próximos. Todos os outonos as folhas caem das árvores, pintando uma aguarela de raro tom amarelado que embeleza ainda mais a cidade. Todos os dias o sol nasce igual, lá para os lados do Choupal, emprestando vida e esperança a uma cidade que não é só de estudantes.

Na monotonia dos ciclos que se repetem, Coimbra encontrou a verdadeira estrada do progresso; e, com os olhos bem fixos na realidade, construiu, fomentou, alicerçou. E a obra nasceu, bela e fascinante, plena de entusiasmo e alegria.

As cheias periódicas do Mondego, deixaram de constituir a notícia dominante de cada inverno.

«Foi há dois anos que começámos com esta actividade a que chamámos «Experiência de Coimbra». Os resultados apurados, até ao momento, indicam que estamos, realmente, no bom caminho».

(Dr Mendes Silva: delegado na cidade dos doutores, da Direcção-Geral dos Desportos. O entusiasta número um por uma experiência que já deu os seus frutos: e continua a espalhar a sã alegria do convívio desportivo, entre a juventude coimbrã. Dr. Mendes Silva: um espirito aberto ao diálogo, uma mentalidade voltada para o amanhã).

«Começámos pelo basquetebol, entusiasmando a juventude do ciclo preparatório no treino do minibasquetebol. Apalpados os resultados, passámos à natação e desde há pouco tempo ao atletismo. Depois de dois anos de experiência, julgamos ter encontrado a fórmula ideal e a única possível para se fazer algo de válido, como agora se diz. Travámos diversas batalhas, de que saímos vencedores: conseguimos fazer incluir no horário escolar a iniciação desportiva, sendo agora obrigatório todos os estudantes de Coimbra saberem nadar. E são, este ano, em número de três mil. Outra grande conquista: conseguirmos oito horas semanais para a Educação Fisica. E, agora, temos uma batalha a travar: estender este programa às escolas primárias, para depois o levarmos ao ensino pré-primário. Uma coisa curiosa: a cidade encarou esta iniciativa como se fosse sua e temos a colaboração de toda a gente, desde o mais ilustre representante hierárquico, ao mais simples cidadão.»

(Dr. Mendes Silva: um homem simples a quem o agitado dia-a-dia não mete medo. Um homem que sonhou com uma obra gigantesca e se inscreveu como primeiro voluntário para sobre os seus ombros o edifício se erguer. Um homem de espirito jovem, totalmente voltado à juventude.)

«É enorme a actividade desenvolvida diàriamente nas nossas instalações, naturalmente desprovidas das condições ideais. A piscina, por exemplo, começa a funcionar às 7 horas e meia de cada manhã, pois para além da juventude em idade escolar outras frentes sociais querem aproveitar da nossa iniciativa: seminaristas, professores, enfermeiras e estudantes mais adiantados, utilizam as nossas instalações para se treinarem, aprenderem. Formarem-se. Coimbra aceitou e aprendeu a nossa iniciativa: não quer que os seus filhos batam «records», nem sejam campeões. O nosso objectivo não é esse. De boa vontade trocaríamos um campeão de natação, por exemplo, por 3 ou 4 praticantes que pudessem ensinar quem não sabe. Ao fim de dois anos estou satisfeito: o exemplo desta cidade começa a espalhar-se, pois Lousã, Cantanhede, Mealhada e Condeixa têm já prometidas as piscinas indispensáveis para seguirem o nosso exemplo. Ao todo, passamos a dispôr de 12 piscinas na região central do País».

Dr. Mendes Silva: um delegado da Direcção-Geral dos Desportos que se esqueceu de mencionar esse facto no cartão de visita, porque a seus **pés** tinha uma obra a fazer.

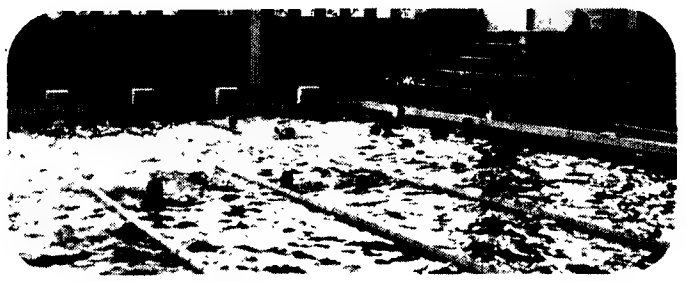
a meu cargo, 11 turmas de 30 alunos cada, a quem procuro ministrar um pouco de ensinamentos. Não vou falar do entusiasmo que por aqui vai: basta ver e ouvir a sã movimentação destes jóvens, a alegria que constantemente brota das suas almas. Esquecemos as dificuldades (falta de material), porque com o pouco de sacrifício o sabor da vitória tem outro sabor. Resta-nos a certeza do espírito da juventude de Coimbra que encara esta iniciação com um sorriso estampado no rosto, porque gosta da modalidade e a quer praticar. Uma experiência interessante: estamos a constituir equipas mistas (isto é: «cincos» de rapazes e raparigas que disputam encontros contra outras equipas congéneres) e estamos surpreendidos com os resultados. Depois de três anos de treinos e experiências, só lamentamos que não tenhamos ainda pavilhões, salas cobertas, bolas e cestas em numero suficiente. Ao ler, no outro dia, um artigo no Boletim de Educação Física, onde se dizia que, para uma turma de 24 alunos de iniciação desportiva (mini basquetebol) deveria haver um mínimo de 24 bolas, não resisti a um sorriso: que bom seria que nós aqui pudessemos dispôr dessas condições de trabalho. Estamos, todavia, esperançados: a obra nasceu, está a dar os seus frutos, e naturalmente que não vai poder continuar com este aspecto de improvisação. O futuro nos dará aquilo que ambicionamos: um mínimo de condições».

O dr. Gomes Simões

LIGAR PORTUGAL AO BRASIL EM NATAÇÃO

Professor Luís Lopes da Conceição: um homem que faz das piscinas a rotina de cada dia, tem à sua frente um grandioso complexo a que dá movimento.

«Por esta piscina passam diàriamente cerca de 1 500 praticantes, não apenas praticantes do ciclo preparatório mas, também, alunos da Universidade e cidadãos de outras profissões. O nosso primeiro objectivo é ensinar Coimbra a nadar. Paralelamente com este desejo, a piscina e aproveitada para treinos, provas e outras manifestações de interesse. Há meses, realizámos aqui as «24 horas dentro de água»: durante todo esse tempo conseguimos ter sempre alguém dentro da piscina, tendo-se registado a presença de 1 005 nadadores alguns vieram de Lisboa, só para fazerem «uma piscina»; outros, nem sequer puderam satisfazer esse desejo mínimo, tal a abundância de voluntários. Agora temos outro sonho: realizar a travessia Lisboa-Rio de Janeiro a nado. Em 12 piscinas, vamos pôr gente a nadar durante umas quantas horas: medida a distância entre as duas cidades pretendemos que se nade aqui essa ligação. É uma iniciativa de vulto, mas estamos convencidos de que conseguimos realizar o «milagre». Temos quatro agremiações particulares interessadas na prática da modalidade: além da Académica, o União, o «Martin de Freitas» e a «Eugénia de Castro». São quatro centros de natação que ficam muito bem na cidade. Como prémio de todo o nosso labor em prol da natação, as provas respeitantes aos próximos jogos Luso-Brasileiros, serão disputadas nesta cidade, e não em Moçambique como a principio foi anunciado. Sempre é mais um estimulo para o trabalho que estamos aqui a desenvolver, vai para três anos».



«Esperamos por ti» - diz a legenda lá ao fundo: e a verdade é que a juventude tem acorrido em grande número.

EQUIPAS MISTAS DE MINI-BASQUETEBOL

Um antigo praticante de basquetebol, «internacional» de craveira, entusiasta pelo ensino, trabalha actualmente futuros «internacionais»: chamou-se (muito simplesmente) Simões. Hoje, é o dr. Gomes Simões, com oficina no ginásio da Cidade Universitária.

«Dezasseis anos de actividade não se esquecem com facilidade. E, assim, continuo a viver para o basquetebol, ensinando estes rapazes e estas raparigas que um dia, ao serviço de qualquer clube ou com a camisola das quinas, poderão vir a dar que falar. Tenho

O prof. Luís da Conceição

O ministro Veiga Simão sorri, ao ver e ouvir a realidade criada pelo dr. Mendes Silva(na foto, à esquerda do titular da pasta de Educação).

Assim se vai aprendendo a encestar

Centro Nacional de Formação Turística e Hoteleira

Cursos de Hotelaria no Estoril

Estão abertas as inscrições para os cursos de aperfeiçoamento das secções de Recepção/Portaria, Andares, Cozinha/Pastelaria e Mesa/Bar, a iniciar em 24 de Março, na Avenida de Portugal, N.º 38-A — Estoril — Telef.: 26 14 80, das 14 às 18.30 horas.

EU PONTA ESQUERDA

De Angola chegou Dinis em 14 de Agosto de 1969. E chegou para triunfar. Adaptou-se a métodos e sistemas de Fernando Vaz estreou-se no Novembro seguinte contra o Benfica, logo com uma vitória, logo com uma exibição inesquecível.

O longilíneo, escuro e desembaraçado, ponta-esquerda grimpou de um salto as escadas da fama e chegou num ápice ao topo da equipa «leonina». O tempo passou, Dinis começou a ser especialmente visado pela marcação das defesas, o técnico designou-lhe novas funções, não se sabendo hoje se com vantagem para o jogador e se com vantagem para a equipa.

De ponta-esquerda driblador e rápido a correr para a área, Dinis transformou-se na «muleta» de Hilário, foi-se desvirtuando em zonas recuadas foi-se despersonalizando em funções indefinidas no meio campo. Dinis apagou-se.

Entretanto, o primeiro técnico de Dinis no futebol profissional deixou o patrão para que ambos trabalhavam, e Dinis anteviu a hipótese de regressar aos seus grandes dias, às sagas pela ponta-esquerda, às corridas empolgantes rumo ao golo e ao aplauso de multidão. E Dinis reacendeu-se.

Por outro lado vêm aí os calores de Verão e com eles Dinis espera ganhar vida nova:

- **Apesar de estar na Metrópole há bastante tempo ainda não me consegui adaptar à chuva e ao frio. O frio emperra-me os movimentos e no Inverno nem pareço eu. Os problemas com o joelho estão ultrapassados, o meu estado físico neste momento é bom e como a preparação está a endurecer podem ter a certeza que o Dinis chegara em breve ao seu melhor.**

UM ENTRE DEZASSEIS IRMÃOS

Mas que sabe o adepto do futebol acerca de Dinis? Que sabe além do que domingo a domingo vê nos estádios e se limita pràticamente à sua famosa perna esquerda, uma «gambeta» de oiro como já alguém lhe chamou, que arrasta a bola longe do corpo e do alcance do adversário, enquanto ganha espaço para a finta e para a fuga?

Talvez se saiba pouco e por isso contamos que António Joaquim Dinis nasceu em Luanda e é um entre dezasseis irmãos que pai António Alfredo e mãe Maria Joaquina tiveram de educar. Dinis trabalhou no D.T.A., estudou (conseguiu mesmo concluir o segundo ano do Curso do Cormércio) e jogou futebol no ASA, desde os catorze anos. Agora como profissional tirou uma especialização, ponta-esquerda:

- **Tanto gosto de jogar colado à linha (na extrema esquerda) como em auxílio ao meio campo, a fechar o espaço ao adversário. Ficar num lado ou noutro é apenas problema de tácticas e de ideias de cada treinador, que eu cumpro sempre bem dis-posto uma vez que fundamentalmente gosto de jogar futebol seja em que lugar for. No miolo, no entanto é necessário um esforço suplementar e daí ser mais importante a preparação física. Com mais alguns jogos bem junto à linha lateral espero readquirir a perdida rotina de extremo-esquerdo.**

Em 1969, demandou Alvalade e a partir daí foi foco de notícias, entrevistas e reportagens como gente que tem nome e que dá ensejo à controvérsia. Também foi «internacional» estreia na selecção A contra a Itália, jogou quatro vezes nas «esperanças», ganhou um campeonato e uma «Taça de Portugal» pelo Sporting e prepara-se para muito mais. Um muito mais que apenas se adivinha pelas enormes potencialidades semi-reveladas mas ainda a desabrochar na sua plenitude.

Entretanto Dinis namora, diz que possívelmente vai casar no próximo ano mas acha conveniente não divulgar o nome da pequena Enquanto isso não acontece e enquanto se prepara conscienciosamente sob as ordens de Mário Lino pensa no no Verão:

- **Chuva e frio não é comigo. Que venha o Verão e virá a alegria de jogar e marcar golos.**

LINO:

Lino, comandante ambicioso

Mário Lino, 35 anos de idade, 15 de residência no Continente, em Lisboa e no Sporting.

Treze internacionalizações.

Um ano como adjunto de Caiado, dois ao lado de Vaz, agora um homem só, com poder de decisão à frente de um «plantel» de «leões». Incubiram-no de entregar a equipa física e moralmente recuperada a quem se seguir. E tenta cumprir a missão honestamente e com ideias próprias.

— A decisão não constituiu novidade para mim, pois com Caiado tinha-me acontecido o mesmo e foi-me entregue a equipa durante um período transitório. Tirei um curso de treinadores aos 26 anos para preparar estas emergências e para singrar na profissão. Antes de tomar o comando da equipa, e mormente no final da última época, recebi convites de quatro clubes da primeira e vários de equipas prestigiosas da segunda divisão. Estou-lhes muito grato pela confiança demonstrada, mas depois de quinze anos no Sporting só de cá sairei no dia em que me disserem que já não interesso ao clube. O meu actual teor de vida foi aqui adquirido, o clube foi a base para a minha promoção. Natural que lhe esteja muito agradecido.

MEDO?

— Longe de mim a ideia de medo ao pegar na equipa. Cerca de setenta por cento dos jogadores foram meus colegas e os restantes conhecia-os suficientemente bem, do dia-a-dia, para confiar na sua boa vontade e na sua categoria, no sentido de levarmos o Sporting ao estilo de jogo e às vitórias que como clube grande deve justificar. Estou a notar interesse no trabalho, todos vêm treinando com alegria e manifestando consideração pelos meus métodos. Todos juntos e com a supervisão do sr. Armando Ferreira constituímos uma equipa unida e que vai fazer coisas. A massa associativa tem dado provas de estima e de carinho apoiando a equipa nesta fase de transicção ainda que as exibições nem sempre se desenrolem como pretendemos.

ABUSOS NO DEITAR TARDE

— A minha primeira preocupação foi mudar o horário dos treinos passando a efectuá-los de manhã. Via que a autorização para deitar tarde propiciava de abusos e o facto de na parte da manhã o jogador ficar na cama também lhe era prejudicial. Ou vinha para o treino mal alimentado — uma pessoa quando se levanta não tem grande vontade de comer — ou vinha com o estômago ainda cheio, talvez por ter ingerido alimentos mais pesados ao almoço. Certo é que o aproveitamento nunca era o mais desejado. Todos aceitaram a mudança de horário e é outro o ambiente no decurso das sessões de preparação.

Outra preocupação desde o início foi intensificar o treino. Na minha maneira de ver, e sem querer com isto fazer crítica pois cada treinador tem os seus próprios métodos, a equipa do Sporting devia alargar o seu jogo para outras zonas do campo, o que obriga a maior dispêndio de energias. A grande maioria não podia corresponder sem intensificar o trabalho diário.

MUDANÇA TÁCTICA

— A preparação tem visado, sobretudo, dar a cada elemento maior capacidade e em tornar mais objectivo o futebol de conjunto. Há mais campo para manobrar e como não vamos jogar sobre a defesa os jogadores passam a estar menos apoiados e é-lhes exigido outro esforço. Cito o caso do Leixões. Começámos bem, a jogar largo, como eu pretendo, e marcámos dois golos. Simplesmente faltou a resistência física e quebrámos nítidamente. Isso é que vamos procurar evitar.

O Sporting, pelo seu prestígio, pelas suas ambições e pela categoria dos seus jogadores tem de ser uma equipa totalmente de ataque. Nem este facto invalida que se feche quando o adversário tem a bola. Também não invalida que consigamos melhores resultados com mais alguns reforços. Para já temos um bom «plantel», mas se outros forem adquiridos, tanto melhor.

LUÍS CARLOS.. "Sou tão bom como Flávio"

Desde o regresso à Argentina de Miguel Di Pace, que o Belenenses não contrata, para a sua equipa de futebol, um jogador estrangeiro cujo valor se situe acima da mediania. Carlos Pedro foi um atleta muito irregular, embora, ainda hoje, os belenenses recordem com a saudade própria da casa, os seus remates do «meio da rua». Do brasileiro Luis Carlos, já há quem diga que talvez seja o melhor futebolista estrangeiro que actua em Portugal. E Flávio? E Yazalde? E Wagner? E Luís Carlos:

«Bem, quando se fala em melhor, a gente tem o Pelé e o Eusébio. Depois temos os outros. E é sempre difícil entre jogadores de diferentes características, dizer qual o melhor. Enquanto o Flávio é um finalizador nato, eu sou mais tecnicista, construo mais jogo. O melhor não sei se sou. Sei apenas que não sou o pior. Sou tão bom como o Flávio...

Luís Carlos de Freitas nasceu em São Paulo ao décimo sétimo dia do mês de Agosto de 1946. Começou cedo a jogar futebol numa equipa de clube:

«Foi no Palmeiras, com treze anos. Quando passei a senior mudei para o Santos. Estive depois no Olaria até vir para o Belenenses. Apareci cá através dum convite do senhor Salustiano Lopes, que me viu actuar numa partida contra o Fluminense. Estou «emprestado» até 31 de Julho. Se antes dessa data, o Belenenses acertar comigo, pode comprar o meu «passe» pois tem prioridade. Aliás, eu gostar de ficar, gostava. Só que há várias coisas que podem influir: motivos familiares e alguns assuntos que eu tenho no Brasil que não estão dando muito bem. Se tudo se resolver até Julho tanto melhor, senão volto para o Santos porque tenho lá um contrato para cumprir.»

De palavra fácil como quase todos os seus compatriotas, Luis Carlos respondeu duma assentada, a várias perguntas. Falou depois sobre o seu actual clube:

«No Belenenses desenvolve-se um trabalho muito valioso. «Eles estão trabalhando como base na formação de novos elementos e parece que vão contratar pessoas capazes, que poderão fazer com que a equipa de futebol possa, dentro de dois ou três anos, discutir o título de campeão».

É certo e sabido que os adeptos «azuis», ainda que iguaizinhos aos dos outros clubes, formam uma massa associativa particularmente difícil, tantas as desilusões que, de há duas décadas a esta parte, vêm sofrendo.

«Eu tive a felicidade de, logo no princípio, ir bem numa partida. Quando regressei, depois de curar o braço fracturado, vinha mal, em baixo de forma e «eles» compreenderam. Agora com a subida da equipa vão voltar a aplaudir a gente. Os associados querem é ver o «time p'rá frente». Eu tenho um clube no meu bairro e quando ele não ganha também lá vou assobiar».

Os jogadores do Restelo são frequentemente acusados de falta de categoria. Sobre isso, tem Luís Carlos ideias definidas:

«Quinito, Murça e Laurindo são excelentes jogadores. Freitas e Mourinho já deviam estar na selecção. Pena, se trabalhar, pode vir a ser um grande defesa e o Pietra é um moço sensacional. Nos mais novos, vejo grandes possibilidades no Nelo, no Caetano e no Teles.»

O Estêvão dizem que está gordo. O Ernesto que é um «matacão».

«Quando as coisas não dão certas as pessoas vêem gordura no Estêvão. E esquecem que ele jogou tão mal como a equipa toda. Em minha opinião o Estêvão é um futebolista de muita utilidade na equipa. O Ernesto atravessa fases menos boas, mas é um avançado «rompedor» que ainda agora, contra a Cuf, deu dois golos a marcar. O Belenenses passou a eliminatória e nós trouxemos o dinheirinho. O futebol não é só para jogadores habilidosos. Tem que haver quem dê combate».

Já há alguns meses em Portugal, o que pensa Luís Carlos do nosso futebol?

«Se o campeonato parasse e se houvesse mais treinamento a selecção batia-se com qualquer uma. Tem jogadores aqui que eu fico «vidrado». Sempre que posso vou a Setúbal ver jogar o Jacinto João. Gosto do Matine e do Diamantino. O Jordão me entusiasma. E já não falo de Eusébio, de Artur Jorge e de outros «caras» que há por aí.»

O futuro é (ou devia ser) a preocupação dominante do homem do pontapé na bola:

«Até agora tive doze treinadores. Procurei aproveitar o que eles tinham de mais positivo. Se conseguir reunir um pouco das qualidades de cada um, poderei dar um bom técnico. Mas ainda sou um pouco novo, você não acha?»

Luís Carlos despediu-se subiu a escada do túnel de acesso ao campo e foi à vida. Debaixo de chuva copiosa deixámos o Restelo, recordando ainda o sorriso limpo de Zezé Moreira, quando lhe dissemos ao que íamos:

«Como não?»

Um homem para, dentro de dias, engrossar um pouco mais a saudade de Belém.

"Só saio do Sporting s

DINIS

— Desde que tomei conta da equipa o sentido orientador do nosso jogo é entrar pela esquerda, com um extremo, Dinís, nítidamente aberto e virado para a baliza do adversário. Isto não quer dizer que Dinís não ajude os seus colegas. Defende quando a equipa defende e é o primeiro a fazer «pressing» se o adversário ganha a bola, nomeadamente se conduzida pelo defesa direito. Ele será pedra base no nosso esquema. Pode jogar-se em 4-2-4 ou em 4-3-3 com a equipa retraída no nosso meio campo e pode jogar-se com os elementos adiantados. Nós vamos jogar na base dos dois sistemas em alguns casos mesmo num franco ataque com quatro avançados e dois extremos na linha. Aí Dinis e Chico serão fundamentais, dada a liberdade de movimentos que vão ter a necessidade de serem os primeiros a fechar quando disso houver necessidade.

NANDO

— De entre os elementos mais jovens do «plantel» e em vias de consagração, Nando é nome a fixar. É um rapaz cheio de qualidades, ágil, de boa compleição física, com uma velocidade que raramente se vê por aí, sentido de baliza e do golo, potência de remate e sobretudo a intuição dos grandes jogadores de futebol.

Nas ocasiões em que tem sido chamado, Nando tem correspondido e dá a ídeia que num futuro muito próximo virá a ser um dos jogadores fundamentais do primeiro «team» do Sporting. Àparte todos os pormenores técnicos ele é já um homem completo, responsável por si, apesar dos seus vinte anos. O seu comportamento plenamente responsável, como se tivesse mais dez anos, mais reforça a sua candidatura a titular do Sporting.

LARANJEIRA

— Outro jogador em que o Sporting confia e de quem pode esperar um futuro brilhante é Laranjeira. Como júnior já era desnivelado em relação ao que de melhor havia na categoria e depois disso confirmo ple-

RUI [ATLÉTICO]:

Ponta-direita no 4.º Ano do Instituto Industrial

Fomos à Tapadinha e perguntámos por ele: aqui vai a sua história.

Chamo-me Rui Soares dos Reis, nasci há 22 anos, e comecei a jogar futebol aos 14, no clube da terra, o Seixal, onde estive durante 7 épocas consecutivas. Entrei para os séniores com 18 anos e nessa altura tive vários convites: da C.U.F. e do Vitória de Setúbal, mas um traumatismo na rótula impediu-me de mudar de equipa e até de alinhar pelo Seixal por uma temporada. Porém, tudo passou e no ano passado transferi-me para o Atlético, onde alinho na ponta direita.

TREINADORES

Já conheci vários treinadores, desde Filândio (antigo jogador do SLB), Ismael, Zé Rebelo Oñoro (no Seixal) e Peres Bandeira e Ted Smith (no Atlético). Com todos aprendi, mas devo citar Mário Mom, Zé Rebelo e Zé Abreu porque foram os que «puxaram» por mim quando era miúdo, descobrindo e aperfeiçoando as minhas faculdades para o futebol.

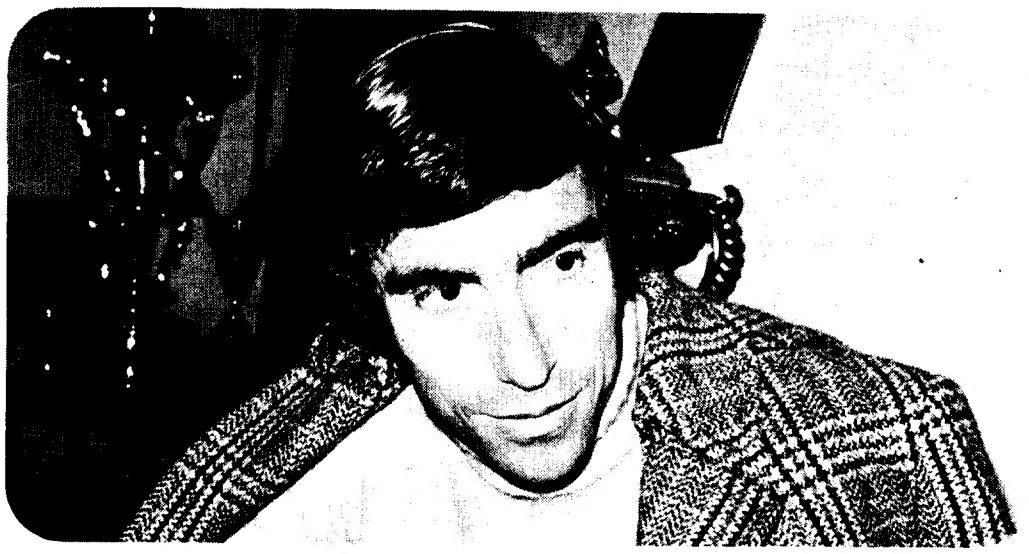
Participei na Selecção de Setúbal que veio jogar (e perder por 1-0) contra a de Lisboa (em 1964 e também estive nos treinos de júniores em 68, quando na selecção estava Peres Bandeira. Fiquei por aqui, embora tenha esperança de ir mais longe: por enquanto ainda é cedo para falarmos disso.

O PROFISSIONALISMO

Estranhei imenso (como era de esperar) a minha passagem do amadorismo (no Seixal) para o profissionalismo (do Atlético), principalmente pelo ritmo e intensidade dos treinos. Aqui trabalha-se muito, visando sobretudo a preparação física (que eu considero essencial para se conquistarem bons resultados. Nesse aspecto, temos o exemplo do Benfica, quanto a mim a melhor equipa nacional. O Brasil é o país em que se pratica melhor futebol, mas, se a sua selecção não tivesse força e técnica individual não tinha conquistado o Campeonato do Mundo. Em resumo: para mim a força numa equipa é fundamental.

FUTURO

Tenciono continuar a estudar e a jogar futebol, como tenho feito até aqui, e acabar dentro de dois o meu curso no Instituto (estou no 4.º ano). Agente técnico é o mínimo que tenciono atingir nos estudos mas esperemos pelo futuro. Para já, o meu contrato acaba para o ano, mas tenciono continuar a jogar por muitas mais temporadas. Quando a idade já não o permitir tenciono usar o meu curso e despedir-me do futebol. Por agora estou mais preocupado com o jogo de domingo (contra o Vitória) e com o Carriço, meu adversário directo.



CARDOSO, "CAPITÃO" DO VITÓRIA:

"Estamos mesmo ao lado do Benfica"

Carlos Alberto Lourenço Cardoso nasceu em Setúbal, a 29 de Dezembro de 1944, foi «internacional» de «esperanças» (em Paris, frente á França) e vestiu já a primeira camisola de Portugal (em Wembley, perante a Inglaterra). Desde sempre jogador do Vitória de Setúbal é o actual capitão da turma de Pedroto.

«Antes de começar a jogar futebol era aprendiz de serralheiro durante o dia e estudava à noite. Principiei a jogar futebol aos 14 anos, mas até aos dezoito continuei a trabalhar e a estudar. Só com essa idade é que deixei definitivamente tudo para me dedicar exclusivamente à bola. Comecei nos juvenis do clube da minha terra, numa altura em que abriram as inscrições para as escolas do Vitória. Durante dois anos joguei já na posição de defesa central. Depois, mais duas temporadas nos juniores: finalmente subi à primeira categoria. Ainda fiz alguns jogos na reserva mas depressa cheguei lá acima.

«Quando entrei na primeira equipa era treinador Fernando Vaz, com quem nunca tive problemas, nem posso dizer que me tenha dado bem ou mal. Não crio, por princípio, problemas a ninguém: nem colegas, nem dirigentes, nem treinadores. Por isso, é muito difícil que alguém se dê mal comigo. Nesta altura convirá pouco falar de Fernando Vaz, pois têm-se dito tanta coisa que pouco interesse teria a minha opinião. Depois, veio para cá José Maria Pedroto que tem dado, sem dúvida alguma, perfeitas provas do seu valor e competência. Todos estamos satisfeitos e seria óptimo que ele cá continuasse, pois já nos conhece e isso é muito importante. Comecei a ser capitão da equipa depois do Jaime Graça e do Conceição terem saído do Vitória. Sou o jogador mais antigo do clube, sempre pertenci à «prata da casa» e daí que seja natural capitanear a nossa equipa.»

«Na temporada de 69/70 atingi o meu melhor: consegui fazer todas as partidas do Nacional e alcancei a internacionalização, em Inglaterra. Não tive lesões: tudo me correu pelo melhor e mantive, durante toda a época, um nível exibicional muito aceitável. Este ano nem tudo tem corrido pelo melhor: estive durante dois meses afastado da equipa, pois fracturei um braço no jogo com o Leixões, e depois levei um certo tempo a readquirir a forma plena. Não sou jogador para dar muito nas vistas, pois a minha principal preocupação é a de servir a equipa: há jogadores que dão mais nas vistas por esta ou por aquela razão, mas eu limito-me a cumprir e raramente faço «flores». Actualmente estamos servidos por dois bons guarda-redes, que, que me dão muitas preocupações: a jogar com qualquer deles sinto-me perfeitamente à vontade».

«O clube tem de praticar bom futebol pois é a única maneira de conseguir contrariar o melhor índice atlético da maior parte das equipas. Internacionalmente, começamos a ser notados a partir do momento em que os jogos lá fora começarem a suceder. Em 67/68 jogámos com o Aarhus, fomos eliminados da «Taça das Feiras» e isso serviu-nos de exemplo: nessa mesma época os nossos contactos internacionais apareceram com mais frequência e nunca mais estivemos em inferioridade fosse contra quem fosse. A nossa principal «mística», que consegue verdadeiros êxitos para todos nós, é a grande camaradagem que existe entre jogadores, treinadores e massa associativa. A nossa melhor época foi a última: em que ficámos em segundo lugar no campeonato nacional e só fomos eliminados da «Taça das Feiras» nos quartos de final, pelo poderoso Leeds. Pode não ter sido a melhor em qualidade futebolística mas foi a melhor em resultados».

«O Sindicato veio um pouco tarde para mim, mas vem beneficiar os novos. Uma coisa é certa: fez-se finalmente justiça. Se somos profissionais devemos ser reconhecidos como tal e não podemos andar à vontade de todos. Uma caixa de previdência e de reforma são coisas que é urgente que se criem. Não estou realizado no futebol, pois nessas condições só devem estar dois ou três. Tenho ganho «uns dinheiros», que já me deram para comprar um andar e mais umas coisinhas. Só devo jogar mais dois ou três anos e depois se verá o que pode ser o meu futuro.»

«Faltam ao clube 30 ou 40 mil sócios para que Setúbal tenha uma grande equipa de futebol. Faltam sócios que empolguem a equipa e a acompanhem nas suas deslocações fora da cidade. Este ano, por exemplo, se não somos o principal candidato ao título isso deve-se exclusivamente ao facto do Benfica ter feito um campeonato extraordinário, ganhando até pontos (Setúbal, Alvalade e Antas) onde habitualmente não venceria. Se formos a ver, só perdemos uma vez nesta prova e logo com o Benfica, pois no restante tudo foi muito bom. Os rivais do futebol português são o Benfica e o Sporting, mas no plano futebolístico tenho a certeza de que o Benfica encara os jogos com o Vitória com maiores preocupações que contra o Sporting. Indiscutível que Benfica e Vitória de Setúbal são neste momento as melhores equipas portuguesas. Estamos lado a lado.

Cardoso é, pois, um homem satisfeito com o seu Vitória. Porta-voz (talvez) do pensamento da maior parte dos seus colegas sintetizou absolutamente o que representa para o futebol português o potencial do vice-campeão nacional, hoje em excursão à Tapadinha.

...se me mandarem embora"

Entrevista por DANIEL REIS

namente todas as suas potencialidades. Num futuro também próximo ele será um dos mais válidos jogadores do futebol português. Oxalá saiba reagir de cabeça fria, pelo menos o suficiente para justificar as oportunidades que lhe forem dadas.

TOMÉ

— A lesão de Tomé vai levar cerca de três semanas a debelar, o que eu muito lamento pois faz parte do lote dos «consagrados». Por isso veio afectar os nossos planos, uma vez que é jogador titular e estava a trabalhar com enorme vontade para alcançar a forma plena. No meio campo temos outro problema para resolver. É o caso do Vagner. É um jogador excepcional (tècnicamente) e assim justificou a transferência para o Sporting. Quanto a mim, Vagner tem lugar em qualquer equipa da Europa. Quando puder jogar, não tenho dúvidas que dará um novo aspecto ao futebol da equipa pela sua qualidade técnica.

Quero realçar o facto de cumprir perfeitamente as suas obrigações ainda que não possa jogar. Normalmente um jogador sem competição esmorece, perde o entusiasmo. Vagner, porém, é o primeiro a trabalhar e a preparar-se conscienciosamente para o que der e vier.

YAZALDE

Um dos nossos problemas aqui no Sporting foi o de Yazalde, que tinha parado durante bastante tempo. Está a sair de uma lesão grave e não poderia recomeçar a treinar em força. Fizeram-se algumas sessões de recuperação funcional e nestes últimos treinos já se integrou plenamente no trabalho colectivo. A lesão, felizmente, já lá vai e Yazalde não estará muito longe de aparecer na plena posse das suas qualidades de goleador.

AQUISIÇÕES

— S é verdade que não há muitos jogadores de categoria que interessem ao Sporting, e cada vez vai havendo menos gente de classe, também é certo que há alguns que nos seriam úteis. Bons jogadores nunca são demais. O Sporting sempre procurou reforçar o seu quadro de jogadores e tenho a certeza que mais uma vez os directores estarão atentos a possíveis elementos com interesse. Até porque as ambições do Sporting têm de ser mesmo voltadas para o exterior para as provas internacionais que dão dinheiro e prestígio.

«Em todo o caso temos três ou quatro juniores susceptíveis de promoção e de bom rendimento futuro. Álvaro Jorge é mesmo um jogador de excelente categoria para a sua idade e Quaresma, Castanheira e Henriques têm as qualidade básicas para triunfar no futebol profissional.

Manaca e Peres: a estrutura do novo meio-campo «leonino»

COLECTIVIDADES POPULARES

Por ALEXANDRE PAIS

SPORTING DE LINDA-A-VELHA.. LEÃO QUE LUTA NÃO MORRE

Os homens que treinam na estrada

Linda-a-Velha é hoje, um aglomerado populacional que ronda os trinta mil habitantes. O seu clube mais representativo (melhor: o seu único clube) é o Sporting de Linda-a-Velha, que conta com cerca de quatrocentos associados. Como se explica o desinteresse dos habitantes pelas actividades (e dificuldades) da agremiação? Talvez que a razão fundamental resida na falta de actualização que se verifica nos chamados «clubes populares». Os estatutos, com vários decénios em cima, espartilham a vida das associações e circunscrevem-nas à simples condição de «imitações de bairro». Nos apressados tempos que correm, que atractivos oferecem ao cidadão os modestos clubes que se designam (no vulgo) por «sociedades recreativas?» Em Linda-a-Velha o problema põe-se com especial acuidade, porque um outro o reforça substancialmente. Como vivem e, em especial, onde vivem, as pessoas que residem na localidade?

Tema de implicações profundas, não cabe no âmbito deste artigo, mas nem por isso deixa de justificar muito do que nele se insere. Esmagado pelo peso das agruras que o atormentam, numa cave da Calçada do Chafariz, luta pela sobrevivência o Sporting de Linda-a-Velha.

Carlos Sales, o presidente : «Os filhos da terra não ligam nenhuma a isto...»

«Pagávamos mil e quinhentos escudos de renda, mas a senhoria, o ano passado, resolveu aumentá-la para um conto e oitocentos. De água, vão todos os meses seiscentos escudos e de luz ainda mais: anda pelos novecentos escudos. Temos também de pagar um conto de reis à mulher-a-dias e dar algum para o telefone. Com as despesas de deslocações e de aluguer de campo, os nossos encargos mensais são da ordem de cinco mil e quinhentos a seis mil escudos.»

Isto mesmo nos diz o sr. José Ventura, de 25 anos, empregado de balcão na «Sorel» e vice-presidente da colectividade. Mas quais as receitas de que o clube dispõe, para poder suportar aquelas despesas? Fala-nos agora, o secretário-geral, Mário Ribeiro, serralheiro civil:

«Vivemos da cotização, dos bailes e da bilheteira do futebol. Mas às vezes ainda temos prejuízo. Outro dia, com um baile, perdemos setecentos escudos. E quando ganhamos é muito pouco. A mesma coisa com o futebol. Aquilo é muito raro dar dinheiro. E este ano jogamos mais perto, no campo do União de Algés. Na época passada, quando íamos para Cascais, era uma desgraça.»

O Sporting de Linda-a-Velha pratica além do futebol, a luta greco-romana. Qualquer dessas modalidades luta com as limitações que fàcilmente se adivinham. Oiçamos o «capitão» da equipa de futebol, Vitor Conceição:

«O campo faz-nos muita falta. Já fizemos vários pedidos ao presidente da Câmara de Oeiras, mas apesar das promessas estamos na mesma: continuamos com a casa às costas. O treinador, Zeca de Sousa, que foi jogador do Benfica, não ganha um tostão. As botas e os equipamentos estão sempre a precisar de reforma. Mesmo assim, a equipa vai em terceiro lugar na sua zona, da 3.ª Divisão distrital. Ainda podíamos chegar ao primeiro, se não perdêssemos mais nenhum jogo. Mas é difícil. Pràticamente não treinamos. Às quintas-feiras depois das sete da tarde, vai tudo a correr por aí a baixo até ao Estádio Nacional. Bate-se a bola num bocado que há ao pé do relógio da estação. Temos que parar sempre que passa um carro. Claro que, assim, a rapaziada desmoraliza. Estão vinte e dois jogadores inscritos na Associação e nem metade aparece para treinar.

Mas há outro problema relacionado com o futebol. Dele nos dá conta, um dos maiores entusiastas pela vida do clube, o sr. João da Cruz, de 21 anos, serralheiro de profissão e actualmente no serviço militar:

«A Associação só distribui o dinheiro das receitas no final da época. Ora nós que compramos o material indispensável antes de começar o campeonato, ficamos sem possibilidade de o irmos pagando. Conclusão: uma dívida de dois contos e tal, para liquidar não se sabe quando. E, já agora, mais um pequeno pormenor: como não temos recinto próprio, os árbitros favorecem sempre os nossos adversários. Ai não, pudera! Depois como é que iam ao campo deles?»

A outra modalidade que se pratica em Linda-a-Velha, a luta greco-romana, bate-se com dificuldades idênticas:

«Precisávamos de tapetes e contactámos a Federação. Disseram-nos que não tinham verba. Pedimos então ao Belenenses que nos desse os tapetes de que já não necessitassem. Fomos atendidos mas o problema mantém-se para as partidas oficiais: como os tapetes estão muito velhos são os outros clubes que trazem os seus. Se algum dia algum se recusar, perdemos por falta de comparência».

Assim falou o presidente do clube, o empregado comercial Carlos Sales, de 38 anos, que não arranja quem lhe pegue no lugar:

«O nosso mandato termina em Setembro e se calhar temos que ficar. Os filhos da terra não ligam nenhuma a isto!»

Num tapete roto e apodrecido uma dezena de jovens treinam com vista ao Campeonato Nacional de luta greco-romana. A formação é treinada por Jorge Agrela, de 26 anos, há pouco regressado do Ultramar:

«Comecei no Pedrouços onde também pratiquei natação. Estou aqui há um mês e só tenho tido dificuldades. Faltam equipamentos e fatos de luta. A lona está neste estado. Só uma coisa não falta: material humano. Não poderíamos ser ajudados?»

Além do futebol e da luta, quais as outras modalidades que poderão interessar os «leões» de Linda-a-Velha? Estão previstas algumas actividades culturais? Pusemos as questões ao tesoureiro da colectividade, António Esteves, comerciante:

«Isso é que era bom! Nem dinheiro temos para pagar ao cobrador. Somos nós que andamos de porta em porta a passar as cotas. Tivemos de deixar de praticar o hóquei em campo por falta de fundos. Vamos ver se «aguentamos o barco» com aquilo que temos. O único subsídio com que contamos são os três mil escudos anuais, que a Câmara de Oeiras nos concede».

A um canto da sala mantinha-se calado outro dirigente do clube. Ele sentia, visìvelmente, a responsabilidade que lhe cai sobre os ombros. Fernando Passos, de 25 anos, trabalhador numa fundição, desabafa:

«Isto é uma tristeza. Não se vê o resultado do nosso esforço. Se tivéssemos o campo podia ser que conseguíssemos arranjar mais sócios. Os que temos também pouco ligam a isto. Nem os jogos de matraquilhos são nossos. O dono dá-nos uma comissão e é pegar ou largar. Como podem os rapazes da luta treinar em condições com este barulho todo?

A seguir a par e passo as declarações dos seus consócios estava o sr. José Soares, ex-presidente do clube e associado há 28 anos:

«O Sporting de Linda-a-Velha foi fundado em 1921 e é uma das agremiações mais antigas do concelho de Oeiras. Não ganha é nada com isso. Nem para obras se consegue um subsidiozito. O Totobola? Não passa por cá. Eu gostava de saber para onde é que vai aquele dinheiro todo...»

Os habitantes de Linda-a-Velha devem apoiar o Sporting local. Porque para além dos problemas comuns a todas as actividades, há aspectos humanos que é necessário estimular. Querem um exemplo? Oiçam o sr. João da Cruz:

«Há tempos, apareceu-nos aqui um rapaz da Guiné que queria jogar futebol. Começou a treinar e fomos inscrevê-lo à Associação. Nos documentos faltava o diploma da instrução primária: e não nos aceitaram a inscrição. O moço, muito abatido, pediu aos pais para lhe mandarem o certificado pelo correio. Como resposta, recebeu uma carta em que lhe davam conta de que a casa onde viviam tinha ardido e se tinha perdido tudo. Perante isto tem de fazer novo exame e como não tem posses é o clube que chama a si esse encargo. E assim já lá vão mais quatrocentos e tal escudos...»

Não são necessárias mais considerações. Que cada um tire do que aqui se disse as conclusões que quiser. Mas se mora em Linda-a-Velha, tem uma atitude a tomar: pegue em 22$50 (a cota é de 7$50) e em duas fotografias, e dirija-se à cave do lote D da Calçada do Chafariz. Aí permanece (e há-de continuar) o Sporting de Linda-a-Velha. Ainda que seja pedindo aqui ou agradecendo acolá:

«A Imprensa bem podia «dar uma mãozinha» à gente. Se os jornais nos dessem uma assinaturazita, sempre apareciam mais sócios. Diga lá, a ver se se lembram da «malta». Aqui fica.

« O Totobola Não passa por cá...»

rega por aspersão "BAUER"

rega em todo o terreno... rega todas as culturas.

SC-4

ASPERSORES de jacto raso
de jacto simples
de grande alcance
— de rega em sector
— de jacto duplo (para chorume, modelo especial)

TUBAGEM transportável, com acoplamento rápido, articulado.
pressão de serviço 20 kg/cm²

INSTALAÇÕES DE REGA POR ASPERSÃO
• transportáveis • semi fixas • totalmente fixas
• MATERIAL P/ FERTIRRIGAÇÃO
• EQUIP.to P/ ESTABULAÇÕES
• rega de humedecimento
• rega contra geadas
• rega com estrume liquido
— projectos para: agricultura e pecuária

MOTO BOMBAS
ELECTRO BOMBAS
BOMBAS P/ TRACTOR
grandes stocks

VIATURAS — CISTERNA para aspiração automática e aspersão de estrumes líquidos
BAUER
capacidades: 1.700 a 4.500 litros

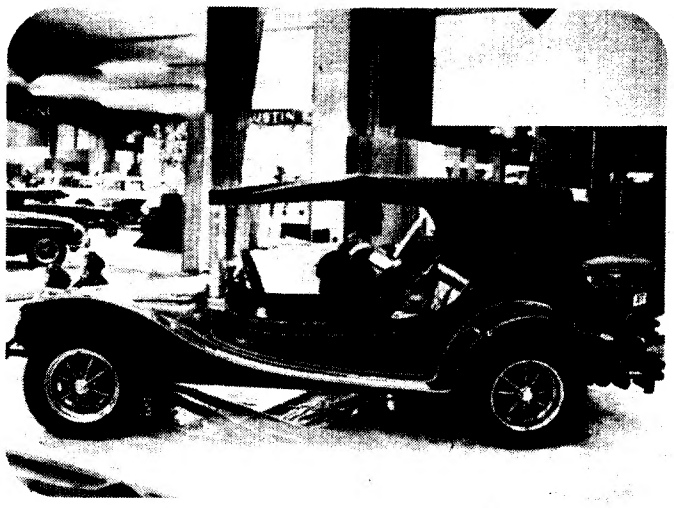
Ao Serviço Informativo ENG. GUSTAVO CUDELL
Apartado, 248 - Porto
Queiram enviar-me literatura sobre:
◯ Rega de humidificação;
◯ Rega com chorume;
◯ Equip. p/estabulações;
◯ Viaturas cisternas;
◯ Bombas para tractor.

Temos muitas centenas de instalações "BAUER" em todo Portugal!... ...adquira V. Ex.ª também UMA.

CONSULTE A NOSSA DIVISÃO REGA

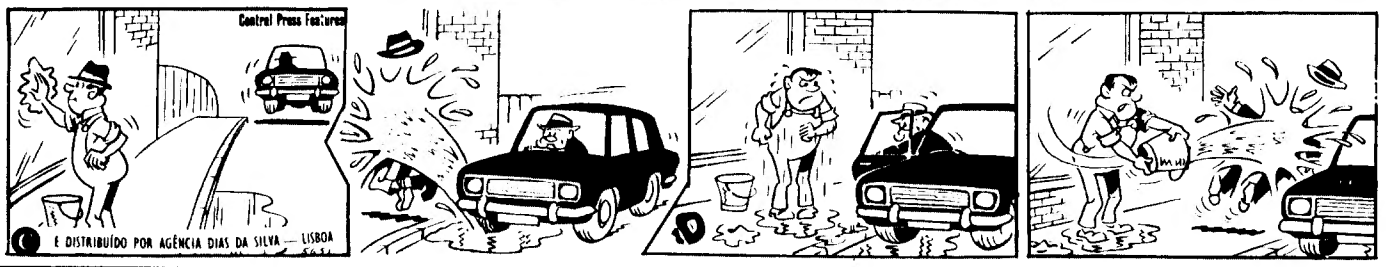
ENG. GUSTAVO CUDELL

● DIVISÃO O+P ● DIV. REGA ● DIV. MÁQUINAS ● DIV. TRANSMISSÕES MECÂNICAS ●
PORTO - Rua do Bolhão, 157
Telef. 37966 (5 linhas) - Telex 2723
LISBOA 1 - Rua Passos Manuel, 69-A
Telef. 539127 (4 linhas) - Telex 1439



O fenómeno "Buggy"

Quem não se lembra das incríveis correrias que Steve McQueen executava sobre as areias doiradas da praia com um «Beach Buggy» na película «O Grande Mestre do Crime»! Com a sua actuação nesse filme, o popular actor americano veio incentivar um fenómeno que está a propagar-se a todo o mundo: o fenómeno «Buggy» (micróbio). Para promover a «infecção», que tal este «Apal-Buggy», que estará patente no Salão de Genebra, que é inaugurado na quinta-feira.



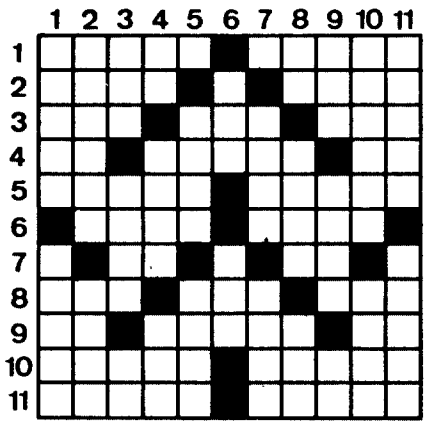
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10 031

HORIZONTAIS

1 Nome de homem. Versejam.
2 Em mais alto grau. Largo trato de terra banhado por um rio.
3 Vara ou báculo pastoral, que o pregador leva para diante do imã, quando sobe ao púlpito no templo de Meca. Tempo do verbo ir. Prátria.
4 Oferece. Época avançada. Mil e cem em romano.
5 Ficar quieto. Nesse caso.
6 Combina. Dividir ao meio.
7 Gálio (s.q). Senhor.
8 Artigo indefinido. Pronome relativo. Nome de letra.
9 Niquel (s.q). Soco. O mais.
10 Queda. Azeda.
11 Manha. Assassinem.



VERTICAIS

1 Querida. Jamais.
2 Sova. Dar mios.
3 Camareira. Nome de mulher. Idem.
4 Reis. Cobra venenosa de Nova Granada. Mil quinhentos e um em romano.
5 Inventará. Pronome relativo.
6 Mágoa. Rio da Europa central que desagua no Dravo.
7 Palavra latina que significa o mesmo, que se emprega para evitar as repetições. Estavam.
8 Quarto. Escritor português que traduziu em verso a Divina Comédia. Vazia.
9 Doença. Defeito (fig). Item.
10 Requife ou cordão metálico que guarnece, pela frente, uma peça de vestuário, de um lado a outro da abotoadura. Camisa (Gir. Bras).
11 Compro. Declaram.

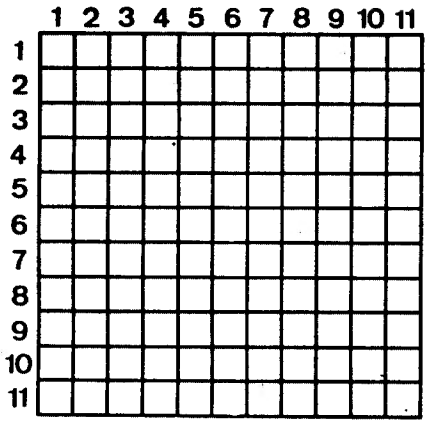
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6189

HORIZONTAIS

1 Em a. Navalha de ponta e mola (Gir). Artigo definido.
2 Manto real. Um dos pontos cardeais. Espécie de mata (T. de S. Tomé).
3 Serranos de Angola. Azedos.
4 Nada (fig). Origens.
5 Senhor em inglês. Genro de Maomé.
6 Batráquio. Viração.
7 Suster com estacas as videiras. Parte do hipódromo onde correm cavalos.
8 Ecoe. Estava. Armaria.
9 O mesmo que três. Rate.
10 Renda anual paga à autoridade eclesiástica pelos que recebiam um benefício. Curar.
11 Lutar contra uma força maior (fig). Aguça.



VERTICAIS

1 Palavras chinesa que significa sul e queentra na composição de muitos nomes geográficos. Tostar.
2 Formar as abas a. Torne morno.
3 Apelido de um grande explorador português. Embaraçam (fig).
4 Olvide. Basta.
5 Queimar. Borrifar.
6 Género de palmeiras do Brasil
7 Entusiasmo (fig). Fruta seca especialmente uvas.
8 Guardai segredo. Antes de Cristo.
9 Rezei. Rio de França e da Alemanha.
10 Formes as abas a. Abalar.
11 Solitários. Trilhara o linho com a gramadeira.

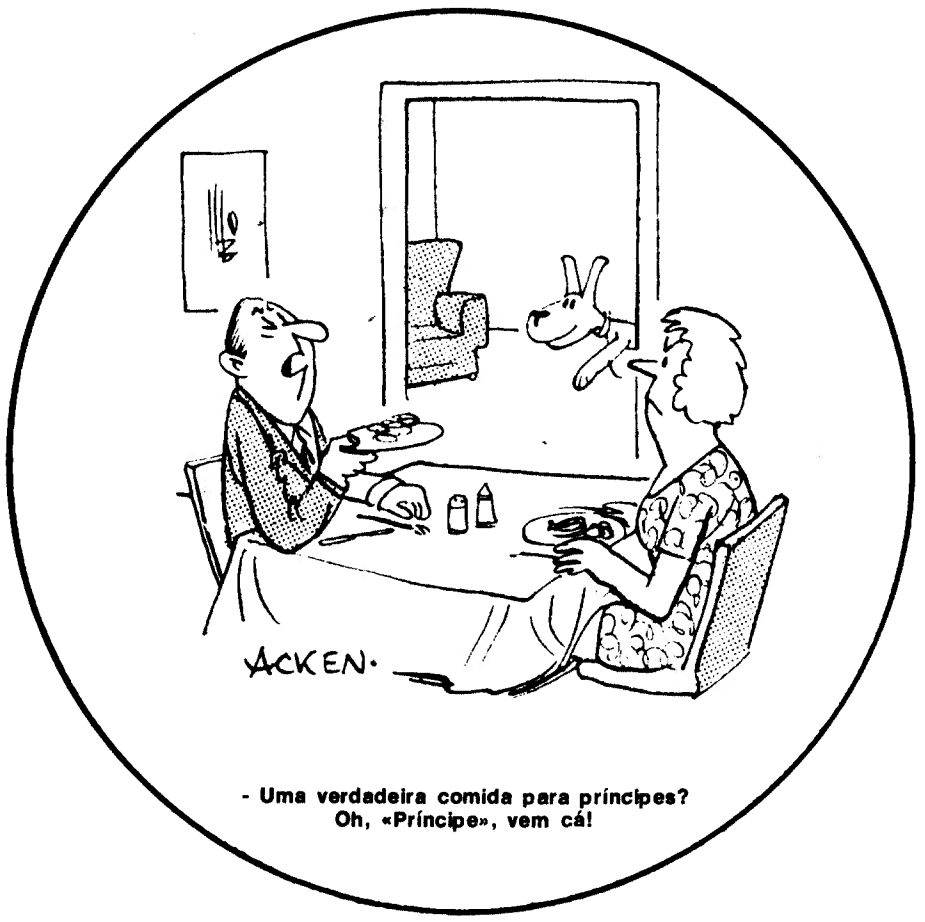
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10 030

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Remordesses.	1 Ruina. Braga.
2 Os. Se	2 DE. Ciar.
3 Ida. CMI. Mil.	3 Moa. CHAPEU.
4 Ne. Doara. AT.	4 Os. Dai. Onça.
5 Carroça.	5 Coral. Aam.
6 Chia. Nola.	6 Domar. Um.
7 Biá. Lua. Agá.	7 Irona. Pag.
8 Rapo. Egas.	8 SS. Aço. Ereo.
9 Arena. Praga.	9 Sem. Alargar.
10 Uçá. Aer.	10 Ia. Agag.
11 Al. AMIGO. Só.	11 Salta. Asado.

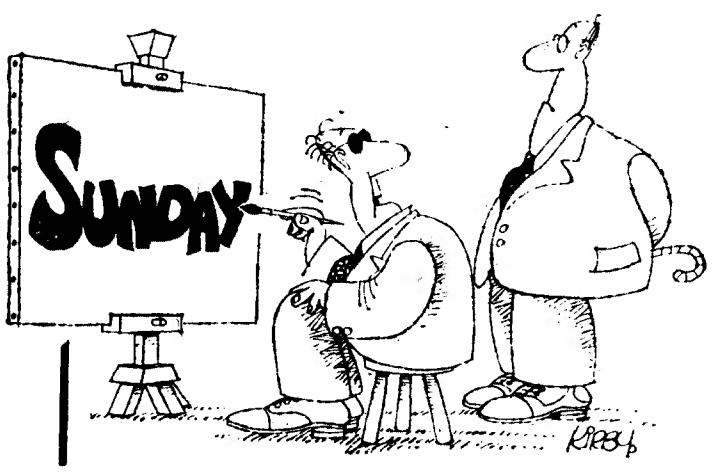
Provérbio: AMIGO SÓ DE CHAPEU

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6188

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Campelo.	1 Barreiro.
2 As. Barca. Ga.	2 Sio. Malaio.
3 Rio. Geo. Ter.	3 Oso. Selas.
4 Rosne. Corte.	4 Ab. Nua. Aaro.
5 Ou. Ui.	5 Magé. Bar. Au
6 Im. Abala. Ar.	6 Pré. Pan.
7 Ras. Ana. Ava.	7 Ecoa. Lãs. Ba
8 Olear. Sagan.	8 Lá. Tua. Alar.
9 Sala. Lila.	9 Tri. Agito.
10 Iara. Bati.	10 Geo. Avalie.
11 Pousou. Arões.	11 Barcarena.



- Uma verdadeira comida para príncipes? Oh, «Príncipe», vem cá!



- Eu sou um pintor de domingo

INQUERITO

O Benfica eliminará o FEYENOORD?

Vencido por um golo de diferença (em Roterdão) o Benfica parece ter fortes possibilidades de eliminar o Feyenoor e passar às meias-finais da «Taça dos Clubes Campeões Europeus» em futebol. Todas as atenções se concentram agora, no jogo da segunda «mão», a realizar no próximo dia 22, no Estádio da Luz. Em contacto directo com os apaixonados do chamado desporto-rei, quisemos saber da forma como esse jogo e consequentemente a eliminatória, estão a ser encarados.

Jorge Coelho

Branca da Silva

João Neves

Começamos o inquérito pelo sr. Jorge Coelho, que em passo rápido descia a Rua Castilho:

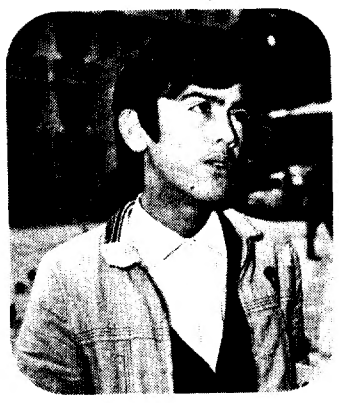
«Penso que o Benfica vai ganhar folgadamente. O facto de ter perdido lá, não quer dizer nada. Ponha aí que eu sou adepto do Sporting». Já está. Obrigado, ó desportista.

Na Rua do Loreto, recolhemos a opinião da estudante Branca da Silva:

«Acho que o Benfica tem possibilidades, até porque já estive na Holanda e conheço o Feyenoor. Se fosse com o Ajax era mais difícil. Mas é preciso que se note que eu não percebo nada de futebol...»

Na Rua da Rosa, ouvimos o sr. João Neves, engraxador:

«Cá, o Benfica ganha por 3-0. Não há nada a fazer».



Mário Silva

Luís Filipe

Armando Brás

Graciete Carvalho

Alfredo Santos

Albino Marques

À boa vida, gozando o sol e a pacífica companhia dos pombos do Largo do Camões, estava Mário Silva, o felizardo:

«O Benfica «mata» os «gajos» por 3-0. É «canja».

De camisola encarnada, atarefado na distribuição da carne inocente que nos enche o buxo, passava o jovem Luís Filipe, empregado num talho:

«Espero ir ver o jogo ao Estádio da Luz e que o Benfique ganhe por três a zero».

Funcionário público, que gostava de ser relator desportivo, assina o ponto na nossa reportagem o sr. (Armando Brás. E relata:

«Possivelmente a equipa encarnada é capaz de vencer pela margem algo escassa de três bolas a duas. É eliminado, exactamente».

Junto ao edifício do Insituto Comercial, solicitámos a opinião de uma senhora em trânsito:

«A bola é p'rós homes, não é pr'rás mulheres». E corou de indignação. Queira fazer o obséquio de desculpar.

Lucina Abreu

João Lima

De geração mais recente, mas por certo também mais feliz no acesso à educação, diz-nos a menina Graciete Carvalho, empregada numa sapataria:

«O Benfica ganha aí por uns dois a um». Então é eliminado... Perdeu em Roterdão por 1-0... **«Ai, está bem, é, é...»**

A uma esquina da Rua da Atalaia, parava o sr. Alfredo Santos, adepto do «melhor do mundo»:

Estou plenamente convencido que ganhamos aos holandeses. Claro que isto de resultados é sempre uma incógnita, mas julgo que o Benfica vai vencer por 3-0». Não há dúvida: três «secos», é fézada.

Da mesma opinião não é o cobrador Albino Marques, a prestar serviço no elevador da Bica:

«Estou inclinado (pudera!) **para os dois a um a favor do Benfica»**.

Muito preocupada com a fotografia, Lucina de Abreu largou por momentos a venda de jornais para dizer:

«Não sei de nada, mas eu cá sou pelo Benfica. Deus queira que o «boneco» fique bem». Oxalá.

Entramos, em seguida, numa perfumaria do Largo do Calhariz e pomos a questão, cremos que à proprietária do estabelecimento:

«Eu não quero saber de futebol. Olhe, se quiser, pergunte aqui a «esta». Mas «esta» (a empregada), perdida de riso, nem conseguia falar. Mais amável foi o comerciante António Duarte, que acompanha o desporto e «simpatiza com aqueles que ganham»:

«O Benfica, cá, vai resolver o assunto. Golos? Dois pelo menos?

Ali a Santa Catarina, à porta de uma casa de comes e bebes, atendeu-nos o sr. João Lima:

«Tenho a certeza que o Benfica ganha: por uns dois ou três, a um ou a zero».

Com o suor a escorrer em bica pelo rosto, um jovem aparentando vinte anos, ajudava a abrir um buraco na rua. Fez-nos com a cabeça um sinal negativo e apontando o ouvido justificou:

«Sabe, sou mudo... Surdo? **«Não, mudo»**

necessita admitir para aumento dos seus quadros de pessoal indivíduos do sexo masculino para o desempenho das funções de:

Instrutor de Simulador

que reunam os seguintes requisitos:

— 2.° ciclo liceal ou equivalente oficial
— Experiência aeronáutica como piloto
— Nacionalidade Portuguesa
— Serviço militar cumprido ou dele isento
— Menos de 36 anos de idade.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES:

Os interessados devem dirigir-se, com urgência, à Divisão do Planeamento do Pessoal — Edifício n.° 25, 1.° andar — Aeroporto de Lisboa.

TAP

TRANSPORTES AÉREOS PORTUGUESES

SE VIAJA...
POR PRAZER...
EM NEGÓCIOS
VIAGENS «IT»
AVIÃO, HOTÉIS
VISITA DE CIDADE
TRANSNAUTICA
AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO
Rua Duque de Palmela, 35
Telefones 4 26 40 / 4 93 54
5 91 25/6/7 — LISBOA